

Além de passar para 42 contos anuais

Imposto de gasóleo: acabam os "isentos"

• *Únicas excepções: táxis, transportes públicos de passageiros, veículos de deficientes e tractores agrícolas*

pág. 9

*Mantendo
a greve
da fome*
**Carlos
Antunes
nada
pede
a Ramalho
Eanes**

Pág. 5

**Feriado
no Brasil
para todos
poderem ver
o Escrete-
-Argentina**

O melhor futebol da América do Sul vai encontrar-se às 16 horas em Barcelona: de um lado o «escrete», favorito em larga escala; do outro, Menotti e «sus muchachos» (ainda campeões do Mundo), num último fôlego de sobrevivência no Mundial. Há 12 anos que a Argentina não ganha ao Brasil; por isso a capital da Catalunha está «invadida» de amarelo e verde. O jogo de hoje «obrigou» o Governo de Brailia a decretar feriado nacional.

Págs. 17, 18 e 19



Zico, brasileiro, de lenço na cabeça, treina para o jogo desta tarde

*A espera de um acordo
sobre Beirute?*
**EUA aconselham
"paciência"
aos israelitas**
**URSS sugere aos países árabes
que usem a arma do petróleo**
Os dirigentes sionistas voltaram a fazer voos durante toda a noite sobre Beirute-Oeste, cortaram o trânsito na estrada Damasco-Beirute e reforçaram efectivos na Montanha do Líbano. Ao mesmo tempo, mostram-se impacientes com a demora em «solucionar» o problema da OLP, que «ainda permanece». Face ao nervosismo que se apossa de Telaviva, Washington pede paciência, dizendo aos sionistas que aguardem um acordo.
A URSS, entretanto, condenou vigorosamente os EUA e fez um vibrante apelo aos árabes para que cerrem fileiras e usem a arma do petróleo: só assim, diz a agência TASS, poderá ser usado eficazmente o auxílio que os soviéticos não negam ao povo árabe.
Páginas centrais

**Entra amanhã
em vigor
a amnistia
concedida pela AR
quando
da visita do Papa**

Concurso «DL»/82

**Ainda pode
concorrer**

**CONTINUA A REPETIÇÃO
DOS CUPÕES DA 1.ª SÉRIE**

Hoje n.ºs 4 e 5

A grande jogada de 5 de Dezembro é...

O sábado negro de Ângelo Correia

O ministro da Administração Interna, Engenheiro Ângelo Correia, tem dado provas de ser um imaginativo. E é uma boa prova da sua capacidade imaginativa esta proposta, em que o Governo AD insiste, contra a opinião dos partidos da Oposição, de escolher o domingo, 5 de Dezembro, para a realização das eleições autárquicas.

A proposta não é inocente. A data não foi escolhida por acaso. Pretende o Engenheiro Ângelo Correia — e com ele pretenderá o Governo AD — que as eleições para as autarquias tenham lugar no dia seguinte àquele em que passa mais um aniversário do fatídico acidente de Camarate.

Não se trata apenas de mobilizar os eleitores dos partidos da Aliança Democrática sob o peso de uma evocação trágica e de fazer, em torno dos desaparecidos, e designadamente de Francisco Sá Carneiro, a unidade que os dirigentes vivos não suscitariam. Trata-se de aproveitar o período em que as outras forças políticas, em obediência à regra legal, estarão silenciosas, para desencadear uma operação de propaganda, de que a Rádio e a Televisão serão os órgãos privilegiados, a propósito do «projecto AD» personificado no grande dirigente tragicamente desaparecido.

E dir-se-á — com uma boa dose de cinismo — que a homenagem aos mortos no acidente de Camarate não constitui intervenção política no pleito eleitoral. Dir-se-á que a Rádio, a Televisão, e órgãos de Imprensa, recordando as circunstâncias do acidente trágico, não estão a servir uma política partidária.

Dir-se-á que é especulativo atribuir às evocações piedosas e ao relato de cerimónias, um carácter político que não têm. Dir-se-á que se não viola o período de reflexão e de silêncio que, por regra legal, precede os actos eleitorais, recordando um desastre e as vítimas. Dir-se-á que falar de Francisco Sá Carneiro é recordar a acção política de Francisco Sá Carneiro.

No seu maquiavelismo, o truque está à vista. O ministro Ângelo Correia, escolhendo a data de 5 de Dezembro, pretende submeter os eleitores a um massacre propagandístico durante o sábado dia 4 de Dezembro. Tem um pretexto. Não é difícil prever como esse pretexto será utilizado, sem mesura, sem pudor, sem respeito pela paz aos mortos devida.

Mal irá a um Governo — e a uma «coligação» — que desça a estes maquiavelismos.

Para a opinião pública aqui deixamos, com a chamada de atenção para uma proposta que se integra num plano de desrespeitoso aproveitamento de uma efeméride lutuosa, estas palavras de comentário. Mais uma vez os imaginativos, os criadores de factos políticos e os inventores de insurreições, abusam da inteligência e da memória dos Portugueses.

A escolha do domingo dia 5 de Dezembro para a realização das eleições autárquicas tem uma matreira motivação. O senhor ministro é imaginativo e astucioso.

E a Oposição? E as Oposições?

O "milagre" do fósforo, as aparições e o fenómeno OVNI

O texto assinado pelo dr. António Oliveira Cruz e aqui publicado no dia 12 de Maio, p.p. pretendendo comentar algumas intervenções dos signatários num programa da RDP a propósito de Fátima, merece-nos alguns reparos. É habitual entre nós, infelizmente, assistirmos a discussões em que o apriorismo e a falta de informação são os "argumentos" essenciais do debate. A prosa em questão enferma de lacunas graves relativamente à fenomenologia das chamadas "aparições de Fátima" e ao fenómeno OVNI em geral.

1—O Autor extrapolou abusiva e ridiculamente que os investigadores presentes no debate tenham transformado a "Senhora" de Fátima em astronauta a bordo de um OVNI, ao jeito de uma qualquer "space opera" hollywoodesca. O que os documentos nos retratam é uma entidade luminosa, de aparência feminina, transportada no interior de um feixe luminoso tronco cónico, de emissão gradual (progressiva/regressiva) tendo, muito provavelmente como sede uma "nuvem" de movimentação anómala e particular (ex: contrariava o sentido do vento). Não faltam exemplos modernos desta tipologia de "luz sólida", mecanismo sobre o qual se têm debruçado cientistas como o matemático Jan Heering (in «UFO Phenomena», vol. I, Bolonha, 1976) e o físico teórico Auguste Meessen (in «INFORESPACE», Maio-Setembro, Bruxelas, 1978), entre outros.

2—A mesma leviandade é demonstrada pelo A. quando coloca na boca dos convidados da RDP a ideia de que o chamado «milagre do Sol» não passaria do «fogo dos reactores desse mesmo OVNI». Este reducionismo tecnológico parece destinado a iludir o conjunto dos dados testemunhais transmitidos pelas testemunhas situadas no dia 13 de Outubro de 1917, na Cova da Iria, mormente as localizadas numa faixa com cerca de

70 metros de largura, no sentido sul-norte, sensivelmente. Esses efeitos secundários são, a saber: **calor súbito e intenso, secagem do vestuário e efeitos fisiológicos simultâneos, apenas nessa faixa e à passagem (com aproximação «à altura de uma árvore») do pseudo-Sol.** O A. ignora ostensivamente todo o conjunto testemunhal reunido na obra «Intervenção Extraterrestre em Fátima — as aparições e o fenómeno OVNI» (Bertrand, 1981).

3—Passando ao cerne da sua hipótese alternativa — o fósforo e a neuropsicologia — a ingenuidade da mesma é bem reveladora do desconhecimento da complexidade fenomenológica do caso de Fátima e igualmente dos «dossieres» contemporâneos. Se a Ufologia e os seus objectos pertencem ao campo de neuropsicologia, então, toda a Ciência, enquanto «modelo interpretativo» deve também ser considerada como concretização de princípios e «aparições» apenas existentes ao nível do cérebro. Deixaria de haver ciências para haver apenas neuropsicologia!...

Que critérios, experimentais, estatísticos, permitem ao A. supor que a sua «hipótese científica», o fósforo — é a panaceia universal para todos os casos de OVNI? Tornava-se essencial que o A. elucidasse os leitores sobre a substância da sua hipótese: sumariamente, uma impressão luminosa proveniente da excitação da retina, ou seja, aquilo que se sente quando se comprime o globo ocular mantendo as pálpebras cerradas... Estamos a antecipar os sorrisos de comisseração (e indignação) de todos quantos se defrontaram já com o **resíduo identificador, irreduzível do fenómeno OVNI:** as paralisações de viaturas, os efeitos electromagnéticos, os casos de «luz sólida», os efeitos sobre animais e sobre matérias inorgânicas, sobre instrumentos (como a neutralização dos caças

F-4 sobre Teerão), as observações radar/visuais simultâneas, as fotos (v. recentes documentos das agências de segurança USA divulgados sob a alçada da Lei de Liberdade de Informação), etc., etc., etc.

Como consegue aplicar o A. a sua tese do fósforo a 60 mil pessoas distribuídas por quatro pontos (pelo menos) da região de Fátima?! **Simultaneamente e em pleno dia?** É que, fundamentalmente, as chamadas «projeções imaginéticas» são típicas dos estados hipnagógicos e hipnópticos (i.e. os que ocorrem em quartos escuros e com os olhos fechados). Veja-se a crítica sistemática que o eng.º Bal-lester Olmos e o dr. Miguel Guasp fazem da tese da «imagery» na sua mais recente obra, «Los OVNI y la Ciencia» (Plaza & Janes, 1981). Em suma, se a hipótese do fósforo pode justificar casos pontuais nocturnos, as situações morfológicas, complexas e próximas do fenómeno OVNI não são, por ela, contempladas.

Pelo contrário, podemos dizer que, no plano experimental algumas características dos OVNI receberam já confirmação. Estão neste caso os **efeitos cromáticos**, idênticos aos verificados em Fátima, em 13 de Outubro de 1917. Se o A. estiver interessado em informar-se verá que os testemunhos do «milagre do Sol» vêm dar razão... 65 anos antes às experiências do físico e académico francês Jean-Pierre Petit, do CNRS e do astrónomo Maurice Viton. O cromatismo do OVNI (ou pseudo-Sol de Fátima) varia em função das alternadas fases de imobilização/velocidade, através da coloração do ar ambiente (excitação dos gases) pelo campo eléctrico do engenho, fonte de energia ou fenómeno, como se queira, **presente, espacial e temporariamente sobre a área da Cova da Iria** (v. «Une propulsion MHD pour les OVNI», in «INFORESPACE», Novembro, 1976).

Muito mais se poderia aduzir

no plano das mais recentes hipóteses de trabalho e demonstrações experimentais para recolocar no devido lugar a hipótese sustentada pelo A. É o caso das experiências do físico nuclear James McCampbell acerca das propriedades das microndas (zona do espectro electromagnético) na frequência dos 300/300.000 MHz e que se ajustam às consequências do fenómeno OVNI e aos efeitos produzidos em Fátima, incluindo o característico «zumbido» apercebido por testemunhas de circunstância e pelos pequenos «videntes» de Fátima quanto a «senhora» dialogava com eles (**sem mexer os lábios**). (v. «Ufology», Jaymac Company, Belmont, 1973). Por seu turno, experiências executadas por investigadores canadianos (James Lin et al), integradas num estudo global dos efeitos biológicos e aplicações médicas da energia E.M., permitiram determinar que os sujeitos submetidos a uma emissão de microndas, na frequência dos 300 MHz, registaram a audição de ruídos, entre os quais o famoso «zumbido» (v. «The microwave auditory phenomenon», in «Proceedings of the Institut of Electrical and Electronic Engineers», vol. 68, n.º 1, Janeiro, 1980).

Afinal, de que lado está a «crença» e a hipótese científica? Dos que submetem os dados empíricos a modelos testáveis e correlactos ou dos que pretendem «aprimorá-los» nas suas pré-concepções. Como «modelo interpretativo» global do fenómeno OVNI (ou Aparição), a hipótese do fósforo é um logro que tem mais a ver com a crença do que com a verificação, como vimos em breve bosquejo, não provando a nulidade objectiva, concreta e exógena dos estímulos dos «Não-identificados».

Augusto de Castro, psicólogo
Fina d'Armada, historiadora
Fernando D. Fernandes, eng.º
electrotécnico
Joaquim Fernandes, jornalista



“Viva la Muerte”

Fraco, o Governo que não sabe ser tolerante. Pobre, o sistema que não sabe ser generoso. Destituídos de dignidade, aqueles que falando de liberdade, são prisioneiros da sua própria intransigência.

Pode-se estar de acordo ou em desacordo com os métodos do PRP. Essa questão é secundária, e hoje ultrapassada. O que importa hoje, é que três, amanhã quatro, brevemente dez ou onze vidas atingem o limiar do impossível neste país de Abril: morrer pela liberdade.

Nesta dança macabra à volta de 3 vidas que hoje se extinguem, não são os amantes da liberdade que vão morrer: é o próprio Governo que já está moribundo. E sobre ele recairão as sombras das mortes daqueles que ofereceram em holocausto a vida pela vida.

A História contém os seus heróis, mas também os seus carras-

cos, e um dia ela julgará aqueles que a escrevem hoje. De um lado, a luta pela justiça, pela dignidade, pelo direito de ser livre, pela vida. Do outro, a intolerância, o medo e a morte. Afinal, de que lado se encontram os prisioneiros?

Amanhã, o Governo poderá lançar aquele gr.ito que outrora foi gritado, na Espanha fascista: **viva la muerte**. Mas aqueles que lutaram e que conheceram as prisões fascistas, aqueles que viveram a noite do exílio, aqueles que amam a liberdade e a paz, preferem gritar o gr.ito de amor à vida e à liberdade.

É este o apelo e o gr.ito que deixo aqui, à consciência daqueles que ainda hesitam hoje entre a liberdade e a morte.

Álvaro Morna



Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Pedidos pelo Correio
Podem ser atendidos, mediante pagamento antecipado, através de cheque, vale ou selos dos CTT

NÃO ENVIAMOS À COBRANÇA

Desenvolvimento mundial e corrida aos armamentos* (1)

Mário Murteira

No presente texto procuraremos situar algumas perspectivas actuais da economia mundial, em particular, no relacionamento população-recursos-meio ambiente, no contexto da corrida aos armamentos, aparentemente em vias de intensificar-se nos próximos anos.

A actual estrutura da economia mundial é fortemente desequilibrada, (Cf. Quadros I, II e III).

Mais de metade da população mundial origina menos de 1/5 da produção do planeta, contribuindo para 1/4 das exportações mundiais. Este «Terceiro Mundo», porém, contém dentro de si disparidades comparáveis àqueles que habitualmente se comentam em comparação com o mundo «rico» dos países capitalistas desenvolvidos. O produto nacional bruto por habitante — considerado como indicador grosseiro do nível médio de vida da população — variava, por volta de 1970, entre pouco mais de 200 dólares na África ao Sul do Sara e 10 000 nos ricos países exportadores de petróleo como a Arábia Saudita, o Iraque ou a Líbia. Ainda assim, o movimento mais significativo da evolução da economia mundial nas últimas décadas é o da crescente distância entre países «muito

QUADRO I

Estrutura da economia mundial cerca de 1980					
	População (Milhões)	PNB por habitante (dólares)	% População Mundial	% PNB Mundial	% Exportações Mundiais
I — Economias capitalistas desenvolvidas	671	9684	15,2	59,0	65,8
II — Economias de planeamento central	1386	1720	31,4	21,7	9,2
III — Economias subdesenvolvidas	2359	902	53,5	19,3	25,0

Fontes: Para as quatro primeiras colunas, **World Development Report** (1980), Banco Mundial. Para a última, **Manuel de Statistiques**, CNUCED (1980). O último indicador refere-se a 1979. Os outros a 1980.

o projecto da NOEI, reconhece designadamente:

Art.º 1.º

«Todos os Estados têm o direito soberano e inalienável de escolher o seu sistema económico bem como o político, social e cultural, de acordo com os desejos do seu povo sem interferências externas, coerção ou ameaça, qualquer que seja a sua forma.»

Art.º 7.º

«Todos os Estados têm a responsabilidade primária de pro-

tecipação do seu povo no processo e nos benefícios do desenvolvimento. Todos os Estados têm o dever, individual ou colectivamente, de cooperar no sentido de eliminar os obstáculos que dificultem tal mobilização e uso.»

Art.º 17.º

«A cooperação internacional para o desenvolvimento é o objectivo e dever de todos os Estados. Todos os Estados devem cooperar com o esforço dos países em desenvolvimento para acelerar o seu desenvolvimento

Apesar da consagração internacional destes princípios, a prática dos últimos anos, em particular manifestada nos resultados decepcionantes de muitas reuniões internacionais, em grande parte realizadas sob a égide da ONU, têm-se continuado a orientar em sentido frequentemente oposto ao projecto da NOEI. Além disso, a constatação do agravamento das desigualdades de desenvolvimento à escala mundial tem motivado numerosos estudos prospectivos além do mais procurando demonstrar os riscos do prolongamento destas tendências até ao fim do século ou aos começos do terceiro milénio da nossa era, e as grandes linhas de orientação que será necessário praticar para inflectir de forma positiva o actual curso de acontecimentos.

Nomes reputados de políticos e economistas — alguns laureados pelo prémio Nobel, como Jan Tinbergen e Wassily Leontief — têm dado assinalável contribuição neste domínio (1).

Não é porém apenas a polarização da estrutura económica mundial que está em causa na maior parte das análises: também a escassez de recursos face ao crescimento demográfico mundial, por um lado, e os factores preocupantes de degradação do meio ambiente, por outro lado, têm constituído temas nucleares dessas reflexões prospectivas.

Bom exemplo desta embrionária consciência planetária — de que já falava com insistência Teilhard de Chardin — é o relatório elaborado nos EUA com o título «The Global 2000 Report to the President — Entering the Twenty First Century», solicitado pelo presidente Carter em 1977 mas só concluído três anos depois (2).

Referiremos seguidamente algumas conclusões desse relatório. (Continua)

* Comunicação apresentada ao Encontro dos Trabalhadores Científicos sobre Armas Nucleares.

QUADRO II

Heterogeneidade do «Terceiro Mundo»				
	População (1980) milhões	PNB por Habit. (1980) dólares	% anual de crescimento do produto por habitante	
			1960/70	1970/80
I — Importadores de petróleo de baixo rendimento	1834	751	3,1	2,7
— África (Sub-sariana)	1133	216	1,6	0,9
— Ásia (992)	239	212	1,6	1,1
de rendimento médio	701	1638	3,6	3,1
— Ásia Oriental e Pacífico	(162)	1175	4,9	5,6
— América Latina e Caraíbas	(256)	1175	2,7	3,5
— Norte de África e M. Oriente	(30)	667	-0,2	0,4
— África (Sub-sariana)	(125)	867	2,4	0,9
— Europa do Sul	(128)	2950	5,4	3,2
II — Exportadores de petróleo	456	968	2,8	3,5
III — Exportadores de petróleo com excedentes de capital *	69	4614	7,3	5,0
IV — Total «Terceiro Mundo»	2359	902		
V — Capitalismo desenvolvido (por referência)	671	9684	3,9	2,4

Fontes: Banco Mundial, mesma fonte do Quadro I.

* Inclui os seguintes países: Arábia Saudita, Líbia, Iraque, Irão, Koweit.

pobres» e países «muito ricos». No Quadro II, verifica-se que os 1100 milhões de habitantes dos «países subdesenvolvidos de baixo rendimento, importadores de petróleo» praticamente estagnaram nos anos 70, enquanto o capitalismo desenvolvido, sobretudo nos anos 60, cresceu regularmente até atingir níveis médios de bem-estar que serão quase cinquenta vezes superiores às condições materiais das populações em estado de pobreza absoluta em certas regiões da África ou da Ásia. E repare-se que mesmo uma percentagem de 10% de aumento anual num rendimento médio, digamos, de 200 dólares representa em termos absolutos hnos de 1/4 do aumento modesto de 1% no rendimento médio de 9000 dólares (20 e 90 dólares de aumento, respectivamente).

Como se sabe, estes factos estão na origem do projecto da Nova Ordem Económica Internacional (NOEI) que a meados da década de 70 é solenemente aprovado pela Assembleia das Nações Unidas. A Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados, que consubstancia

mover o desenvolvimento económico, social e cultural do seu povo. Com este fim, cada Estado tem o direito e a responsabilidade de escolher as suas vias e objectivos de desenvolvimento, para mobilizar e usar os seus recursos, implementar reformas económicas e sociais progressivas e assegurar a completa par-

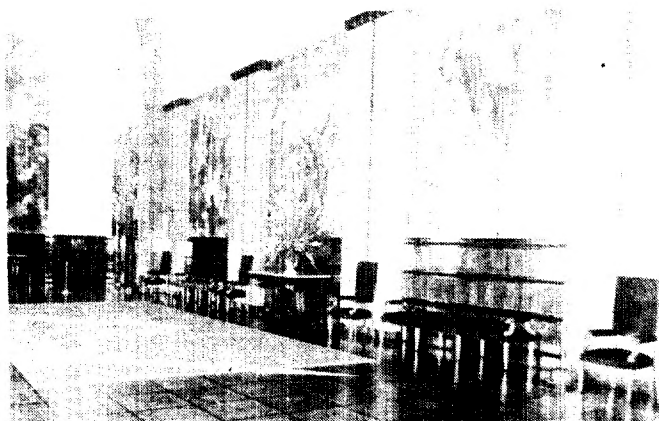
económico e social, criando condições externas favoráveis e concedendo-lhes assistência activa, coerente com os seus objectivos e necessidades de desenvolvimento em estrito respeito pela igualdade de soberania dos Estados e livre de quaisquer condições atentatórias das suas soberanias.»

QUADRO III

Evolução da estrutura das exportações mundiais (em %)						
	1950	1960	1970	1974	1975	1979
Economias capitalistas desenvolvidas	61,1	66,8	71,3	64,6	66,0	65,8
Das quais: América do Norte	21,7	20,4	18,9	15,6	15,9	14,5
CEE	26,6	32,4	35,5	32,6	33,7	34,9
Japão	1,4	3,2	6,1	6,6	6,4	6,3
Economias de planeamento central (Europa)	6,8	10,1	9,8	7,8	8,9	8,3
Economias de planeamento central (Ásia)	1,3	1,6	0,8	0,8	0,8	0,9
Economias subdesenvolvidas	30,8	21,5	18,1	26,9	24,3	25,0
Das quais: Maiores export. de petróleo	6,2	6,8	6,2	15,7	13,7	13,4
Outros	24,6	14,9	11,7	11,1	10,6	11,6

Fonte: CNUCED, op. cit.

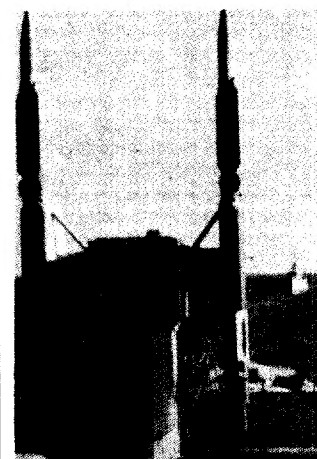
ponto a ponto



• Técnicos do Instituto José de Figueiredo (da Secretaria de Estado da Cultura) visitaram ontem o **Palácio de S. Bento**, pedido dos serviços do Parlamento. Inspecionaram o estado de conservação das esculturas, pinturas murais e tapeçarias e vão fazer um relatório sobre o assunto. A AR tinha pedido recentemente a colaboração daquele Instituto para o restauro dos frescos de Columbano que se encontram nos Passos Perdidos e das pinturas murais da escadaria principal.

• A juventude centrista afirmou que o Parlamento «não é uma estância de férias» ao criticar o «excesso de um absentismo inadmissível por parte de deputados que demonstraram não estar à altura das funções».

«A Assembleia da República não é uma estância de férias, muito menos um «guichet» de uma qualquer tesouraria onde 250 pessoas recebem mensalmente a retribuição não só do seu mau trabalho como do trabalho que não realizam» — diz um comunicado da JC.



• O ministro francês da Defesa discute amanhã em Lisboa com Freitas do Amaral a cooperação bilateral **no campo do armamento**. Charles Hernu e o seu homólogo português debaterão também, provavelmente, as consequências da recente entrada da Espanha na NATO e a intensificação da cooperação entre Portugal e a França. A visita do ministro francês, a convite do vice-primeiro ministro e ministro da Defesa, termina segunda-feira, estando previstas audiências com o Presidente da República, ministro dos Negócios Estrangeiros e chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

• Entre hoje e o próximo dia 11 terão lugar na Cooperativa Árvore do Porto, diversas iniciativas a propósito do Dia Mundial da Cooperação, com exposições, feira e uma série de encontros com debates de temas cooperativistas. Amanhã às 15 horas efectua-se uma sessão solene com a presença do secretário de Estado do Fomento Cooperativo, Bento Gonçalves, que, pouco antes, deverá proceder em Matosinhos à colocação da primeira pedra das habitações que a Cooperativa «Cohemat» ali vai construir. As iniciativas que decorrem nas instalações da Árvore, transformada durante a semana num «Forum» cooperativista, terão lugar entre as 15 e as 23 horas com encontros todas as noites para cooperativas dos diversos sectores. A exposição e a feira, a cargo das cooperativas do norte, desde o Porto a Viana do Castelo, pretendem oferecer um vasto panorama das actividades do sector. De entre os temas a debater no «Forum» destaca-se o da constituição das Federações de Cooperativas, para o que se espera a apresentação de projectos nesse sentido.

• A deputada **Teresa Santa Clara Gomes** (UEDS) recebeu ontem em S. Bento uma representação da Comissão de Mulheres pela Legalização do Aborto, que lhe fez entrega de um exemplar do «Dossier Aborto» com 170 páginas que incluem inquéritos, sondagens, posições de organismos internacionais e legislação de outros países sobre a matéria. As representantes da comissão pediram para ser recebidas pelos outros grupos parlamentares.



• O Partido Socialista vai interpelar o Governo no Parlamento acerca das relações Portugal-Espanha nos próximos dias 19 e 20. O debate deverá ocorrer na tarde de 19 e na manhã de 20. Entretanto, a conferência dos líderes parlamentares agendou para hoje (último ponto da ordem do dia) uma autorização ao Governo para legislar sobre Rádio e TV em **Macau**.

comunicação social

No seu regresso a Lisboa

Abaixo-assinado aguarda Balsemão sobre "caso" do programa "A Par e Passo"

Quando o sócio n.º 138 do Sindicato dos Jornalistas, presentemente em África na sua qualidade de Primeiro-Ministro, estiver de regresso a Lisboa, ser-lhe-á entregue o seguinte documento:

«Com estupefacção e tristeza, vemos perfilar-se no horizonte ameaças de despedimento contra os jornalistas Carlos Pinto Coelho, Avelino Rodrigues, Luís Pinto Enes, Mário Lindolfo e Joaquim Furtado, da Rádio Televisão Portuguesa.

«Com estupefacção, porque o que provoca o processo disciplinar ora em curso contra estes jornalistas — o 'caso' do programa 'A par e passo', relativo à greve de fome dos presos do PRP e emitido em 12 de Julho de 81 — nos parece ser resultado do cumprimento, por estes camaradas, do dever de informar, correspondente ao direito constitucional de liberdade de informar e de ser informado.

«Com tristeza, porque ao ver sob a ameaça de despedimento os jornalistas que, dando provas de verdadeiro espírito profissional, conseguiram um 'furo' jornalístico, vemos surgir um espírito em tudo castrador dos princípios fundamentais em que deve repousar a nossa profissão — que o sr. Primeiro-Ministro, aliás, exerceu, e com espírito bem diferente de este que agora vemos ser seguido pelo Conselho de Gerência da RTP.

«É pois em nome dos princípios que regem a nossa profissão, e em nome do direito constitucional de informar e de ser informado que pedimos, sr. Primeiro-Ministro e sócio n.º 138 do SJ (embora com a carteira suspensa, dado os impedimentos legais que o seu actual cargo implica), a sua intervenção no sentido de que sejam imediatamente arquivados os processos contra os referidos jornalistas — decisão que iria, aliás, no sentido quer da recomendação resultante do inquérito levado a cabo pelo vice-procurador da República, dr. Marques Vidal, quer das próprias palavras do ministro da Justiça, dr. Meneres Pimentel, tanto à data do programa, em 12 de Julho de 81, como no programa 'Clube de Imprensa' de 28 de Junho de 82».

Este documento, adiante-se, está a ser subscrito por toda a classe, e é da iniciativa dos jornalistas da RTP.

Entretanto, e depois de Carlos Pinto Coelho e Joaquim Furtado foi agora a vez dos jornalistas do Canal 2 Mário Lindolfo e Avelino Rodrigues receberem as notas de culpa sobre a sua participação no programa «A Par e Passo» transmitido em Julho de 81.

Como se sabe, o programa foi na altura suspenso e vários jornalistas alvo de inquéritos e processos disciplinares. Depois de Carlos Pinto Coelho, que recebeu a nota de culpa há mais de uma semana, e de Joaquim Furtado, que a recebeu quarta-feira, falta apenas a nota de culpa de Pinto Enes, ausente em Londres e que, segundo o seu advogado, terá ainda de ser ouvido.

Das notas de culpa até hoje entregues, apenas a de Carlos Pinto Coelho tem em vista o despedimento com justa causa.

Os jornalistas dispõem de apenas três dias para responderem às referidas notas de culpa, o que — afirmam — contraria o disposto no Contrato Colectivo de Trabalho, que prevê um mínimo prorrogável de 15 dias.

Prémios da Casa de Imprensa

A Casa da Imprensa procedeu já à divulgação dos nomes dos artistas que, nas áreas da música e do bailado, foram galardoados com os Prémios de Imprensa com base no voto expresso de críticos de diferentes órgãos de Comunicação Social. A Carlos Paredes foi atribuído o prémio «Recompensa de uma carreira».

No panorama da música ligeira portuguesa, foram eleitos como «os melhores de 1981» Sérgio Godinho Eugénio Melo e Castro e Paulo de Carvalho, respectivamente como compositor, revelação e intérprete.

Por sua vez, o «Trovante» e o «UHF» foram considerados, respectivamente, o «melhor agrupamento musical» e o «melhor agrupamento rock» de 1981.

Júlio Pereira, com «Cavaquinho», foi distinguido como o autor com melhor trabalho discográfico.

Na música erudita, os Prémios de Imprensa distinguiram o compositor Fernando Lopes-Graça, a instrumentista Anabela Chaves e os cantores Elsa Saque e Álvaro Malta.

Finalmente no bailado os Prémios de Imprensa foram atribuídos a Miguel Lizarro (bailarino), Graça Barroso (bailarina) e Vasco Wallenkamp (coreógrafo).

Italianos sem informação

Os italianos estão privados de jornais e têm de contentar-se com um serviço informativo mínimo na Rádio e na Televisão, não sendo publicado qualquer jornal até amanhã, na sequência de uma greve de três dias decidida pela FSNI, organização sindical única que representa os cerca de 6 500 jornalistas italianos.

A Rádio e na Televisão de Estado (RAI), os cerca de 1 200 jornalistas abstêm-se desde a passada segunda-feira de realizar qualquer serviço informativo, sendo os telejornais apresentados de uma forma reduzida. O movimento na RAI irá continuar até satisfação total das reivindicações — afirma a FSNI.

Os jornalistas desejam protestar contra o baixo nível dos seus salários, que os coloca entre o mais mal pagos da comunidade italiana.

Comissão Executiva do I/CJP

Decorreu esta manhã, no SJ, mais uma reunião da Comissão Organizadora para a composição definitiva da Comissão Executiva do I Congresso dos Jornalistas Portugueses.

Já foi divulgado recurso de Zenha

Deputados socialistas impugnam decisões da Comissão Nacional

Um grupo de deputados socialistas impugnou junto da Comissão Nacional de Conflitos do PS as deliberações tomadas pela Comissão Nacional do Partido no dia 13 — soube-se de fonte parlamentar.

Dia 13, a Comissão Nacional convidou Salgado Zenha a demitir-se das funções de líder parlamentar.

A impugnação, assinada por 18 deputados, contesta dois dos pontos da moção aprovada na Comissão Nacional.

Os impugnantes consideram que algumas normas previstas na moção criam «regras estatutárias novas» e impedem a expressão da livre opinião e a discussão sobre a tática e a estratégia do partido.

Os deputados Carlos Candal, Jorge Sampaio, Vítor Constâncio, António Arnaut, Luís Patrão, Manuel da Costa, Arons de Carvalho, António Reis, Sousa Gomes, Manuel dos Santos, Aquilino Ribeiro, António Guterres, Avelino Zenha, Chaves Medeiros, Teresa Ambrósio, João Cravinho, António Esteves e Sacramento Marques assinam a impugnação.

As decisões contestadas agora pelos deputados socialistas constam do comunicado final

da Comissão Nacional com os números 9 e 10.

No primeiro, a C.N. «decide que nenhum elemento do partido, e em particular os que são titulares de órgãos directivos, se pode recusar, individualmente, ou, sobretudo, de forma concertada a participar em reuniões, delegações, representações, organismos ou grupo de estudos para os quais seja designado ou escolhido pela direcção do partido e que a persistência em tais atitudes, visando claros efeitos políticos de desestabilização partidária, constitui flagrante violação dos deveres que incumbem aos militantes do PS, inequivocamente referida e sancionada nos preceitos estatutários».

Esta formulação tem claramente a sua origem na decisão adoptada por alguns prestigiados economistas da minoria de não participarem no Grupo de Estudos presidido por Walter Rosa e de não colaborarem na reunião de Tróia, onde foram discutidas as questões económicas.

No segundo ponto contestado, a C.N. «entende que é incompatível com o funcionamento democrático do partido a deslocação de elementos do partido a

secções e núcleos ou a sua presença em actividades políticas ou de representação política à revelia completa da direcção do partido, com desconhecimento total ou em conflito aberto com as directrizes políticas tomadas pelos órgãos competentes».

Recurso de Zenha

Entretanto, o semanário «O Jornal» divulgou hoje o recurso de Salgado Zenha da decisão da Comissão Nacional, que o aconselhou a abandonar a liderança do Grupo Parlamentar.

Reafirmando que a decisão é «antidemocrática, anticonstitucional, antiestatutária, irrita, juridicamente inexistente ou nula e provém de um órgão incompetente», Salgado Zenha define aquela decisão como uma pena disciplinar, aplicada sem processo prévio e acusa o processo decisório de ser completamente ilegal.

Depois de voltar a deixar claras as suas posições sobre a revisão constitucional, denunciando o facto de ter desaparecido a responsabilidade política do Governo perante o Presidente, o líder parlamentar socialista recorda que em Outubro de

1980 Mário Soares retirou o seu apoio à candidatura de Eanes, contra a decisão adoptada por maioria pela Comissão Nacional e não se escusou a, em declarações públicas, afirmá-lo repetidamente.

Diz depois Zenha que «numca em nome da disciplina de voto se poderia transformar o deputado num cadáver mental, que nem sequer aos seus eleitores poderia explicar o seu próprio ponto de vista».

Zenha afirma também que «Mário Soares e os seus adeptos temem no próximo Congresso passar de maioria a minoria».

No final do documento Zenha impugna especificamente a possibilidade de alguns membros da Comissão de Conflitos serem julgadores nesta questão — Gustavo Soromenho, por exercer funções remuneradas em empresas nas quais Mário Soares se comporta como se fosse o dono, Armando Bacelar e Ivone Carmona por estarem dependentes de Soares na medida em que exercem funções remuneradas no próprio PS, e o presidente da Comissão de Conflitos, Manuel João da Palma Carlos, devido ao facto de este ser inquiridor e acusador na RTP contra militantes socialistas.

Ribeiro Telles no regresso de Estocolmo

Rigorous controlo da poluição atmosférica para não sermos caixote do lixo da Europa

O ministro de Estado e da Qualidade de Vida, Ribeiro Telles, regressou ontem de Estocolmo, onde participou numa conferência internacional da poluição trans-fronteiras.

A conferência internacional foi convocada pelo Governo sueco para dar conta dos problemas de poluição com que o país se defronta e que são provocados pelas indústrias pesadas de outros países.

O ministro explicou que o problema principal da Suécia neste domínio são as chuvas ácidas carregadas de SO₂ (proveniente de indústrias pesadas) e que está a afectar a água dos lagos, de alguns dos quais já desapareceu toda a fauna piscícola.

Apesar de as emissões de SO₂ serem feitas noutros países, acontece que acabam por

se concentrar na Suécia, devido a condicionamentos atmosféricos, acrescentou o ministro.

Ribeiro Telles deu ainda o exemplo do caso do Quebec, em que 60 por cento da poluição é provocado pelos Estados Unidos.

Em Portugal, o ministro revelou que relativamente às chuvas ácidas, ainda nada foi detectado, «embora não esteja excluída a hipótese de a zona de Trás-os-Montes poder vir a ser atingida pela poluição da Galiza».

No entanto, Ribeiro Telles, considerou muito importante que Portugal se tenha tornado há um ano num dos 13 países que primeiro ratificaram a Convenção de Genebra sobre poluição trans-fronteiras, que data de 1979.

Só agora, nesta conferência

sobre acidificação no meio ambiente, os países da CEE e a Espanha decidiram também aderir à convenção que responsabiliza cada Governo pela poluição que possa causar noutros países e obriga a mudar de tecnologia quando se verificarem destes casos de poluição «em casa alheia».

O ministro disse ainda que, uma vez que a Espanha decidiu ratificar esta convenção, isso lhe vai permitir um encontro com o ministro das Obras Públicas desse país, ainda na primeira quinzena deste mês.

Nessa reunião, Ribeiro Telles irá discutir «os problemas que eventualmente já tenham sido detectados na poluição dos rios que correm nos dois países, e sobretudo medidas de prevenção para que não possamos vir a

ser futuramente afectados nesse domínio».

O ministro considera que a Portugal interessa fundamentalmente indústrias ligeiras e afirma que muitos países estão a excluir dos seus programas de terminados tipos de indústria.

«A CEE está a adoptar medidas cada vez mais rigorosas para o controlo da poluição atmosférica. Nós temos de fazer o mesmo, não deixando instalar em Portugal indústrias que os outros países não querem, sob pena de nos transformarmos no caixote do lixo da Europa» — acrescentou Ribeiro Telles.

Outro dos pontos fundamentais da conferência de Estocolmo foi o incentivar dos vários países a procurarem tecnologias que empreguem cada vez menores gastos de energia.

em duas palavras

MISSÃO PORTUGUESA NA GUINÉ

Chegou na quarta-feira a Bissau uma missão portuguesa, militar e económica, que aí irá estudar com o governo local um possível apoio à jurisdição guineense sobre as águas, que tinha sido recentemente solicitado pelo governo de Bissau, visto as águas guineenses serem objecto de permanente actividade clandestina por parte de pescadores estrangeiros. A missão, que permanecerá na Guiné-Bissau durante uma semana, é integrada por Pacheco Marques, do Instituto para a Cooperação Económica, pelo capitão-de-mar-e-guerra, Loureiro Barbosa e pelo tenente-coronel da Força Aérea, Aguiar e Silva.

NOVOS SALÁRIOS NA BASE DAS LAJES

As novas tabelas salariais dos 1500 trabalhadores da Base Aérea das Lajes ao serviço das Forças Armadas dos Estados Unidos foram discutidas numa

reunião, ontem realizada, entre responsáveis do Comando Aéreo dos Açores e a Comissão representativa dos trabalhadores portugueses nas Lajes. Uma nota do Comando Aéreo refere que na reunião se obteve consenso entre as partes, indicando que os novos salários, aplicáveis a partir deste mês, deverão estar definidos na próxima semana.

TÉCNICOS VISITAM ALENTEJO

Meia centena de técnicos internacionais participantes na reunião europeia sobre reutilização das barragens para aproveitamento agrícola iniciaram ontem uma visita ao Alentejo. Os técnicos acompanhados por especialistas portugueses, visitaram a sede da Associação de Regantes do Alto Sado, a barragem do Roxo, a Associação dos Regantes servidos por esta barragem e ainda a barragem de Odivelas. Hoje a visita prossegue com passagem pelas obras interrompidas do Alqueva.

INSTITUTO HIDROGRÁFICO PRESTA APOIO À MARINHA

O governo de Macau e a Marinha portuguesa assinaram ontem um acordo de cooperação entre o Instituto Hidrográfico e os serviços de Marinha. Nos termos deste, o referido Instituto prestará assistência aos serviços de Marinha nos domínios de equipamento, formação de técnicos e investigação, assim como em todas as questões relacionadas com hidrografia, oceanografia e navegação com aplicabilidade no território de Macau.

ECONOMISTAS NA BEIRA INTERIOR

Uma delegação da Associação Portuguesa de Economistas realiza de hoje até domingo uma visita de estudo à região da Beira interior. A delegação, composta por cerca de meia centena de elementos, irá avistar-se com responsáveis autárquicos da zona, estando previstas visitas

ao Instituto Universitário da Beira Interior, a unidades fabris e também sessões de estudos sobre o tema dos lanifícios. A visita é patrocinada pelo semanário «Jornal do Fundão».

MONUMENTO AO CAMPINO

No próximo dia 10 será inaugurado, em Vila Franca de Xira, o monumento ao campino. O monumento, que ficará instalado próximo da Câmara Municipal, é, segundo a Associação das Tertúlias Tauromáquicas, «uma justa homenagem a esse anónimo e sortilégio trabalhador da lezíria».

BOMBEIROS DE BARCELINOS

O novo quartel dos bombeiros Voluntários de Barcelinos será inaugurado em Outubro, orçando a sua construção em 33 milhões de escudos. Barcelinos, com 89 freguesias, dispõe de duas corporações de bombeiros: a já citada e a de Barcelos.

Em causa eventual indulto de Amílcar Romano

Carlos Antunes afirma nada ter mandado pedir a Eanes

Carlos Antunes negou hoje a sua participação em movimentações tendentes a obter do Presidente da República, Ramalho Eanes, um indulto para Amílcar Romano, tendo também afirmado que a anulação do julgamento da Boa Hora mais comprova a necessidade de se encontrarem formas de reparar a situação dos presos do PRP já julgados em definitivo, cujos processos estariam «viciados pela mesma irregularidade e inconstitucionalidade» do processo contra ele e Isabel do Carmo.

Estas afirmações de Carlos Antunes foram transmitidas pelo seu filho, Paulo Antunes, numa declaração que a seguir transcrevemos:

«O meu pai pediu-me para fazer uma declaração em nome dele dado o seu estado de debilitamento avançado. O que ele me pediu que transmitisse é o seguinte:

1 — O nome do meu pai apareceu associado a eventuais diligências e movimentações de personalidades no sentido de se encontrar uma solução que ponha termo às greves da fome dos militantes do PRP presos.

2 — Mais concretamente falou-se num possível indulto do senhor Presidente da República com vista a resolver-se o problema da camarada do meu pai Amílcar Romano.

3 — É falso que o meu pai esteja associado a qualquer solução deste tipo. Tanto mais que ele sabe que os poderes institucionais do senhor Presidente da República nesta matéria são ex-

tremamente limitados por lei ordinária, e portanto em nada se alteraria a situação de Amílcar Romano, visto que ele tem várias acusações pendentes em vários tribunais.

4 — Nestas circunstâncias, o meu pai interpreta esses rumores como uma tentativa de criar falsas expectativas com vista à desmobilização da opinião pública e do movimento de solidariedade nacional e internacional.

5 — O meu pai quer reafirmar mais uma vez que o facto de o julgamento da Boa Hora ter sido anulado, o que considera uma importante conquista, pressupõe ele que a luta prossiga com mais determinação. O meu pai sabe que todos os processos dos seus camaradas já julgados em definitivo estão viciados pela mesma irregularidade e inconstitucionalidade do processo da Boa Hora e que portanto têm de se encontrar formas de reparar essa situação de injustiça.

«Nada e ninguém me deterá na solidariedade a esses camaradas», afirmou-me o meu pai.»

Entretanto os deputados socialistas Manuel Alegre e Almeida Santos encontram-se em negociações com Meneres Pimentel e Marcelo Rebelo de Sousa tendo em vista a resolução do caso dos presos do PRP, em greve da fome. Ao que parece, a hipótese de indulto de Eanes, por proposta do ministro da Justiça, referida por Carlos Antunes, estaria na base de uma trama que visava a interrupção da greve da fome deste militante

do PRP, já que o indulto a ser obtido só poderia ser concretizada no fim do ano, devido a um processo burocrático complicado e moroso.

Socialistas do Parlamento Europeu tomam posição

O grupo socialista do Parlamento Europeu fez um apelo ao Presidente da República, general Ramalho Eanes, para utilizar «os seus poderes constitucionais» para pôr termo à greve da fome dos presos do PRP — segundo informou hoje o Partido Socialista Português.

O apelo foi feito através de telegrama ao general Ramalho Eanes, tendo intervindo na decisão os socialistas Marcelo Curto e João Cravinho.

Entretanto, o Ministério Público pediu a absolvição dos presos do PRP em greve da fome, Isabel do Carmo e Carlos Antunes.

De acordo com um elemento da Comissão de Solidariedade com os Presos Anti-Fascistas (CSPA), o Ministério Público, que na sessão de ontem encerrou o período de produção de acusação, exigiu, por outro lado, a condenação dos restantes presos.

Isabel do Carmo, em greve da fome desde o dia 21 de Junho, não esteve presente na audiência por o seu estado de saúde já não permitir que se deslocasse ao

Tribunal. O julgamento prosseguirá segunda-feira com as alegações dos advogados dos réus.

Neste momento, encontram-se em greve da fome Amílcar Romano (42 dias), Carlos Antunes (22), Isabel do Carmo (12 dias) e Rodarte de Almeida (2 dias) para que lhes seja aplicada uma amnistia.

Entretanto, a UDP endereçou uma carta aberta aos dirigentes do PCP em que verbera o facto de, por parte daquele partido, não existir um apoio directo aos PRP's detidos.

Terça-feira próxima, dia 6, às 19 horas, na Associação de Estudantes da Faculdade de Letras, leva a efeito uma sessão-debate sobre os presos do PRP em greve da fome. Tema da sessão: «Libertação de todos os antifascistas presos».

Representantes do bispo do Porto em Custóias

Um emissário pessoal do bispo do Porto, D. Júlio Rebimbas, visitou ontem em Custóias os dois presos do «caso PRP» que ainda ali se encontram, Fernando Fráguas e Mário Santos, soube esta manhã o «DL» de fonte prisional.

O padre Loureiro manifestou aos dois detidos o interesse com que o prelado da diocese está a acompanhar o caso, acrescentando que poderá vir a ser tomada uma posição pública perante o caso que, conclui, está a preocupar a Igreja e os católicos.

assembleia da república

Reforma Agrária e Impostos na ordem do dia

O Parlamento aprovou ontem à tarde a nova redacção do artigo 96 da Constituição referente aos objectivos da Reforma Agrária.

AD e FRS votaram a favor e o PCP votou contra.

A nova versão é a que consta do projecto da Comissão Parlamentar de Revisão Constitucional.

Esta versão diz que a política agrícola tem como objectivos, nomeadamente, promover a melhoria da situação económica dos trabalhadores rurais pela transferência progressiva da «posse útil» da terra para aqueles que a trabalham.

Refere ainda que a Reforma Agrária «é um dos» instrumentos da realização dos objectivos da política agrícola.

Os pequenos agricultores beneficiados com distribuições de terras no Alentejo não serão proprietários das mesmas, porque estas continuarão a pertencer ao Estado.

De facto, ao aprovar a nova redacção do artigo 96.º da Constituição, o Parlamento manteve o princípio de que a «posse útil» da terra (mas não a sua propriedade) será progressivamente transferida para os que a trabalham.

Deputados da AD defenderam a possibilidade de a propriedade ser transferida para os que a trabalham, mas a Oposição opôs-se a esta pertensão.

O deputado Manuel da Costa (PS) dirigiu-se à AD nos seguintes termos: «Os senhores andaram a dizer pela província que davam a terra em propriedade; terão agora de explicar que isso não é possível».

Manuel da Costa acrescentou que aos que trabalham a terra convém mais a posse útil que a sua propriedade plena.

O PSD e o CDS criticaram a posição do PS salientando que os socialistas pretendem apenas que os agricultores deixem de ser rendeiros de um particular para passarem a sê-lo do Estado.

Soares Cruz (CDS) recordou a Manuel da Costa que o «slogan» «a terra a quem a trabalha» foi entendido pelo povo como significando que os agricultores não proprietários passariam a donos das terras. «Mas o «slogan» mantém-se porque a terra é-lhes dada para a trabalharem, mas só para a trabalharem» — respondeu-lhe Manuel da Costa.

A Assembleia efectuou posteriormente três votações que tinham ficado adiadas, tendo aprovado por maioria AD/FRS o texto de revisão proposto pela Comissão Parlamentar.

Uma das alterações refere-se à nova alínea i) do artigo 81 (incumbências prioritárias do Estado no âmbito económico).

A alínea diz que lhe compete «assegurar a participação das organizações representativas dos trabalhadores e das organizações representativas das actividades económicas na definição, execução e controlo das principais medidas económicas e sociais».

A segunda votação, sobre o artigo 82, fez aprovar um novo texto que especifica: «A Lei determinará os meios e as formas de intervenção e de nacionalização e socialização de meios de produção».

O texto da Constituição de 76 falava em «socialização dos meios (e não «de» meios de produção)».

Da terceira votação resultou a aprovação do novo número três do artigo 84, que estabelece: «são apoiadas pelo Estado as experiências viáveis de autogestão».

A câmara não aprovou qualquer alteração ao artigo 97 da Constituição que no seu número 1 estabelece que «a transferência da posse útil da terra e dos meios de produção directamente utilizados na sua exploração para aqueles que a trabalham será obtida através da expropriação dos latifúndios e das grandes explorações capitalistas».

A câmara aprovou em seguida uma proposta de alteração da Comissão Eventual de Revisão Constitucional para o artigo 98 que trata dos minifúndios.

O novo artigo passa a estabelecer que: «sem prejuízo do direito de propriedade, a Reforma Agrária procurará nas regiões minifundiárias obter um adequado redimensionamento das explorações mediante incentivos à integração cooperativa das diversas unidades ou ainda, sempre que necessário, por recurso a medidas de emparcelamento, arrendamento ou outras formas de intervenção adequadas».

Primeiro-Ministro no Zimbabwe

Mugabe elogiou “o jornalista” Balsemão e sugeriu reunião entre empresários e ministros

HARARE, 2 de Julho (Pela nossa enviada especial Fernanda Mestrinho)

«... Os nossos dois países tiveram várias vezes a mesma posição na defesa do Direito Internacional e adoptaram posições idênticas quando alguns desses princípios básicos foram violados, como no Médio Oriente ou em Timor» — sublinhou ontem à noite o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, no banquete oficial oferecido pelo Primeiro-Ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe.

Balsemão, que amanhã chega a Lisboa, após uma paragem na Nigéria (onde almoçará com o primeiro-ministro) esteve cerca de 48 horas no Zimbabwe. Pouco tempo depois da viagem do Presidente da República Ramalho Eanes, o Primeiro-Ministro pretende reafirmar (ou recuperar se possível), a posição do Governo AD na definição da política externa com África. Trata-se mais de uma viagem para marcar presença do que propriamente para obter resultados.

Jornalista «objectivo»

O primeiro-ministro Robert Mugabe aguardava Pinto Balsemão no aeroporto de Harare. Na pista, as danças, e a música africanas: o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão tentou ensaiar o «ritmo africano». Já no banquete Robert Mugabe recordou Pinto Balsemão como jornalista. «Escreveu objectivamente sobre o Zimbabwe antes da independência», disse Mugabe — o que é

uma qualidade rara entre os jornalistas ocidentais».

Para além disso, o primeiro-ministro Mugabe lembrou a presença de Balsemão nas cerimónias da independência há pouco mais de um ano. Foram dois discursos formais, de circunstância. Pinto Balsemão voltou ao Zimbabwe a anunciar as grandes linhas da política externa para a África Austral. Em resumo:

— Condenação do «apartheid» — Cumprimento da resolução 435 da ONU em relação à Namíbia;

— condenação de qualquer agressão armada contra a soberania de outros países;

— apoio aos esforços dos países da Linha da Frente e do grupo de contacto, no estabelecimento da paz na África Austral.

Pinto Balsemão nunca pronunciou o nome da África do Sul. A grande comunidade portuguesa ali radicada é um argumento (será o único?) para essa «lacuna», segundo fontes governamentais. «Portugal não pensa ser mediano? — perguntou ainda no Maputo, em conferência de imprensa, um jornalista a Pinto Balsemão. «Para se ser mediano é necessário ser-se solicitado por todas as partes envolvidas no conflito» — respondeu.

Robert Mugabe, numa linguagem diplomática (no melhor estilo ocidental) proferiu um discurso no qual acentuou e defendeu a liberdade, independência e pacificação na zona da África Austral. O primeiro-ministro do

Zimbabwe condenou as acções militares sul-africanas e israelitas. A independência da Namíbia é um dos pontos exigidos pelos governantes do Zimbabwe.

Pinto Balsemão teve uma audiência protocolar com o presidente da República do Zimbabwe, Canaan Banana. Seguiu-se um encontro a sós entre Balsemão e Mugabe e depois entre as duas delegações oficiais.

A situação interna entre os dois países foi analisada, tendo começado a ser discutido um projecto de acordo global. Foi acordada a vinda ao Zimbabwe, talvez em Setembro, de uma delegação oficial para aprofundar as relações e os acordos bilaterais.

O primeiro-ministro Mugabe referiu-se a áreas de interesse para a cooperação económica, como a construção civil, os transportes «para todo o terreno» ou a electrificação. Não deixou de sublinhar que o Zimbabwe beneficiará sempre os acordos de Portugal com Moçambique, principalmente no sector dos transportes. Manifestou interesse pelo acordo, agora assinado, entre a empresa portuguesa Somafel e o Governo moçambicano para a construção de 600 km de via férrea.

Foi então, e não estava previsto, que o primeiro-ministro Mugabe sugeriu um encontro dos empresários portugueses com alguns membros do Governo do Zimbabwe. Essa reunião realiza-se esta tarde.

A ânsia de desenvolvimento

económico destes países africanos impressiona. O primeiro-ministro Mugabe anunciou um projecto de reinstalação de 162 mil famílias.

Tal como já tinha acontecido em Moçambique, o Primeiro-Ministro português referiu também a nossa entrada na CEE. Na Europa falamos de África, na África acenamos com a Europa.

O discurso certo para os portugueses?

O Primeiro-Ministro, quer em Moçambique quer no Zimbabwe, avisou-se sempre com as comunidades portuguesas: referiu-se à revisão constitucional, que talvez esteja pronta até ao fim do Verão, à entrada de Portugal na CEE, à «mudança», à democratização. No fundo, as «palavras de ordem» da Aliança Democrática, agora no Governo. Os portugueses no estrangeiro estão mais necessitados de ver realizações práticas.

E nesse aspecto ficamos por aqui: uma escola no Maputo, uma biblioteca em Harare, biblioteca essa oferecida pela Fundação Gulbenkian. Um dos convidados pessoais de Pinto Balsemão nesta deslocação oficial é exactamente Robert Gulbenkian.

O Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, oferece esta noite um banquete ao primeiro-ministro Robert Mugabe. Durante todo o dia, Balsemão e a comitiva deslocam-se em passeio às catarratas de Victoria e a uma fazenda de criação de crocodilos.

Centrais sindicais foram a Belém

Delegações da CGTP e da UGT estiveram ontem em Belém onde foram recebidas em audiência pelo Presidente da República.

A audiência da CGTP foi de manhã. A delegação daquela central sindical era constituída por Kalidás Barreto, Armando Teixeira da Silva, Joaquim Calhau, José Luís Judas e Manuel Lopes. Durante a audiência foram tratados problemas respeitantes à actual situação política e social, insistindo a delegação no sentido da demissão do actual Executivo.

Porta-voz da delegação, Kalidás Barreto encontrou-se no final com os jornalistas já impacientes com (ou pelo menos estranhando) a demora da audiência: cerca de duas horas e meia. «Ainda bem que vivemos num País onde o Presidente da República se demora a falar com os trabalhadores» — disse.

Disse-lhes também que um dos pontos mais importantes focados durante o encontro com Eanes foi ainda o que se prende com os incidentes do 1.º de Maio do Porto. Pediu-se ao PR que intervenha, para uma rápida divulgação dos resultados do inquérito que o Governo mandou instaurar, há dois meses.

Outro problema: a revisão constitucional. A delegação da CGTP manifestou a Eanes a sua

apreensão pelas perspectivas que se abrem neste campo, falando uma vez mais de «subversão dos princípios da Constituição de Abril».

E o problema dos presos do PRP? Não foi abordado. Mas Kalidás Barreto lembrou aos jornalistas que a posição da CGTP é naturalmente de condenação em relação à «intransigência do Governo», no caso em questão.

A delegação da UGT esteve em Belém de tarde. Delegação numerosa, dela faziam parte Miguel Pacheco, Victor Hugo Sequeira, um do PSD e outro do PS, e mais quatro dirigentes, numa distribuição equitativa. Durante a audiência foi tratada a problemática social e política do momento. A UGT não reclama a demissão do Governo, mas manifesta-se descontente com a sua orientação, que desaprova.

Um ponto quente, para a UGT, é a legislação laboral. Vai ser alterada? Em que sentido? Victor Hugo disse que o «diálogo com o Executivo tem sido negado ou dificultado».

De comum com a CGTP, em matéria de reclamações mais prementes, a UGT tem uma: a que se refere aos incidentes do 1.º de Maio no Porto. Também para a segunda central sindical portuguesa, é urgente a divulgação dos resultados do inquérito.

**Proibida
afixação
de propaganda
partidária
em locais
onde se realizam
cerimónias
militares**

O Conselho de Ministros aprovou ontem um projecto de proposta de lei proibindo a afixação de propaganda político-partidária em lugares públicos onde se realizem cerimónias militares.

A resolução foi aprovada em plenário do Executivo presidido por Freitas do Amaral, no lugar de Pinto Balsemão ausente no estrangeiro.

A propósito, foi ouvida uma exposição do secretário de Estado dos Estrangeiros dando conta do «éxito cabal» da recente visita do Primeiro-Ministro a Moçambique. O Conselho congratulou-se com os resultados desta visita.

Das demais resoluções aprovadas avulta uma proposta de lei isentando de impostos de capitais (secção B) os juros das obrigações para saneamento financeiro das empresas públicas, e um projecto de decreto-lei criando o depósito nacional de espécies de interesse museológico.

A propósito desta última resolução, assinala-se que foi decidido também ontem pelo Executivo recuperar anualmente um monumento nacional. Para 1983 prevê-se que a escolha recaia sobre o Convento de Cristo em Tomar.

Conferência de Solidariedade

Embaixador da África do Sul acusado de ingerência nos assuntos portugueses

«Considerações e juízos de valor intoleráveis» — assim classifica a Comissão Nacional Preparatória da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, a realizar dentro de duas semanas em Lisboa, as afirmações do embaixador da África do Sul transmitidas na RDP.

Frisa aquela comissão que a realização da conferência foi aprovada em Julho de 1980 e inclui-se nas «acções decididas pelo Comité Internacional contra o Apartheid, o Racismo e o Colonialismo na África Austral, estrutura esta com sede em Londres».

Depois de citar a disposição

constitucional portuguesa que «preconiza a abolição de todas as formas de imperialismo, colonialismo e agressão», e de recordar a adesão à conferência de centenas de personalidades de todo o País, dos mais diversos sectores políticos, ideológicos e religiosos e o apoio de organismos e comissões especializadas da ONU a Comissão sublinha que o regime de Pretória, «ao contrário do que afirma, não defende a Paz».

«Isso é — frisa a Comissão — flagrantemente demonstrado através dos constantes ataques armados que move contra um país soberano como a República Popular de Angola e pela ocupação ilegal da Namíbia. É uma permanente ameaça aos estados vizinhos da África Austral.

Opressor de milhões de africanos, para o que montou um violento aparelho militar-policial, o regime de «apartheid» da África do Sul tem sido condenado nas instâncias internacionais, nomeadamente na ONU, como um país agressor expansionista e colonial».

E a Comissão Preparatória conclui que ao propor que «a conferência não devia ser permitida» o embaixador da África do Sul, além de se ingerir nos assuntos internos portugueses, manifesta um inaceitável desrespeito pela figura do Presidente da República de Portugal, general Ramalho Eanes, que aceitou ser um dos patronos da Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente».

Quinta do Conde quer ser freguesia

Os habitantes da Quinta do Conde batem-se pela transformação da sua localidade em freguesia, no sentido de eliminarem os inconvenientes da distância a que se encontram da actual autarquia.

A Junta de Freguesia do Castelo, que agora engloba a Quinta

do Conde, apoia aquele desejo das populações. E nesse sentido aprovou uma moção em que responsabiliza a maioria da Assembleia da República pelos prejuízos causados aos habitantes.

O documento aponta no sentido da insistência junto da Assembleia da República para que

sejam tomadas medidas urgentes, visando a criação da Junta de Freguesia da Quinta do Conde.

A Quinta do Conde, já com uma população numerosa, enfrenta dificuldades de distância relativa à actual junta, agravadas com a falta de transportes entre as duas localidades.

Emanuel Rodrigues no Dia da Madeira:

“Fora das ilhas não há um correcto entendimento da autonomia”

«Fora dos territórios insulares a autonomia, apesar de proclamada, é apenas tolerada mas não correctamente entendida» — afirmou no Funchal o Presidente da Assembleia Regional da Madeira, Emanuel Rodrigues.

O líder do Parlamento da Região Autónoma da Madeira falava numa sessão solene respeitante ao Dia da Região, e acrescentou como exemplo ilustrativo «o que se passa com o contrato de colónia quando começam a aparecer algumas vozes advogando que a competência para legislar sobre tal matéria» não é do Parlamento Regional, mas da Assembleia da República.

Na mesma sessão falou o deputado Crisóstomo de Aguiar, do PSD: «A Região não pode progredir se não criar na disciplina uma capacidade administrativa e uma coragem para afastar os in- consequentes» — disse. — «Há uma necessidade premente de uma programação adequada entre o Governo e as autarquias».

Para Cabral Fernandes, do CDS, «a autonomia da Região, consubstanciada num estatuto provisório, não esgota as potencialidades de aprofundamento e de melhoria que a actual constituição oferece», e, no entanto, «o CDS anseia que a oportunidade de recuperar surja de novo e rapidamente com a revisão da Constituição».

No uso da palavra, por sua vez, o deputado do PS Duarte Caldeira diria que «o Governo Regional já gastou mais de trinta milhões de contos» e que o recurso ao crédito por parte do Ex-

ecutivo «aumentará ano após ano, o que não seria problema se estivessemos a criar os meios próprios de desenvolvimento para pagar as dívidas». Quanto ao poder local — prosseguiu o deputado socialista — «tudo está centralizado na mão do Governo Regional, que se recusa a aprovar legislação que acabe com os compadrios em relação às autarquias locais».

Mário de Aguiar, do PCP, lamentou que o detentor do cargo de ministro da República na Região tenha vindo a diminuir progressivamente a sua intervenção e o papel que constitucionalmente lhe cabe». E adiantou que «a existência e as funções do ministro saíram clarificadas das discussões já travadas a respeito da revisão constitucional, verificando-se total consenso partidário na importância e consequente manutenção do cargo».

Falou também o deputado Martins Júnior, da UDP, para dizer que «a autonomia ainda não chegou ao Parlamento Regional».

Falou também de problemas da Madeira: uma agricultura em recessão um serviço de saúde que não funciona, uma cultura de elite, jovens que não encontram o primeiro emprego nem Universidade, e outros.

«Já chegámos à terra de ninguém» — diria Martins Júnior.



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA A VISO ADMISSÃO DE PESSOAL

Torna-se público que, até ao dia 21/7/82, estão abertos concursos para preenchimento dos seguintes lugares:

1) Ajudante de calceteiro

N.º de vagas -- 2

Vencimento -- 13.500\$00

Condições de admissão -- Ver «Diário da República», n.º 140 III série, de 21/6/82

2) Jardineiro de 1.ª classe

N.º de vagas -- 1

Vencimento -- 16.400\$00

Condições de admissão -- Ver «Diário da República», n.º 140 III série, de 21/6/82

Nota: A este lugar só podem concorrer funcionários de outras entidades públicas que se encontrem providos na mesma categoria ou categoria imediatamente inferior.

3) Fiscal técnico de obras da 2.ª classe

N.º de vagas -- 1

Vencimento -- 18.800\$00

Condições de admissão -- Ver «Diário da República», n.º 140 III série, de 21/6/82

Os interessados, para qualquer esclarecimento, deverão dirigir-se à secção de Pessoal da Secretaria Municipal, dentro das horas de expediente.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 25 de Junho de 1982

O Presidente da Câmara

DANIEL DOS REIS BRANCO

PASSEIOS no TEJO

Domingos das 15 às 18 horas
uma iniciativa da
CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA

DOMINGO, 4 DE JULHO
Embarque 15 horas na
Estação Sul e Sueste

**TODOS OS
DOMINGOS
ATÉ FINS DE SETEMBRO**

Animação a bordo pelo conjunto
"OS TRICANOS"

Bilhetes a venda
na estação Sul e Sueste
PREÇOS ADULTOS 70\$00
CRIANÇAS (até 12 anos) 35\$00

Plenário da CGTP poderá aprovar concentração-manifestação para dia 15

Conforme notícia esta manhã divulgada pelo semanário «O Jornal», o plenário de sindicatos da CGTP-IN, que estará reunido até ao fim da tarde de hoje, deverá aprovar a realização de uma manifestação para o próximo dia 15, junto da Assembleia da República.

O curioso é que na resolução político-sindical que o Secretariado Nacional da CGTP apresentou aos delegados, e a que os jornalistas tiveram acesso esta manhã, não é apontada qualquer data.

A concentração-manifestação, tal como a designa a central sindical, tem como principais objectivos a defesa do regime democrático-constitucional, a demissão imediata do Governo AD e é contra a degradação das condições de vida do povo. A mesma resolução aponta para a organização, nesse dia, de formas de luta a promover pelas uniões distritais e para a intensificação da «luta nas diversas frentes em que os direitos e liberdades dos trabalhadores estejam ameaçados».

Ainda da parte da manhã, o plenário de sindicatos aprovou, por unanimidade, uma moção intitulada «CGTP-IN face à revisão da Constituição». Seguidamente foram interrompidos os trabalhos a fim de que os delegados presentes se pudessem deslocar à Assembleia da República para

entregarem aos deputados o referido documento.

A moção, com 24 pontos, começa por considerar **grande importância da luta de massas trabalhadoras em defesa do regime democrático constitucional** e declara ser a organização do poder político questão fundamental da actual revisão constitucional.

A propósito, a moção adianta que **a conduta da AD e as declarações dos seus responsáveis demonstram que ela está disposta a abdicar do que, no momento, considera essencial (a organização económica, os direitos dos trabalhadores, as liberdades democráticas) para alcançar imediatamente o que considera essencial, isto é, o domínio não partilhado, absoluto e incontrolável sobre o poder político.**

Por isso, os dirigentes sindicais consideram que o projecto actualmente em discussão, resultante de um acordo entre a AD e a direcção do PS, permitiria (em caso de aprovação) **a um Governo de direita determinado a realizar a destruição do actual regime democrático-constitucional, dar passos efectivos nesse sentido sem os obstáculos existentes actualmente por força do texto em vigor.**

Greves na Rodoviária poderão ser confirmadas ou suspensas

STCP paralisa quatro dias, a partir de segunda-feira

Até ao fecho do nosso jornal, ainda não eram conhecidas as decisões do plenário de trabalhadores da Rodoviária Nacional, reunido esta manhã a fim de analisar a situação na empresa, à luz dos últimos encontros ontem havidos com o secretário de Estado dos Transportes Interiores e com o CG.

De salientar que, segundo um porta-voz da Festru, quer da parte daquele membro do Governo, quer do CG, «parece haver uma nova atitude perante o conflito», já que «ambos reconheceram a necessidade de não manter a intransigência que tem caracterizado a sua actuação, admitindo mesmo que o clausulado em questão é passível de negociação».

Cerca do meio-dia o plenário (que prossegue esta tarde) foi interrompido, tendo os representantes dos trabalhadores se deslocado a S. Bento, a fim de sensibilizarem os deputados dos diversos grupos parlamentares para a situação na RN.

Os trabalhadores da RN lutam há mais de três meses pela revisão do acordo de empresa. O CG inicialmente pretendeu impor um tecto salarial de 14 por cento, que depois subiu para 21 por cento, pondo como contrapartida diversas alterações ao clausulado geral, que os trabalhadores consideram inaceitáveis. Os sindicatos da UGT aceitaram estas condições, o que tornou ainda maior a intransigência do CG.

Na terça-feira os trabalhadores paralisaram 24 horas, mas a greve que estava marcada para ontem foi suspensa, depois da reunião realizada na quarta-feira entre o secretariado da Festru e o secretário de Estado, por este membro do Governo se ter comprometido a enviar esforços no sentido de ser desbloqueado o conflito.

De referir que estão marcadas greves na RN para os próximos dias 5 e 7, que poderão ser confirmadas ou suspensas pelo plenário que hoje decorre.

Transportes do Porto

Os trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto decidiram ontem, em plenário, paralisar nos dias 5, 6, 7 e 8 do corrente.

O pessoal do sector do movimento (material circulante) paralisará entre as 20 e 30 e as 10 horas e os restantes sectores (oficinas e administrativos) cumprirão uma greve entre as 13 e as 18 e 30, em virtude de não ter sido solucionado o conflito que opõe os trabalhadores à administração da empresa.

O pessoal do STCP reivindica salários equiparados aos que estão em vigor para os seus colegas da Carris de Lisboa.

Entretanto está marcada para esta tarde uma reunião, em Lisboa, entre o secretário de Estado dos Transportes e as duas partes, com vista ao desbloqueamento do conflito.

Com ocupação das empresas

Indústria naval paralisa no dia 16

Os cerca de 25 mil trabalhadores da construção naval desencadeiam na tarde do próximo dia 16 uma paralisação nacional, segundo anunciou a comissão coordenadora das comissões de trabalhadores do sector.

A paralisação, com ocupação das empresas, culmina uma semana de luta marcada para o período de 12 a 16 do corrente mês, e foi decidida pelo plenário de comissões de trabalhadores da indústria naval, em que participaram representantes de 12 empresas.

Durante a referida semana de luta circulará um abaixo-assinado onde se exige a demissão do Governo, que será entregue ao Presidente da República no dia da paralisação.

O plenário deliberou ainda «participar de forma activa nas acções de massas a decidir pelo movimento sindical unitário (CGTP) e que visem o derrube do Governo».

No texto aprovado durante o plenário é feito um balanço da situação no sector desde 1974, nomeadamente desde a subida ao poder dos Governos AD, que são acusados de, entre outros aspectos, não cumprirem as promessas eleitorais e degradarem o sector. O texto afirma nomeadamente que não foram construídos os 17 navios nem os 377 barcos de pesca prometidos em 1981 pela AD.

MOMPOR

Os cerca de 1200 trabalhadores da MOMPOR, empresa nacionalizada e que se dedica à montagem de estruturas fabris, estiveram ontem paralisados nos diversos locais do trabalho, por períodos que variaram entre uma e três horas, como forma de protesto contra o atraso no pagamento dos salários relativos ao mês de Junho.

CGTP e UGT unânimes no repúdio à política do Governo AD

Em audiências separadas com o Presidente da República, a CGTP/IN e a UGT manifestaram ontem a sua discordância quanto à política do Governo AD, pondo em relevo o isolamento do Executivo em relação às classes trabalhadoras do País.

A delegação da CGTP, composta por Armando Teixeira da Silva, coordenador do secretariado, José Luís Judas, Manuel Lopes, Kalidas Barreto e Joaquim Calhau todos do executivo do Secretariado da central sindical, manifestaram a Ramalho Eanes a preocupação dos trabalhadores com a governação AD, nomeadamente no plano social, assim como com a situação económica e financeira portuguesa.

Segundo um dirigente da central sindical, foram também manifestadas preocupações quanto à revisão constitucional, que a CGTP considera estar a ser encaminhada num sentido contrário ao da Constituição de 1976, tendo sido exigida a demissão do Executivo liderado por Pinto Balsemão.

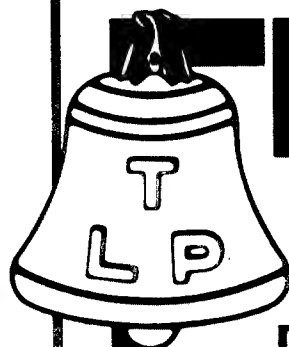
Relativamente aos acontecimentos do 1.º de Maio no Porto,

o porta-voz da CGTP acentuou que manifestaram ao Presidente da República a exigência de que os resultados do inquérito sejam tornados públicos.

A UGT, por seu turno, informou o PR que «não aceitará qualquer revisão da legislação laboral que não seja negociada com os parceiros sociais», e que exigirá a demissão do actual Governo se este «recorrer ao expediente do pedido de autorização legislativo à Assembleia da República para rever as leis» — afirmou Rui Oliveira e Costa, do secretariado Executivo daquela organização sindical.

Ainda segundo o porta-voz da UGT, durante a reunião, os sindicalistas expuseram ao Presidente o seu ponto de vista sobre a situação económica, social e política do País e salientaram igualmente a necessidade de os resultados do inquérito aos acontecimentos do 1.º de Maio no Porto serem rapidamente divulgados.

A delegação da UGT era composta por Vítor Hugo Sequeira, Miguel Pacheco, António Cabecinha, Rui Oliveira e Costa, Castro Fernandes e João Proença.



INFORMA

ALTERAÇÕES DOS NÚMEROS DE TELEFONE SINTRA

No dia 3 de Julho serão alterados os prefixos numéricos de algumas centrais da "linha de Sintra".

Em simultâneo, será automatizada a central de Pero Pinheiro. Estas acções significam mais um passo para a concretização do programa de melhoria da rede telefónica que serve a área de Lisboa e que os TLP têm vindo a implementar.

Os assinantes abrangidos por estas alterações ficarão com novos números de telefone de acordo com o indicado na lista abaixo.

Números começados por:	Passam a começar por:
29230 . .	92720 . .
29231 . .	92721 . .
295	925
294	924
298	928
299	929
291	921
2970 . . .	9270 . . .
2971 . . .	9271 . . .
296	926
29233 . . a 29239 . .	92733 . . a 92739 . .
293	923
2480 . . .	9277 . . .
2481 . . .	9278 . . .



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

Amnistia da visita do Papa saiu hoje

Saiu hoje no «Diário da República» a lei que amnistia várias infracções e concede perdão a várias penas por ocasião da visita a Portugal do Papa João Paulo II. A lei, que tem o n.º 17/82, foi aprovada na AR no dia 1 de Junho, promulgada em Belém no dia 16 do mesmo mês, e abrange infracções cometidas apenas até 10 de Maio, vésperas da chegada do líder da Igreja Católica a Lisboa.

De assinalar que não são abrangidos pela amnistia os indivíduos integrados ou ao serviço das Forças Armadas, e que a lei não extingue a responsabilidade civil emergente dos factos delituosos praticados.

A relação das infracções amnistiadas é numerosa, mas reproduzimo-las aqui na íntegra.

- São amnistiados:
- a) O crime previsto no artigo 182.º do Código Penal;
 - b) Os crimes previstos nos artigos 188.º e 189.º do Código Penal, bem como os que, previstos em legislação secundária, ai sejam qualificados como crimes de desobediência ou de desobediência qualificada ou sejam mandados punir com as penas correspondentes a estes crimes;
 - c) As infracções ao regime da propriedade da farmácia, sem prejuízo da obrigação de regularizar a situação em conformidade com a respectiva legislação e ainda as infracções ao disposto no § 2.º do artigo 236.º do Código Penal, com excepção das previstas no Decreto-Lei n.º 32 171, de 29 de Julho de 1942, no Decreto-Lei n.º 29 931, de 15 de Setembro de 1939, no artigo 549.º do Estatuto Judiciário, no Decreto-Lei n.º 483/76, de 19 de Junho, no artigo 15.º do Decreto de 15 de Abril de 1911 e no Decreto-Lei n.º 8/74, de 14 de Janeiro;
 - d) Os crimes previstos no artigo 242.º do Código Penal e nos artigos 22.º e 23.º do Decreto-Lei n.º 33 725, de 21 de Junho de 1944;
 - e) Os crimes previstos nos artigos 359.º, 360.º, n.º 1, 363.º e

379.º do Código Penal;

- f) Os crimes previstos nos artigos 360.º, n.º 2, e 365.º, n.ºs. 1 e 2 do Código Penal, quando o ofendido conceda o perdão;
- g) Os crimes previstos nos n.ºs. 3 e 4 do artigo 360.º do Código Penal cometidos por um ascendente contra um descendente, por um irmão contra outro ou por um cônjuge contra outro, quando o ofendido conceda o perdão;
- h) O crime previsto no artigo 368.º do Código Penal;
- i) O crime previsto no artigo 369.º do Código Penal;
- j) O crime previsto no corpo do artigo 380.º do Código Penal;
- k) O crime previsto no artigo 390.º do Código Penal;
- m) O crime previsto no artigo 392.º do Código Penal, desde que a ofendida tivesse mais de 16 anos à data do crime e conceda o perdão ou entretanto tenha casado até à data da publicação da presente lei;
- n) Os crimes previstos nos artigos 407.º e 410.º do Código Penal, excepto quando constituam crimes de abuso de liberdade de imprensa;
- o) O crime previsto no artigo 420.º do Código Penal;
- p) Os crimes contra a propriedade, quando puníveis com multa ou com prisão até 6 meses, com ou sem multa, excepto os previstos nos Códigos do Direito de Autor e da Propriedade Industrial;
- q) Os crimes de açambarcamento e especulação, desde que o valor da mercadoria ou produto não ultrapasse 15 000\$ ou

- quando o lucro ilícito, obtido ou tentado, não ultrapasse o valor de 2 500\$; bem como as restantes infracções antieconómicas previstas nos artigos 20.º e seguintes do Decreto-Lei n.º 41 204, de 24 de Julho de 1957, quando punidas com multa, ou com prisão até 1 ano, com ou sem multa;
- r) O crime previsto no artigo 14.º n.º 1, do Decreto-Lei n.º 41 204, de 24 de Julho de 1957, quando os produtos não se destinassem a comercialização;
- s) O crime previsto na alínea d) do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 630/76, de 28 de Julho, quando o valor do acto ou da operação não exceda 20 000\$ e tenha sido praticado por negligência;
- t) O crime previsto no artigo 91.º do Código de Processo Penal;
- u) O crime previsto no artigo 285.º-A do Código de Processo Penal;
- v) As infracções previstas nos artigos 6.º, 58.º, 59.º e 60.º do Decreto-Lei n.º 48 912, de 18 de Março de 1969, e bem assim no artigo 56.º do mesmo diploma quanto à exploração de máquinas automáticas de fichas ou moedas;
- x) As infracções às leis fiscais, quando puníveis apenas com multa até 1000 contos, desde que seja cumprida a obrigação fiscal cujo incumprimento determinou a aplicação da multa e, no caso de ser devido imposto, este seja pago no prazo de 90 dias a contar da notificação da liquidação;
- y) As infracções ao disposto nos artigos 1.º, 2.º e 4.º do Decreto-Lei n.º 376/77, de 5 de Setembro, abrangendo as áreas que lhe foram acrescentadas pela Portaria n.º 251/79 de 30 de Maio, desde que no prazo de 6 meses, salvo por motivo imputável aos serviços se mostrem

- cumpridas as obrigações impostas pelo referido diploma;
 - a7) As infracções ao artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 293/81, de 16 de Outubro;
 - b7) Os crimes previstos no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 15 355, de 19 de Abril de 1928;
 - c7) Os crimes previstos no artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 198-A/75, de 14 de Abril, e no artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 294/77, de 20 de Julho, praticados até 20 de Janeiro de 1981, desde que a situação tenha sido regularizada por desocupação por acordo com o dono da casa ou por decisão da autoridade competente até 10 de Maio de 1982;
 - d7) As infracções ao Código da Estrada, ao seu Regulamento e ao Regulamento de Transportes em Automóveis as demais infracções relativas ao trânsito rodoviário, bem como as medidas de segurança decorrentes de qualquer destas infracções;
 - e7) As infracções ao regime de caça e pesca, quando puníveis apenas com multa;
 - f7) As infracções às leis, estatutos e regulamentos desportivos;
 - g7) As infracções às leis sobre taxas de rádio e televisão, puníveis com multa, desde que seja cumprida a obrigação do pagamento das taxas em dívida no prazo de 3 meses;
 - h7) As infracções aos regulamentos administrativos emanados dos governadores civis.
- São igualmente amnistiados:
- a) Os crimes previstos e punidos nos artigos 127.º n.º 2, e 207.º, n.º 1, do Código de Justiça Militar;
 - b) Os crimes previstos e punidos nos artigos 122.º alínea d), 124.º, alínea c), 125.º, alínea d), 135.º, alíneas b) e c), e 136.º do Código de Justiça Militar e ainda os previstos nos artigos 201.º,

- 203.º e 204.º do mesmo Código quando o valor não exceda 10 000\$;
 - c) Os crimes previstos e punidos no artigo 142.º, n.º 1 alíneas a) e b), do Código de Justiça Militar, desde que o militar se apresente no prazo de 15 dias a contar da entrada em vigor do presente diploma;
 - d) As infracções de uso e porte ilegal de qualquer das armas da defesa referidas no n.º 1 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 207-A/75, de 17 de Abril, desde que o detentor regularize a situação no prazo de 4 meses;
 - e) As infracções previstas nos artigos 59.º, 63.º e 64.º da Lei n.º 2135, de 11 de Julho de 1968, desde que os infractores regularizem a sua situação nos prazos determinados em despacho normativo da entidade competente;
 - f) As infracções disciplinares de natureza militar, com excepção das que consistem na violação dos deveres referidos nos n.ºs 10, 12, 13, 14, 15, 31 e 32 do artigo 4.º do Regulamento de Disciplina Militar.
- São igualmente amnistiados:
- a) Os crimes marítimos previstos nos artigos 132.º, 133.º, 134.º, 137.º, 139.º, 144.º, n.º 1 do artigo 145.º, 150.º, 154.º, n.º 1 do artigo 159.º, 160.º e 161.º, este último quanto aos crimes definidos por remissão no n.º 1 do artigo 159.º, n.º 1 do artigo 162.º, e nos artigos 163.º, 164.º, n.º 1, 165.º, 166.º, 167.º, com a exclusão de infracções punidas com penas superiores a 2 anos, e 169.º, excluído o § único, do Código Penal e Disciplinar da Marinha Mercante;
 - b) As infracções disciplinares sancionadas com qualquer das penas previstas nos artigos 49.º e 50.º do mesmo Código.
- São perdoados, relativamente às penas correspondentes às

infracções cometidas até à data referida no artigo 1.º:

- a) 1 ano em todas as penas de prisão nas infracções cometidas por delinquentes primários;
 - b) 6 meses em todas as penas de prisão nas infracções cometidas pelos restantes delinquentes;
 - c) Um sexto, nunca inferior a 10 meses, das penas de prisão maior variáveis, correspondentes a infracções cometidas por delinquentes primários;
 - d) Um oitavo, nunca inferior a 6 meses, das penas de prisão maior variáveis cometidas pelos restantes delinquentes;
 - e) Um décimo, nunca inferior a 18 meses, das penas de prisão maior fixas, correspondentes a infracções cometidas por delinquentes primários;
 - f) Um décimo, nunca inferior a 15 meses, das penas de prisão maior fixas, correspondentes a infracções cometidas pelos restantes delinquentes.
- 2 — São perdoados 6 meses às penas criminais privativas a liberdade ainda não aplicadas, por crimes da competência do foro militar.
- 3 — O mesmo perdão é concedido relativamente às penas criminais privativas da liberdade ainda não aplicadas, por crimes sujeitos ao foro militar não abrangidos pela presente amnistia e cometidos até à data referida no artigo 1.º.
- 4 — O perdão referido nas alíneas a) e b) do n.º 1 abrange as penas de prisão previstas no artigo 123.º do Código Penal e aplica-se às penas de prisão convertidas em multa.
- 5 — O perdão previsto nos números anteriores adiciona-se materialmente a anteriores perdões.
- 6 — A pena de prisão aplicada em medida não superior a 2 anos a delinquentes menores de 18 anos ou maiores de 70 anos à data da prática do crime, quando cometidos até 10 de Maio de 1982, será sempre substituída.

festa do
Avante!
espectáculos

Um dos maiores
nomes da
música "Country"
na festa
BUFFY
SAINTE MARIE

Cada vez mais Festa de cada vez mais Povo

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-R.D.A.

VISITE A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ!

INSCREVA-SE JÁ!

Próxima partida: 17 de Julho, com regresso a 29.
O programa inclui alojamento em hotéis de 1.ª e de luxo, todas as refeições e visitas em todas as cidades (Erfurt, Leipzig, Dresden, Berlim — 4 dias na capital da RDA! — e Magdeburgo) e nas principais zonas turísticas do país.
Inscrições para sócios e não sócios

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA

Pr. José Fontana, 17-4.º — 1000 Lisboa
telef.: 539821/2 das 15.00 às 19.00

R. Augusto Luso 68-1.º — 4000 Porto
telef.: 698213 das 17.00 às 20.00

OU AGÊNCIA

abreu

Em colaboração com a
REISEBURO
der Deutschen
Demokratischen Republik

Imposto de compensação do gasóleo subiu de 30 para 42 contos por ano

• **Mais de 80 por cento dos isentos passam a pagar mil escudos por mês**

O novo imposto de compensação de gasóleo, o popularizado «imposto de gasóleo», subiu 40 por cento ontem, passando de 30 para 42 contos no caso dos carros (automóveis a «diesel») com um peso inferior a 2500 quilos. Os carros com mais de 2500 quilos até hoje isentos do imposto passam a pagar doze mil escudos.

Confirma-se assim uma notícia dada em primeira mão pelo «DL» há cerca de três meses, quando admitimos que o imposto de compensação do gasóleo subiria ainda este Verão. Mais tarde, recorde-se, o ministro da Habitação, Transportes e Obras Públicas, numa das suas várias deslocações, adiantou estar para breve o aumento, apontando para um acréscimo do imposto na ordem dos vinte contos, isto é, o «imposto do gasóleo» poderia passar para 50 mil escudos/ano. Há não muitos dias, o secretário de Estado da Energia afirmava no MIE que o aumento do imposto há muito que deveria estar em prática.

Os proprietários de automóveis ligeiros a Diesel com menos de dois mil e quinhentos quilos ficam desde já a saber que quando em Outubro forem pagar a trimestralidade do imposto de compensação do gasóleo terão de desembolsar mais doze contos, enquanto os que utilizam veículos a gasóleo de peso superior a 2500 quilos, até agora isentos desse imposto, serão oportunamente avisados de que essa «imunidade» cessou. De acordo com a Secretaria de Es-

tado do Orçamento, que neste caso está a accionar uma medida tomada na reunião do Conselho de Ministros, subsequente ao encontro de vários membros do Governo, na Tapada de Mafra, há uma dezena de dias, o novo imposto para esses é de doze contos — mil escudos por mês.

«É um golpe de morte no meu negócio», disse-nos esta manhã um dos abrangidos pelo aumento do imposto de compensação do gasóleo, que quase diariamente viaja entre Santarém e Lisboa, ou faz, como comerciante-distribuidor, a província do Ribatejo. Comprou há pouco mais de três meses um carro a gasóleo para a viagem, por lhe ser mais lucrativo, e de um dia para o outro vê o seu orçamento mensal reduzido em mais mil escudos, para além dos 2 500\$00 que já desembolsava por mês. «Não sei o que fazer, mas uma coisa é certa: tenho de ver bem se ainda compensa ter um carro a gasóleo», acrescentou-nos.

Para quem percorre mais de dois mil quilómetros por mês, contudo, ainda compensa viajar num carro a gasóleo, apesar de tudo. Mas há quem esteja na dis-

posição de trocar por um a gasolina se, como se prevê, o gasóleo vier a subir outra vez este ano — como os mais cépticos admitem.

Com a aplicação do imposto de compensação de gasóleo aos carros com mais de 2500 quilos, até agora isentos, que constituíam cerca de 80 por cento do parque automóvel a gasóleo não abrangido, são muito poucos os carros nessas condições que não pagam imposto. Com efeito, de ontem em diante apenas continuam isentos do imposto de compensação de gasóleo os táxis, os transportes públicos de passageiros, os tractores agrícolas e os veículos de deficientes, segundo julgamos saber.

Embora se admitisse o aumento do imposto de compensação do gasóleo a todo o momento, a medida colheu de surpresa, se se confirmarem as indicações que recolhemos, esses cerca de 80 por cento de proprietários de veículos que não pagavam imposto, pelo peso dos seus veículos ser superior a 2500 quilos. O novo imposto tem um valor igual ao aumento que recai sobre os proprietários de veículos de peso inferior a 2500 quilos: doze mil escudos. Entre aqueles encontrar-se-ão alguns veículos do Estado, salvo se a medida, a publicar num suplemento ao «Diário da República» com data de 1 de Julho, vier a dispor em contrário — facto que não nos foi possível apurar esta manhã junto da Secretaria de Estado do Orçamento.

ensino

Conservatório Nacional

Exames adiados na Escola de Música

Os professores da Escola de Música do Conservatório Nacional anunciaram ter adiado o início dos exames, até serem recebidos pelo ministro da Educação.

Em conferência de Imprensa, os docentes da Escola de Música afirmaram que pretendem uma audiência com o ministro Fraústo da Silva, à parte da que está programada para o dia 7 de Julho em conjunto com os conselhos directivos das outras quatro escolas, a funcionar também no Conservatório.

A Escola de Música quer autonomia pedagógica, administrativa e física e uma reestruturação que aponte para a criação de um Conservatório Nacional de Música.

Nesta perspectiva, os docentes contrariam a ideia de um Conservatório Nacional pluridisciplinar, tendo os docentes formado vários grupos de estudo que estão a elaborar uma proposta de reestruturação.

Os docentes referiram que «a não continuidade deste trabalho, tanto por parte do Ministério como da Escola de Música levarão a uma situação insustentável tanto a nível pedagógico como jurídico».

Os cursos existentes na Escola de Música não têm qualquer validade e enquadramento no ensino oficial, dado que há dois anos terminou o regime de experiências pedagógicas, sem que tivesse sido publicado qualquer outro diploma sobre o assunto.

Os docentes apontaram ainda como prova da inviabilidade do seu funcionamento com as outras quatro escolas (Dança, Teatro, Cinema e Educação pela Arte), «o malogro das diversas formas que foram ensaiadas para o Conservatório Nacional».

Assinalaram como «extremamente grave a inexistência no Ministério da Educação de um órgão que com a escola possa dialogar em termos de conhecimento directo dos seus problemas».

Chamam a atenção para a circunstância de existir no Ministério «um gabinete coordenador do ensino artístico sem quadros ligados à pedagogia musical e que tem desenvolvido uma actividade para além do seu âmbito».

Novas escolas

Cinco novas escolas preparatórias e quatro secundárias entrarão em funcionamento no início do próximo ano lectivo — de acordo com uma portaria publicada ontem no «Diário da República».

A portaria, da responsabilidade dos Ministérios das Finanças, Educação e da Reforma Administrativa, assinala que as escolas preparatórias se localizam em Fajões (distrito de Aveiro), Maximuns e Creixonil (distrito de Braga), Coja (distrito de Coimbra) e Loures (distrito de Lisboa).

As escolas secundárias estão fixadas em Esmoriz (distrito de Aveiro), Almodôvar, Mértola e Odemira (distrito de Beja) e em Rio Tinto (distrito do Porto).

Universidade de Coimbra

Eleição do Reitor

Os conselhos consultivos da Universidade de Coimbra propuseram profundas alterações ao despacho que regula a designação dos reitores das Universidades — apurou a ANOP junto da Reitoria.

O plenário dos conselhos aprovou um texto com o conjunto das alterações ao despacho 276/81, do qual se destaca a indicação para a constituição de um colégio eleitoral que possibilite uma maior representação dos vários corpos da Universidade.

Outra alteração aprovada refere-se à imposição de cada eleitor assinalar no boletim de voto três nomes, propor um plenário que seja retido apenas um nome, «a fim de tornar mais clara a expressão da vontade da Universidade».

O plenário aprovou também que desapareça do citado despacho a exigência de cada um dos candidatos ter de obter, pelo menos, 40 por cento dos votos expressos.



MUNICIPIO DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

ANÚNCIO

Admissão de um Técnico Superior de 1.ª Classe

Aceitam-se candidaturas pelo prazo de 15 dias para o provimento de um lugar de Técnico Superior de 1.ª Classe, para exercer as funções de:

CHEFE DE SERVIÇOS DE ÁGUAS E SANEAMENTO

OFERECE-SE:

- Vencimento de acordo com os contratos estabelecidos oficialmente para a Função Pública.
- Regalias Sociais da Função Pública e Outras.
- Boas perspectivas de realização profissional com possibilidades de promoção funcional a curto prazo.

PRETENDE-SE:

- Licenciatura em Engenharia Civil.
- Conhecimento e experiência do Sector de Saneamento Básico.
- Capacidade de Chefia e de trabalho de equipa.

Almada, 22 de Junho de 1982

O Presidente do Conselho de Administração
Carlos Manuel B. de Sousa



MUNICIPIO DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE:

1. Construção do «Colector PP9» — Cova da Piedade «Colector GJ» — Saneamento de Almada.
2. Construção dos colectores domésticos e pluviais PP9
 - 2.1 Construção dos colectores domésticos
 - 2.2 Construção dos colectores pluviais

Preço base:

1 — Colector GJ	14.511.099\$00
2.1 — Colectores PP9 domésticos	1.554.840\$30
2.2 — Colectores PP9 pluviais	5.671.074\$20
Preço Base Total:	21.737.013\$50
Caução provisória:	543.425\$80

Alvará — 4.ª subcategoria da V categoria, ou V categoria, e a classe correspondente ao valor da proposta apresentada.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas: Secretaria Técnica dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Almada (Rua do Registo Civil — Almada), 30 dias contados a partir do dia seguinte à publicação deste anúncio no Diário da República ou no 1.º dia útil que se lhe seguir, caso o referido 30.º dia coincida com sábado, domingo ou feriado, até às 16 horas.

Local, dia e hora do acto público do concurso: Sede dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Almada (Rua do Registo Civil — Almada), no dia útil que se seguir ao termo do prazo para entrega das propostas, às 10 horas.

Local e horário para exame do processo: Sede dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Almada (Rua do Registo Civil — Almada), todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Almada, 16 de Junho de 1982

O Presidente do Conselho de Administração
Carlos de Sousa

de ontem para hoje

Nas malhas da justiça por morte sem profissão

Um homem sem profissão foi morto ontem de madrugada por um agente da PSP em circunstâncias que motivaram um inquérito disciplinar e, o que é bastante mais grave, incriminação por presumível autoria de homicídio.

Abel Silva, de 29 anos, foi a vítima. António Silvestre, de 27 anos, solteiro, o «carrasco». Um companheiro da vítima, de nome João Pereira, espectador da ocorrência.

A partir daqui, as versões diferem. Para o guarda da PSP, encontrados em circunstâncias suspeitas, os dois homens tentaram agredi-lo, tendo surgido um disparo acidental, mas mortal, no decorrer da refrega.

Para o amigo da vítima, o guarda tê-lo-ia interpelado sem razão, e disparado sem justificação.

Um caso para os Juizes de Instrução Criminal desembrulharem.

Disparo «por engano»

Um soldado da Guarda Nacional Republicana disparou ontem involuntariamente contra si próprio, ao tentar intimidar um pescador que brandia uma faca contra o pai.

A cena ocorreu ao princípio da tarde em Sesimbra na sequência de uma discussão familiar. Um jovem pescador daquela localidade insultou o pai e tentou agredi-lo com uma navalha.

A vizinhança alertou o posto da GNR, que enviou imediatamente para o local uma patrulha de três homens.

Vendo que o pescador brandia uma faca, um dos agentes sacou da pistola «para o intimidar», segundo uma fonte da GNR.

A arma porém, disparou-se, atingindo o próprio soldado. O agente encontra-se livre de perigo.

Azeite «a martelo» na Arrifana

Novecentos litros de azeite falsificado foram apreendidos ontem pela Fiscalização Económica de Coimbra na localidade de Arrifana, próxima de Vila Nova de Poiares, revelou um elemento daquele organismo.

No período de 21 a 26 do mês passado, foram ainda instaurados 26 processos, tendo sido detidos quatro indivíduos em flagrante delito: por especulação de vinhos, açambarcamento de maçã, posse e venda de produtos impróprios e manutenção clandestina.

O caso mais grave, porém, é o do azeite, no qual foram detectadas grandes quantidades de óleo e diversos corantes sintéticos, considerados altamente prejudiciais para o organismo humano.

Vítimas dos CTT livres de perigo

As vítimas de uma explosão registada na passada quarta-feira na cantina dos CTT dos Restauradores encontram-se já livres de perigo.

Rosinda Capas Bom, que sofrera várias fracturas de certa gravidade, continua a ser caso mais melindroso, embora esteja também já livre de perigo, na sequência de in-

tervenções cirúrgicas a que foi submetida.

O relatório preliminar, entretanto divulgado, revela que o sinistro teve origem no facto de um cano de gás ter sido involuntariamente furado, provocando grandes concentrações de combustível no monta-cargas.

Castelo: a marcha da vitória

A marcha do Castelo foi a vencedora do concurso «Marchas Populares» de Lisboa, anunciou ontem o júri.

Participaram na iniciativa 14 bairros populares lisboetas, que apresentaram a concurso as suas marchas.

Em segundo lugar ficou o bairro da Mouraria e em terceiro, o bairro de Marvila.

O júri atribuiu ainda à marcha do Castelo os prémios de coreografia e graciosidade, enquanto a marcha dos Olivais recebeu o prémio de canto, e a de Benfica, o prémio de cenografia.

Zoo: «borlas» acabaram

Os alunos e professores dos estabelecimentos de ensino do País deixaram de ter, a partir de ontem e durante o Verão, entrada gratuita no Jardim Zoológico de Lisboa.

A razão é simples: terminou no dia 30 de Junho a vigência do acordo estabelecido nesse

sentido entre a administração do Jardim Zoológico e o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ).

Até que seja negociado novo acordo, para o ano lectivo 82/83, com início em Outubro, estão suspensas as entradas gratuitas no Zoo.

Cheques sem cobertura: uma fortuna

No primeiro semestre deste ano, a Polícia Judiciária do Porto recebeu queixas por emissão de cheques sem cobertura no valor total de cerca de 153 milhões de escudos - revelou um porta-voz daquela corporação.

A mesma fonte acrescentou que, só em Abril, as queixas apresentadas por aquele crime foram de 156, correspondentes a 273 cheques no valor de 63 milhões de escudos.

Mortos e feridos da estrada

Sete mortos e 73 feridos constituem o balanço dos 72 acidentes de viação registados pela GNR nas estradas do País, entre as 12 horas do dia

30 de Junho e a mesma hora de quinta-feira.

Dos feridos, 32 encontram-se em estado grave.

Manobras perigosas na estrada:

Empregados de comércio à frente

• Mulheres menos faltosas que os homens

A que sector pertencem os condutores que mais manobras perigosas fazem quando conduzem automóveis?

Não é difícil a resposta. Se por acaso o fosse, teríamos agora a revista da «Policia Portuguesa» a retirar quaisquer dúvidas: são os trabalhadores do comércio. O último número da revista da corporação policial baseia-se num inquérito para o concluir. Muitos de nós sabem como é, quer por circular em carro próprio, quer por viajar nos transportes públicos.

A revista da «Policia Portuguesa» é extremamente elucidativa no seu último número. Dados por ela publicados revelam-nos que, do total de

32 255 manobras (perigosas ou equiparadas) praticadas em 1979 (neste caso nas estradas portuguesas), da responsabilidade de empregados do comércio foram mais de dez por cento: exactamente 3799.

O número atrás não alude a camionistas, como facilmente se perceberá pela simples razão de que estamos a falar em automóveis. Mas refere os motoristas, que aparecem logo em segundo lugar na prática de contravenções, com 3576 casos, pouco menos que os empregados de comércio. Em terceiro lugar surgem os comerciantes. Na quarta posição aparecem homens de profissões liberais (2024), e no quinto os industriais (2015). De-

senhadores (196) e empregados de seguros (254) são os últimos na tabela fornecida pela revista da Polícia.

Os homens, em 1979, cometeram 32 255 manobras perigosas, enquanto as mulheres só praticaram 3013. Tenha-se em conta que a diferença entre homens e mulheres encartados é incomparável, pelo menos por enquanto. Logo, só muito dificilmente o número de mulheres «faltosas» seria superior ao dos homens. Se descermos ao pormenor da proporcionalidade a conclusão talvez seja contrária.

A mesma revista da Polícia publica um inquérito sobre diversos aspectos ligados à prática da condução. Os números são es-

tes: A maioria (94 por cento) declarou que já viveu situações de perigo devido a ausência ou má iluminação dos ciclistas ou carros. Também a maioria (73 por cento) pensa que os sinais das estradas se vêem com dificuldade de noite, mesmo com as luzes máximas ligadas. Há 95 por cento que afirmaram sentir-se mais seguros «quando a estrada tem sinalização no pavimento». Uma minoria (15 por cento) sente prazer em fazer as curvas em derrapagem.

Na zona do Porto, 22 por cento dos condutores disseram que não baixam os faróis quando os que passam por eles também o não fazem, e 13 por cento disseram «não gostar de ser ultrapassados».

Carros roubados

Negócio floresce perante a impotência policial

Mais de mil e cem veículos arrombados e meio milhar desaparecidos em Maio último, segundo estatísticas da PSP, são números que preocupam responsáveis e autoridades. Somados esses números de carros arrombados e desaparecidos totalizam, em média, cinquenta «casos» diários.

Perante tal quadro, haverá que regozijar-se pelo facto de haver alarmes. Mas nem todos parecem já suficientemente eficazes e «denunciantes». Por vezes, os «especialistas» no arrombamento e desaparecimento de carros contornam essa dificuldade como verdadeiros mestres. Porém, a maioria dos carros arrombados e desaparecidos em Maio deste ano não estavam apetrechados com alarme.

Um tanto como «casa rou-

bada, trancas na porta», também o condutor assim lesado, se recuperou o carro - porque não é fácil recuperar o que lhe foi roubado do interior -, lembra-se logo do alarme. O que é roubado do interior dos veículos - e nesse aspecto os turistas, pelo menos agora são os mais visados - é transaccionado em centenas de casas e locais de Lisboa com a maior das impunidades, porque o «circuito» estendeu-se, ganhou raízes quase impenetráveis.

Em Maio último foram arrombadas 1148 viaturas e 523 desapareceram.

Algumas delas já apareceram, outras nunca mais voltarão aos seus donos (também não faltam oficinas de transformação), e todos os dias isso acontece. As estatísticas referentes aos últi-

mos anos impressionam: entre 1978 e 1981 (quatro anos), a PSP registou 71.764 arrombamentos e roubos de viaturas. A PJ, por seu turno, debruçou-se sobre 9181 casos em 1978, menos 148 no ano seguinte, e 8974 em 1980.

Dos carros desaparecidos no ano findo há 232 que ainda não foram recuperados pelos seus donos. Daí que se afirme que o roubo de veículos é o que maiores prejuízos ocasiona, não só devido ao seu valor, mas também por mor do seu número. Mas os arrombamentos também ficam caros. Hoje em dia, com efeito, um aparelho de rádio pode custar uma dezena, e por vezes mais, de contos, e o material (portas, vidros e fechaduras) não é menos caro.

As viaturas desaparecidas e não recuperadas - porque há as que apenas servem para um passeio, uma pequena aventura de jovens - alimentam a acção de várias quadrilhas e estão na base de um negócio que envolve centenas de milhares de contos. A venda de acessórios, com efeito, é hoje modo de vida de muitos marginais e lucro certo para alguns proprietários de oficinas. Há, por outro lado, muito carro nas estradas com matrículas viciadas, números de motor e chassis modificados, pintados de outra cor que não a original - que consta do livrete real.

Amanhã em Lisboa

Almoço de artistas plásticos e críticos

Um almoço-encontro irá reunir amanhã artistas plásticos, críticos, galeristas e jornalistas da área cultural, «de várias sensibilidades» mas apostados num projecto comum: rasgar fronteiras à arte portuguesa.

A iniciativa, que partiu de um grupo de artistas, será, segundo Leonel Moura, uma saudação e homenagem. A saudação será dirigida ao «sucesso pontual da arte portuguesa» concretizado pela presença, este ano, de artistas portugueses nas três mais importantes manifestações artísticas da actualidade: Helena Almeida, na Bienal de Veneza, Julião Sarmento, na Documenta de Kassel e Craveiro Pinto, José de Carvalho e Sérgio Pombo, na Bienal de Paris.

A propósito, Leonel Moura assinalou que os artistas portugueses começam a ter facilidade em expor lá fora. Ao nível dos apoios institucionais, Moura reconheceu que alguma coisa tem sido feita, dando a Gulbenkian, apesar de tudo, subsídios e tendo o Estado, com todas as carências e dificuldades, um papel a assinalar.

A homenagem, a segunda grande razão do referido almoço, terá como destinatário Ernesto de Sousa que, segundo a folheta-anúncio do encontro, «é um dos críticos que mais corrente e consequentemente se tem batido pela abertura da arte portuguesa a um natural convívio internacional».



AVENIDA MANUEL DA MAIA 46, 1º DTº
(à Praça de Londres) - Telef. 88 14 98 - 1000 LISBOA

CURSOS DE FÉRIAS
COM INÍCIO A: 5 JULHO • 2 AGOSTO • 6 SETEMBRO

INGLÊS • FRANCÊS • ALEMÃO
PORTUGUÊS

• PEQUENOS GRUPOS
• PROFESSORES DA NACIONALIDADE

**FAÇA JÁ
A MARCAÇÃO**

Os portadores deste anúncio beneficiarão do desconto de 50% na inscrição



YUGOSLÁVIA
PREÇOS DESDE: 47.950\$00 8 DIAS
BULGÁRIA E GRÉCIA
PREÇOS DESDE: 37.980\$00 10 DIAS
SUÍÇA E ÁUSTRIA
PREÇOS DESDE: 42.000\$00 8 DIAS

ITÁLIA
PREÇOS DESDE: 42.900\$00 9 DIAS
TRATAMOS DE PASSAPORTES



EXCURSÕES 82

MADRID	 5 dias	7 140\$
ANDORRA	 5 dias	8 700\$
TANGER	 5 dias	10 200\$
LOURDES	 5 dias	9 540\$
MAIORCA	 6 dias	11 940\$
BARCELONA	 6 dias	9 420\$
PARIS	 6 dias	11 400\$
SUÍÇA	 7 dias	13 800\$
ITÁLIA	 7 dias	16 740\$
HOLANDA	 7 dias	15 000\$
ALEMANHA	 7 dias	14 880\$

HÓTEIS 1.ª • SUPERPULLMAN
PARTIDAS MENSIAIS

OUTRAS OPÇÕES

ESCAMARÃO TUR

Rua Conselheiro Arantes Pedroso, 65
LISBOA Telefone 57 95 16

Pesqueiro 'Yasmina' chega hoje a Aveiro

Embora tendo a chegada prevista para o fim de tarde de ontem o pesqueiro «Yasmina» não chegou ainda ao porto de Aveiro sendo, no entanto, quase certa a sua atracagem hoje. O pesqueiro, que esteve em perigo por uma avaria ao largo da Mauritânia, foi rebocado pela corveta da Armada «João Roby», segundo informou o Comando Naval do Continente.

No passado dia 27 de Junho o pesqueiro aveirense «Yasmina», que se encontra registado em Casablanca, ficou imobilizado, com o motor gripado e o sistema de comunicações inutilizado. A situação difícil em que se encontrava o pesqueiro foi tornada conhecida por um outro pesqueiro «S. Cosmos», que informou na altura não poder rebocar a embarcação avariada.

Avisado o armador (a Sociedade de Pesca Silva Vieira) este não deu seguimento a qualquer providência para a saída de um rebocador, tendo a Armada enviado a corveta «João Roby» que, no dia 30, alcançou o «Yasmina» e o começou a rebocar. A atitude do referido armador foi criticada pelo Comando Naval do Continente que sublinhou ter este negligenciado o salvamento de um seu pesqueiro.

A tripulação do «Yasmina», composta de 25 homens, encontra-se bem, dirigindo-se este a Aveiro e não a Sesimbra, como primeiro tinha sido noticiado, por aquele porto ser mais abrigado que o segundo.

Menos de um mês de caça este ano

Atiradores contestam restrições do Governo

Os trezentos mil caçadores legalizados em Portugal estão em brasa com a portaria do Ministério da Agricultura e Pescas sobre a abertura da época de caça e as restrições que a medida contém. O Governo não só reduziu o período de caça em 28 dias, como, por outro lado, condicionou a sua prática.

Com efeito, a caça às codornizes, rolas e patos, que normalmente abria em 15 de Agosto, foi este ano transferida para o dia 17 de Outubro, abertura geral da caça. No entanto, mesmo neste aspecto o seu repúdio é grande, porquanto a abertura geral da caça tem-se processado nos últimos anos sempre no primeiro domingo de Outubro. A caça aos tordos e aos pombos abre também no dia 17 de Outubro, coincidindo, aliás, com a época cinegética, geral. Recordar-se que em anos anteriores a caça aos pombos e aos tordos estendia-se até Fevereiro. Por outro lado, quando abrir a caça às rolas não será fácil atirar a essa espécie — que se vai embora em Setembro.

Para muitos dos caçadores que auscultamos, estas restrições do Governo, quer em tempo quer em espécies, visam, fundamentalmente, criar condições para a caça em «reservas», prática mui-

to do agrado dos todos poderosos. É neste quadro, com efeito, que entendem os condicionamentos e restrições que resultam da portaria publicada no último dia de Junho findo, uma vez que o panorama da caça não será tão negro como o Governo pretende fazer crer. Mas admitem que a lebre escasseia.

Em abono da sua tese apontam, nomeadamente, o facto da caça à lebre — espécie privilegiada para a acção em «reservas» ser proibida para a época venatória de 1982-83. A caça de coelhos e perdizes, que nos últimos anos se prolongava até ao fim do mês de Dezembro, fecha este ano em 19 desse mês. Isto é: abre 16 dias depois do que era normal e fecha doze dias antes.

Não promete vir a ser fácil a época de caça para os 300 mil homens que sacrificam dias e noites, férias e descanso para atirar às espécies. Para cúmulo, a agravar o seu descontentamento avulta ainda o facto das licenças de cão, caça e porte de arma terem aumentado para o dobro e o triplo (no primeiro caso), sem contar com as vacinas dos cães, que também subiram. A licença de caça, que era de 1001\$50 o ano passado, subiu para 2007\$50.

Vítor Alves sai ileso de um acidente

O tenente-coronel Vítor Alves, membro do Conselho da Revolução, teve, esta madrugada, um acidente de viação, de que saiu ileso, embora o automóvel em que seguia tenha ficado bastante danificado.

Vítor Alves seguia sozinho quando, pelas cinco horas da madrugada, o veículo em que seguia se despiçou, no cruzamento da Avenida 24 de Julho com a Avenida de Ceuta.

O carro, pertença do Conselho da Revolução, embateu com o rodado num separador luminoso, e capotou de seguida.

Curso jurídico 67-73

No próximo dia 9 de Julho, o Hotel do Guincho vai ser palco das comemorações do décimo aniversário da licenciatura do curso jurídico que entrou na Faculdade de Direito de Lisboa no ano de 1967.

Entre duas grandes crises — a de 62 e a de 69 que abalaram os alicerces daquela Faculdade, foi com este curso que se começou a sentir com mais acuidade a incapacidade de Universidade

convive no Guincho

responder às necessidades sociais.

Apesar de tudo o curso jurídico de 67-72 antes de mais produziu... juristas.

Qualquer contacto de interessados em participar no jantar comemorativo poderá ser feito para o escritório de três dos promotores: Alberto Antunes (telefone: 576949), Emanuel Farinha Martins (761078) e José Marchas Marcheta (325302).

Comemorações da independência de Cabo Verde

Integrada nas comemorações do sétimo aniversário da independência de Cabo Verde, realizou-se, ontem, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, uma sessão, com a presença do embaixador da República de Cabo Verde, durante a qual o professor Mesquita Lima proferiu uma conferência e o capitão João Freire projectou, e comentou, «slides» sobre as ilhas de Cabo Verde.

Na segunda-feira, dia 5, sob a presidência do embaixador de Cabo Verde, realiza-se uma sessão pública no salão de «A Voz do Operário».

Em Lisboa e não só

Que horários racionais para a poupança da água?

A partir da segunda quinzena de Junho, e nomeadamente quando o Verão principiou a assentar, surgiu um problema em Lisboa, subúrbios e zonas localizadas a uns trinta quilómetros: a falta de água.

Na capital, a água passou a efectuar uma manobra de «sim» e «não», isto é, em certas horas sai das torneiras e noutras horas desaparece por completo.

Quanto a zonas mais afastadas, e abastecidas por Lisboa, o exemplo, de Sintra, todos os anos pelo Verão, já se tomou clássico: corte de água à noite e abertura pelas 9 horas (se não mais tarde) da manhã.

Por mais que se berbere semelhante procedimento, nomeadamente a abertura às 9 horas da manhã, os responsáveis mostram-se, por assim dizer, indiferentes. O raciocínio parece ser o seguinte: se há água para o almoço, se há água para o jantar, que importância tem o corte no horário arbitrariamente estabelecido?

Tem e muita. No caso de Sintra, são milhares de pessoas que, todos os dias, se deslocam a Lisboa, a hora muito matutina, sem pinga de água para a higiene indispensável. Se os responsáveis pelos cortes viajassem nos comboios da linha, certamente que, ouvindo as conversas, talvez conseguissem uma visão mais correcta do que, efectivamente, se está a passar...

E não será certamente sem um certo tom crítico (ou irónico) que os afectados pela falta de água (pelos cortes em momentos inoportunos) encarárem as explicações da Empresa Pública das Águas de Lisboa...

Ora que explicações são essas...? Segundo a EPAL, estão a verificar-se nos consumos «um acréscimo anormal em relação aos valores habituais nesta época do ano», pelo que a Empresa Pública das Águas de Lisboa se viu na necessidade «de limitar as pressões nas redes de distribuição de modo a prevenir eventuais carências essencialmente originadas por consumos supérfluos».

As medidas adoptadas, ainda segundo a EPAL, poderão provocar «deficiências no abastecimento de algumas mais sensíveis de Lisboa, nomeadamente locais e andares mais elevados durante períodos limitados ao longo do dia».

No entanto, na opinião da EPAL o abastecimento encontra-se assegurado, «sendo suficiente ao longo do dia para as necessidades normais da época, não justificando por parte dos consumidores qualquer tipo de armazenagem».

I centenário da morte de Rodrigues Sampaio assinalado em Lisboa

Por ocasião de passagem do primeiro centenário da morte de Rodrigues Sampaio, um grupo de esposendenses promove no próximo sábado um almoço de homenagem aberto a todos os que nele queiram participar.

O encontro realiza-se no restaurante «A Fateixa», a partir das 13 horas, podendo as inscrições ser feitas directamente para o local (Tel. 613900).

Entretanto, as comemorações do centenário que se prolongarão ao longo deste ano sob diversas formas, serão abertas com a inauguração, à tarde no Palácio Galveias, em Lisboa, de uma exposição itinerante bibliográfica e documental, organizada conjuntamente pelas câmaras de Lisboa e de Espo-

MONTEPIO GERAL

CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

ENTRADA EM FUNCIONAMENTO DE BUSCA TELEFÓNICA AUTOMÁTICA NOS EDIFÍCIOS DE S. JOSÉ E ALMIRANTE REIS

Informa-se que a partir de hoje, dia 2 de Julho de 1982, entrará em funcionamento nos edifícios acima indicados, a busca automática, pelo que para contactar com os Serviços neles instalados deverão ser utilizados os números de telefone que se indicam:

— S. JOSÉ (Rua Manuel de Jesus Coelho, 1 / Rua de S. José, 213)

SERVIÇOS

Dependência em S. José; Serviço de Pessoal; Secção de Sócios, Pensionistas e Rendistas; Controlo; Divisão de Organização; Divisão de Tratamento de Dados; Divisão de Métodos.

TELEFONES A UTILIZAR

54 10 26 e 53 11 51

— ALMIRANTE REIS (Av. Almirante Reis, 137)

SERVIÇOS

Dependência em Almirante Reis; Gabinete de Consulta Jurídica; Secretariado para Assuntos Jurídicos; Inspecção; Coordenação de Agências e Dependências; Secção de Contratos; Secção Administrativa de Crédito Hipotecário; Secção de Concessão de Crédito Hipotecário; Procuradores.

TELEFONES A UTILIZAR

54 15 21; 55 35 44; 55 35 64; 55 35 65 e 55 35 67

Lisboa, 2 de Julho de 1982

festa do ~~Salvante!~~

Um programa político sobre o país que somos e o país que queremos ser!

Os grandes problemas nacionais em debate. As propostas dos comunistas e do seu Partido sobre a revisão da Constituição e a alternativa democrática. Um grande comício com a presença do Secretário-Geral do PCP, Álvaro Cunhal.

E, também, a presença do mundo na Cidade Internacional: as realizações do socialismo, dos trabalhadores e povos de todo o mundo. Uma exposição filatélica subordinada à Cooperação internacional na exploração do Cosmos. Em nome da Vida: uma Exposição sobre o desarmamento e a Paz.

Cada vez mais Festa de cada vez mais Povo

"Oficializada" a divisão entre os militares

Bignone tornou-se ontem presidente da Argentina

O general Reynaldo Bignone tornou-se ontem presidente da República Argentina, durante uma cerimônia muito breve, que oficializou a crise provocada pela ruptura no seio das forças armadas a propósito da sua designação.

Dois minutos bastaram para que o novo presidente prestasse juramento, unicamente perante o general Cristino Nicolaidis, comandante-chefe do Exército, e não perante a «Junta Militar», como estava previsto pelo «processo de reorganização nacional» nascido com o golpe de Estado que, em Março de 1976, derrubou Isabel Peron.

A ausência do chefe da Força Aérea, o brigadeiro general Basilio Lami Dozo, que se fez representar pelo seu chefe de Estado-Maior, e a presença, mas apenas como convidado especial, do almirante Jorge Anaya, comandante da Marinha, confirmaram publicamente a fractura que pôs termo ao regime militar de coligação, tal como havia sido concebido em 1976 e que fazia da Junta «o órgão supremo do Poder».

A brevidade da cerimônia contrastou fortemente com a solenidade que prevalecia habitualmente nas tomadas de posse dos antecessores de Bignone: os generais Videla, Villa e Galtieri.

Por outro lado, a cerimônia decorreu, não, como é hábito, no Congresso, mas sim na própria Casa Rosada no palácio presidencial.

A designação de um vice-presidente civil para acompanhar o general Bignone durante a transição entre militares e civis, designação que, pelo menos em aparência, devia reconciliar as três armas, não se concretizou, e é num clima de confusão e discórdia que o novo presidente vai instalar hoje o seu Governo, qualificado de «muito heterogêneo» e formado por nove ministros civis



e um só militar, o general Llamil Reston (ministro do Interior).

O general Lami Dozo, o grande ausente, considerado como o «herói das Malvinas», assegurou porém que os «esforços prosseguirão para tentar reconciliar as forças armadas, em particular quanto à criação de um posto de vice-presidente reservado a um civil».

O general Bignone manifestou a sua confiança na realização do regresso à democracia, mas evitou o problema dos desaparecidos durante a guerra civil e o dos exilados políticos.

«Tenho confiança em que atingiremos o objectivo procurado», declarou, rejeitando o qualificativo de «divisão» para a situação criada nas forças armadas, pela sua nomeação unicamente pelo exército.

Peron

Houve, pelo menos, um factor histórico a marcar o empossamento de Bignone, descendente de emigrantes italianos, no cargo de presidente da Argentina: ontem, o Partido Socialista evocava o oitavo aniversário da morte de Juan Domingo Peron. Enquanto, na Casa Rosada, Bignone fazia seu juramento, no cemitério de Chacarita dirigentes justicialistas e da Confederação Geral do Trabalho reuniam-se em homenagem

perante o mausoléu de Peron.

A Imprensa de Buenos Aires não embafeou. Curioso é sobretudo o comentário do «Buenos Aires Herald», matutino de expressão inglesa, o único jornal, aliás, que dedica à posse de Bignone o seu editorial. Diz este periódico: «a situação que terá de enfrentar o novo presidente é tão má que a muitos deve surpreender que ele não se tenha demitido antes mesmo de tomar posse do cargo».

Os outros jornais, muito reservadores, sublinham que o general Lami Dozo tem marcada para hoje uma reunião com militares ligados à antiga Junta para «prosseguir a análise da crise institucional».

«O que se passa?»

O que se passa connosco, argentinos? Que responsabilidade tenho eu no que se passa no meu país? Estas interrogações foram a resposta de Bignone a perguntas de jornalistas.

Bignone que, no entanto, em discurso pela rádio e pela TV, algumas horas depois da «posse», reafirmou: Já levantei a proibição da actividade política e respeitaremos o calendário do regresso às instituições democráticas. (...) Vamo-nos dirigir para a democracia com toda a segurança».

General Saint Jean

O general Alfredo Saint Jean, antigo ministro do Interior, foi nomeado comandante-chefe do 4.º corpo do exército de terra, aquartelado em Santa Rosa, na província da Pampa, próximo de Buenos Aires.

O general Saint Jean foi presidente da República interino até à designação, em 25 de Junho, do general Reynaldo Bignone. Assume interinamente essas funções após a demissão do general Leopoldo Gualtieri, em 19 de Junho.

Segunda noite de voos sobre

Violentos tiros de artilharia, de mistura com o ruído de explosões, foram ouvidos ao longo de toda a noite de ontem para hoje em Beirute-Oeste e nos seus subúrbios.

Ao mesmo tempo, a aviação israelita sobrevoou durante uma grande parte da noite a capital libanesa, vencendo por várias vezes a barreira do som a cada passagem por cima de Beirute-Oeste, iluminada por foguetes iluminantes. Os «bangs» supersónicos e as frequentes explosões mantiveram a população acordada até de manhã.

Os voos a baixa altitude da aviação israelita sobre Beirute, na segunda noite consecutiva, parecem ter como objectivo principal aumentar a pressão psicológica sobre os responsáveis palestinos e os habitantes da parte ocidental da capital, submetida a um bloqueio terrestre e naval há duas semanas.

Decisão para hoje?

O governo sionista reunir-se-á hoje novamente para tomar uma decisão quanto à manutenção do cessar-fogo no Líbano. Os norte-americanos, que envergaram agora a capa de pacificadores, parecem ter solicitado ao primeiro-ministro sionista, Begin, o favor de não assaltar já Beirute-Oeste e de ter paciência para esperar um pouco mais até se conseguir chegar a uma solução negociada sobre o problema palestino no Líbano.

Os governantes sionistas mostram-se nervosos e impacientes, querendo, ao que parece, resolver a questão o mais depressa possível. Begin esclareceu ontem que o seu exército só não entrou ainda no sector ocidental da capital libanesa para evitar a morte de israelitas e de civis.

A tendência que agora se nota, porém, é a de os fascistas libaneses se encarregarem do trabalho sujo de Israel. Quando os muçulmanos fogem de Beirute-Oeste, os cristãos insultam-nos e vexam-nos, de tal modo que eles preferem voltar à sua cidade e ficar à espera do que acontecer. Além disso, um dirigente falangista, afirmou que não consentirá em nenhuma presença, política ou militar, da OLP no Líbano. E foi ainda mais longe: a questão já não é a da OLP. Os falangistas também não querem no Líbano os 700 mil refugiados civis que aí vivem.

Israel vai, entretanto, dispondo novas forças para a guerra. Ontem os sionistas fecharam, sem quaisquer explicações, o trânsito na estrada

Beirute-Damascus. Há também informações de que Israel está a aumentar os seus efectivos na Montanha.

A agência palestina Wafa denunciou, por seu lado, que Israel utilizou armas químicas. Do mesmo facto se faz eco a agência soviética TASS. Por sua vez, o jornal londrino «Times» confirma que Israel utilizou no Líbano bombas de fragmentação.

A posição da OLP

Fontes palestinas de Beirute

O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Boutros Ghali, afirmou ontem à revista **Al-Mussawar** do Cairo, que o secretário demissionário norte-americano, Alexander Haig, tinha dado luz verde à invasão sionista do Líbano, em troca do apoio judeu à sua candidatura às presidenciais de 1984. Haig terá feito este «acordo comercial» com o ministro israelita da Defesa, Ariel Sharon.

Ghali manifestou, entretanto, a confiança em que o novo secretário de Estado,

rute, citadas pela AFP, terão declarado que a OLP está a travar um importante debate interno acerca do eventual congelamento das suas actividades militares a partir do território libanês e quanto à atitude a tomar em relação ao Egipto. Este último ponto não vem esclarecido na notícia, mas decerto diz respeito à oferta ontem reiterada pelo presidente Mubarak no sentido de a OLP formar um governo no exílio no Cairo comprometendo-se a não utilizar o território egípcio para quaisquer acções contra Israel.

Segundo o «Al-Ahram» do Cairo, a OLP terá pedido ao Egipto que intervenha para evitar um ataque em grande escala contra Beirute-Occidental.

A agência Wafa informou, entretanto, que a OLP, uma vez mais, está disposta a renegociar com o Estado libanês a sua presença naquele país, mas que os combatentes não sairão de modo nenhum do Líbano, pois, se o fizessem, não teriam garantias de que não seriam massacrados ou pelos cristãos libaneses ou pelos sionistas.

Enquanto isto, o jornal francês «Le Matin» informa que Ariel Sharon tem um sonho, que confidenciou a amigos íntimos: derrubar o rei Hussein da Jordânia e

instaurar nesse Estado o Estado palestino. Os territórios ocupados poderiam, após acordo Israel-Estado da Palestina, ficar a constituir uma federação.

Jane Fonda: de alma e coração com Israel

A actriz Jane Fonda e o marido, Tom Hayden, candidato democrata às eleições locais da Califórnia, partiram de Los Angeles, para o Líbano, onde falarão

Assim se faz a his

George Schultz, prossegue uma política mais equilibrada no Médio Oriente.

Interrogado ontem sobre estas afirmações de Ghali o presidente Reagan mostrou-se muito surpreendido, tendo dito que não acreditava em tal, mas acrescentando: «Temos que lhe perguntar».

Não se ficam, porém, por aqui as ligações directas e pessoais dos governantes de Washington com esta ou aquela zona do mundo, questões das quais se faz depender muitas vezes a vida ou a

com soldados israelitas e civis libaneses.

O casal — que viaja acompanhado pelo director da revista «Israel Today», editada em Los Angeles — fará breve escala em Nova Iorque antes de partir para Israel e Líbano.

Jane Fonda viaja a convite especial de uma associação de soldados israelitas. O casal sente-se «desejoso de expressar o seu apoio a Israel», considerando que a situação libanesa lhe diz respeito, segundo declarou um porta-voz da revista «Israel Today». O regresso está marcado para quarta-feira próxima.

Gemayel na Arábia Saudita

O comité ministerial da Liga Árabe decidiu hoje contactar os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU com vista a pedir a retirada das forças israelitas do Líbano — anunciou a imprensa oficial saudita.

O líder cristão libanês da direita, Bechir Gemayel, cujas milícias falangistas cooperam com as forças invasoras israelitas, reuniu-se hoje com os ministros árabes no final das conversações na capital de Verão da Arábia Saudita — Taif.

Guatemala denuncia o pacto de Belize

Ao tempo em que declarava o estado de sítio e chamava às fileiras da tropa todos os reservistas para uma «operação de limpeza» contra as forças guerrilheiras, o ditador da Guatemala, general Rios Montt (e seus parceiros no poder) denunciou o pacto de Belize, assinado no dia 11 de Março de 1981 com a Grã-Bretanha.

A ditadura guatemalteca reafirma as suas reivindicações sobre esse território, depois do

malogro das negociações empreendidas em 1981 e da independência concedida unilateralmente por Londres à sua antiga colónia.

O pacto de Belize estabelecia «as bases de um acordo com a Grã-Bretanha, que não foram respeitadas, tendo a Guatemala direito a exigir o que lhe é devido», indicava-se ontem na Guatemala, de fonte próxima do Ministério das Relações Exteriores. Os primeiros contactos com

vista ao recomeço do diálogo entre a Guatemala e a Grã-Bretanha serão estabelecidos «muito rapidamente» indicou a mesma fonte.

O poder militar instalado na Guatemala desde o golpe de Estado do passado dia 23 de Março reafirmou, por ocasião da crise das Malvinas, com particular ênfase, que «a Guatemala mantém os seus direitos sobre Belize».

Democratas cristãos agora acusam

Representantes do Partido da Democracia Cristã Guatemalteca acusaram hoje o Governo de desfavorecer o regresso do país à normalidade.

Numa entrevista concedida à Televisão, o secretário-geral do partido, Vinicio Cerezo, e o ex-candidato presidencial, Alejandro Maldonado Aguirre disseram que o controlo da Informação por parte do Governo, a implantação do estado de sítio e a suspensão da actividade dos partidos políticos não contribuíam para a normalização do país, nem para a sua reactivação económica.

Acrescentaram que, depois de um «sentimento de esperança», despertado pelo golpe de 23 de Março passado, voltara a manifestar-se no país um estado de insegurança, sendo necessário devolver a confiança ao povo.

O «estado de sítio cria receio e um ambiente de guerra civil» prejudicial a todas as actividades — concluíram.

ALGARVE

Boa moradia de praia, em zona turística. Vendo 4.500 c. T. 970782 LISBOA

CURSO COMPLEMENTAR DO LICEU (ANTIGO 7.º ANO DO LICEU)

Preparamos por correspondência e propomos a exame homens e senhoras, Lisboa ou qualquer ponto do país, para o próximo ano lectivo de 1982/1983. Dirija-se pelo correio ou pessoalmente, ao professor Simões Neves, Rua do Poço dos Negros, 23-4.º — 1200 LISBOA Telefone 604110.

Adolfo Suarez pode criar novo UCD ameaçada de di

A formação de um novo partido de «centro-esquerda e populista», patrocinado pelo ex-presidente do governo, Adolfo Suarez, é um dos panos de fundo da reunião do comité executivo da UCD que se iniciou esta manhã em Madrid.

O comité executivo da União do Centro Democrático (UCD) reúne-se hoje de manhã, para analisar a crise do partido e estudar as medidas para a sua solução.

Presidirá à reunião Leopoldo Calvo Sotelo, chefe do governo e presidente da UCD. Adolfo Suarez, membro do comité executivo de que pediu a demissão mas em que não foi substituído, não estará presente.

A reunião realiza-se num ambiente de incerteza quanto a possibilidades de encontrar uma saída que não signifique uma ruptura do partido, formado há pouco mais de cinco anos e que alcançou a maioria nas duas eleições gerais realizadas desde então.

Fontes do partido indicam que poderão ser apresentadas várias propostas de saída para a crise, aberta sobretudo a partir do dia 23 de Maio, data do «desastre» político da UCD nas eleições autonómicas da Andaluzia.

Neste momento não se sabe, no entanto, quem poderá sair vencedor. A certeza mais evidente parece ser a de que se vencem uns, sairão outros do partido.

A hipótese de um triunfo fácil de Adolfo Suarez nesta crise, com o que recuperaria o controlo do partido, parece bastante afastada.

Suspensas as negociações com Landelino Lavilla e Calvo Sotelo, o ex-chefe do governo estaria agora mais disposto a es-

tudar a possibilidade de formação de um novo partido de cariz centro-esquerda e populista.

Do outro lado está a atitude de Leopoldo Calvo Sotelo que, depois de alguma passividade ante os acontecimentos, está disposto a lutar pela continuação no poder.

Depois estão os jogos de bastidores dos outros grupos que integram o partido, pois ninguém quer abandonar sem mais nem menos. Os democratas cristãos estão divididos e, enquanto uns estão preparados para abandonar a UCD e formar um partido novo, liderado por Oscar Alzaga, outros preferem jogar a carta da UCD, renovada, sob a liderança de Landelino Lavilla, actual presidente do Congresso.

As combinações em estudo são várias. Deve referir-se também o projecto dos liberais e dos conhecidos como «azuís», liderados por Martín Villa e Juan José Rosón.

Begin

sobre Beirute

O comité revelou, num comunicado final, que apoia totalmente a soberania do Líbano e que ajudará a regular as futuras relações entre libaneses e palestinos.

A chegada de Gemayel, sugerindo uma possível reaproximação política no Líbano, foi o primeiro encontro directo conhecido entre um libanês de direita e representantes sírios e palestinos, desde a invasão israelita no dia 6 de Junho.

A Agência Noticiosa Saudita indicou que foi o comité que

segundo as quais a maioria dos prisioneiros, incluindo civis, estariam incomunicáveis e alguns sujeitos a maus tratos.

Apelo da URSS

A agência soviética TASS convidou os árabes a reforçarem urgentemente as suas fileiras, a fim de repelirem a ofensiva dos agressores sionistas e dos seus protectores além-Atlântico.

Num apelo veemente, a TASS recorda que os árabes dispõem do apoio efectivo e oportuno da URSS, mas que terão de reforçar as suas hostes para que esse apoio possa ser eficazmente usado. Além disso, exortou-os a utilizarem a arma do petróleo contra os EUA e Israel, e lembrou que, se os árabes solucionarem os seus diferendos, se conseguirem realmente unir-se, terão nas mãos um gigantesco potencial capaz de se opor com eficácia à agressão sionista.

A TASS acusa ainda o presidente Reagan de cinismo, por pretender passar por inocente quanto à invasão sionista. A TASS lembra que o ministro israelita, Ariel Sharon, na véspera da invasão, travou intensas conversações com dirigentes norte-americanos em Washington. A TASS recorda que as armas usadas por Israel são norte-americanas e recorda os vetos dos EUA no Conselho de Segurança da ONU. Por último a TASS lembra que Reagan tem falado da «solução para o Líbano» como se este Estado não fosse independente e pertencesse aos EUA.

Enquanto isto, dois emissários franceses chegaram ontem a Israel para uma série de consultas tendente a solucionar a questão libanesa.

Israel quer ficar no Sul

O dirigente do Amal em Beirute, Nabih Berri, afirmou que os chiitas serão os futuros palestinos do Sul do Líbano, se Israel pretender instalar-se nessa zona do país, que o seu movimento considera terra sagrada.

Berri denunciou que os israelitas pretendem ficar no Sul do Líbano por muito tempo e indicou os seguintes factos: os israelitas nomearam governantes civis sionistas, estão a exportar produtos seus para a zona, projectam ali instalar um banco e implantar importantes forças militares. Por outro lado, sionistas e milícias de Haddad têm detido militantes do Amal e tirado as armas desses combatentes.

partido

issolução

Mas a decisão sobre as medidas a tomar será dada pelo conselho político, órgão máximo entre congressos, cuja data de convocatória ainda não foi fixada.

Por todas estas razões, o clima de incerteza quanto às diversas hipóteses de saída, domina por agora a situação.

Entretanto, o secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), Felipe Gonzalez, dirigiu uma advertência aos dirigentes da «UCD» para solucionar quanto antes a crise. Felipe Gonzalez afirmou que o «PSOE» não ajudará mais a sustentar o actual governo.

«As eleições — disse — não podem esperar que a «UCD» solucione os seus problemas. Por responsabilidade e patriotismo não consentiremos que em Setembro comece uma campanha eleitoral que dure meses».

Felipe Gonzalez, numa intervenção perante delegados de

pessoal e quadros da central socialista «UGT», de Madrid, manifestou-se contra a hipótese de um governo de gestão e a favor de uma rápida convocatória de eleições gerais.

ETA reivindica atentado

A organização separatista basca «ETA-Militar» (ETA-M) reconheceu, na quarta-feira à noite, a autoria do atentado à bomba que, sábado findo, feriu gravemente, em Renteria, uma criança de 10 anos.

Em comunicado enviado ao diário basco «Egin» e a uma estação de rádio de Bilbao, cuja autenticidade não parece ser posta em dúvida, a ETA-M afirma que a bomba foi colocada nas instalações da sociedade de electricidade «Iberduero», onde devia explodir na noite de sexta-feira para sábado.

Em Los Angeles

Reagan reafirma oposição ao congelamento nuclear

Em declarações prestadas ontem em Los Angeles, o presidente Ronald Reagan reafirmou a sua oposição ao congelamento de armamentos nucleares proposto pela União Soviética e reclamado pela oposição democrata e uma parte da opinião pública norte-americana.

«Um congelamento, agora, tornaria este país perigosamente vulnerável à chantagem nuclear», afirmou Reagan num banquete à sua chegada a Los Angeles para umas férias de 12 dias. Para o actual ocupante da Casa Branca, o congelamento proposto por Moscovo não passa de uma acção de propaganda, pois «tal congelamento só seria possível se as duas superpotências reduzissem previamente os seus arsenais nucleares a um nível de igualdade». «Um congelamento será óptimo — prosseguiu — logo que atinjamos um nível muito reduzido».

Reagan afirmou, por outro lado, que os aliados europeus dos Estados Unidos não estão habilitados a enfrentar os mísseis de médio alcance da URSS enquanto não tiverem sido implantados os novos mísseis americanos «Perishing II» e «Cruise».

Para o presidente norte-americano, como o próprio salientou, o simples facto de os soviéticos saberem que os Estados Unidos estão a fabricar estes dois tipos de armas, e que os seus aliados estão dispostos a aceitar a sua instalação nos seus territórios, «influía na aceitação de Moscovo de negociar em Genebra».

TASS refuta acusações americanas

A agência noticiosa soviética, TASS, desmentiu ontem a acusação norte-americana de que a União Soviética tinha colocado novos mísseis SS-20 a Oeste dos Urais depois de ter anunciado um congelamento unilateral em Março.

Richard Burt, adjunto indigitado do secretário norte-americano de Estado para os Assuntos Europeus, declarou na passada quarta-feira, numa reunião da NATO em Bruxelas,

que a União Soviética tinha concluído ultimamente mais bases destes mísseis de ogiva tripla.

«Tudo isto é mentira e uma mentira malévola» — declarou ontem a TASS, acrescentando que Burt «sabe que está a mentir, bem como os círculos de Washington e da NATO que lhe entregaram para divulgação uma falsidade deliberada e grosseiramente confeccionada».

A agência afirma que «a União Soviética não só terminou a instalação de novos mísseis de alcance médio na parte europeia do país, como também já está a proceder à redução de um número substancial de tais mísseis».

O congelamento da colocação de SS-20 foi anunciado em Março pelo presidente Brejnev, como prova da sinceridade soviética na questão da redução leste-oeste de armas.

Burt salientou aos jornalistas que os recentes aditamentos aumentaram em cerca de 50 o número de ogivas operacionais SS-20, o que significa que foram instalados, no total, 315 mísseis, mais de dois terços deles a oeste dos Urais.

Concluiu que a colocação de novos mísseis demonstrou a falsidade das declarações soviéticas sobre o congelamento.

Em resposta, a TASS acusa Burt de citar um número de 15 novos mísseis para dar às suas acusações uma aparência de autenticidade. Alega que as suas declarações se destinam «a complicar o diálogo Leste-Oeste sobre problemas vitais e a justificar o rumo militarista da administração Reagan».

«É sabido que os Estados Unidos faltam aos seus compromissos com os países comunistas e mesmo com os seus próprios aliados, mas a União Soviética sempre honrou a sua palavra» — conclui a agência.

«Escritores para a Paz» em congresso

A supressão total das armas de destruição colectiva e a dissolução simultânea e sem reservas dos dois blocos militares foram exigidas por escritores de 48 países no Interlit-82 recentemente concluído em Colónia, Alemanha Federal.

Namíbia

Acordo previsto para Agosto

Vão iniciar-se na próxima terça-feira em Nova Iorque negociações sobre a Namíbia, entre altos funcionários dos cinco países ocidentais membros do «Grupo de Contacto» e os representantes dos países africanos da «Primeira Linha» e da «SWAPO», soube-se de fonte ocidental na sede das Nações Unidas.

A África do Sul será mantida ao corrente dessas conversações quando elas tomarem forma, mas não participará nas negociações, pelo menos no princípio, precisa-se da mesma fonte.

Esta reunião, que era pedida pelos países da «Primeira Linha» (Angola, Zâmbia, Moçambique, Zimbabwe e Botswana, aos quais se junta por vezes a Nigéria) e pela «SWAPO», destina-se a fazer o ponto das conversações que o secretário de Estado adjunto americano, Chester Crocker, teve na semana passada em Washington com altas personalidades sul-africanas. Durante a reunião serão estudados os textos elaborados na sequência dessas conversações, que permitem um acordo sobre a elaboração rápida do plano da ONU para o acesso da Namíbia à independência. Trata-se essencialmente de fixar as condições de imparcialidade que deverão

ser aplicadas nas eleições sob o controlo das Nações Unidas.

A futura instalação da «GANUPT» (Grupo de Assistência das Nações Unidas para o Período de Transição), que incluiria controladores civis e «capacetes azuis», a composição dos efectivos destes últimos, as zonas onde seriam instalados e o futuro das «forças étnicas» namibianas incorporadas no exército sul-africano constituem outras questões a resolver.

Segundo os meios próximos do «grupo de contacto», a negociação sobre estes assuntos «progrediu bem» e os problemas que continua a haver foram claramente definidos. Os meios sul-africanos declaram-se optimistas sobre a possibilidade de se ultrapassarem as dificuldades e de se chegar a um acordo em meados de Agosto. Os observadores interrogaram-se no entanto sobre a possibilidade de fazer coincidir um acordo sobre o plano da ONU com a solução sobre a retirada das forças cubanas de Angola, que se revela ainda mais difícil.

Recorda-se que os dirigentes da SWAPO ainda fazem sérias reservas no relativo ao «laço orgânico» estabelecidos pelos Estados Unidos entre uma solução do conflito namibio e a retirada dos soldados cubanos estacionados em Angola desde 1975.

Um pirata do ar convencido:

“Ainda não decidi o que fazer com o dinheiro”

Um exausto traficante de drogas do Sri Lanka que usou falsa dinamite para sequestrar 259 passageiros de um avião italiano regressou quinta-feira, rico, famoso e livre ao seu país natal.

Multidões comprimiram-se no aeroporto de Colombo para ver Sepala Ekanayake, 36 anos, que libertou ilesos os seus reféns em Bangucoque, Tailândia, pondo termo a um drama de 32 horas.

Depois de receber 300 mil dólares de resgate pelo avião desviado foi autorizado pelas autoridades tailandesas a partir para o Sri Lanka num voo regular, levando com ele a mulher e o filho.

«Ainda não decidi o que vou fazer com o dinheiro» — disse Ekanayake, vestido com «jeans» e uma camisa estampada com

borboletas. «Parte dele irá para as pessoas que me ajudaram» — acrescentou aos jornalistas, sem dar mais pormenores.

Ekanayake pediu dois jipes à Polícia, um para ele próprio e família e o outro para a escolta de segurança, seguindo depois para o luxuoso Hotel Internacional, onde passou a noite.

A Polícia do Sri Lanka confiscou-lhe o passaporte e poderá interrogá-lo pela sua longa série de delitos por tráfico de drogas, mas o governo decidiu não o prender pelo desvio do avião.

Negociadores do Sri Lanka prometeram em Bangucoque que nada lhe aconteceria se regressasse a Colombo.

Electricidade de Portugal
EDP/ Empresa Pública

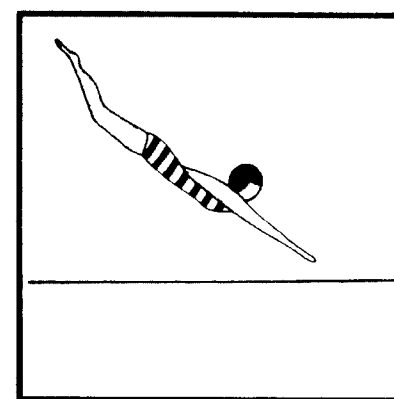
Direcção de Distribuição Tejo

AVISO

AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

- 1.ª Zona — **Concelho de Cascais** — Amoreira: R. Costa Pinto, R. Castelo Branco, Av. de Sintra, B. Marechal Carmona e imediações. Birre: Estrada da Areia, a Birre, R. da Madressilva, R. dos Gladiolos, R. das Gungavilhas e imediações. Pampilheira: Estrada da Areia, Pai do Vento. Rebelva: imediações da Fábrica de Chocolates (das 8 às 14 horas).
- 2.ª Zona — **Concelho de Sintra** — Agualva: Estrada Nacional 250, Quinta das Lopus e Bairro Colaride. Sabugo: Estrada Nacional 117, R. da Estação e ruas adjacentes. Assafora: Mem Martins. Estrada de Mem Martins, R. do Recanto, R. Ramalho Ortigão, Bairro do Recanto e imediações. Nafarros. Pêro Pinheiro: R. da Sociedade, Estrada de Mafra e imediações. D. Maria. Camarçães. Ginjal. Pinhal Verde. Aruil. Almornos. Covas de Almornos. Olelas. Almargem do Bispo, Albogas, Casal Falcão. Covas de Ferro (das 8 às 14 horas).
- 3.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira** — Vialonga, Cabo de Vialonga, Santa Eulália, Santa Cruz, Mogos, Verdelha, Povos, Castanheira do Ribatejo, Morna e Proveia, Loja Nova, Cachoeiras, Casal da Coxa, Santo Estêvão e Casal da Coutada (das 7 às 14 horas).
- 4.ª Zona — **Concelho de Alenquer** — Santo Estêvão, Casal das Eiras, Pipa, Silveira da Machoa, Antas, Santana da Carnota, Casal Vitória, Sopo, C. Carvalho, Casalinho, Pedra d'Ouro, Refugidos, Casal do Grilo, Parrotes, Cabreira, Paredes, Charnequinha e Casais da Marmeleira (das 7 às 14 horas).
- 5.ª Zona — **Concelho de Mafra** — Casal do Rodo e Casal da Serra (das 7 às 14 horas).
- 6.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras** — Cendieira, Barro Vermelho, Arneiro do Valinho e Palhagueira (das 7 às 14 horas).



NÃO
dê saltos
em locais
que
desconhece

EMPRESA DO RAMO AUTOMÓVEL PRECISA

**SOLDADORES AUTO — PINTORES AUTO
BATE-CHAPAS AUTO
— ESTOFADORES AUTO**

**OFERECEM-SE CONDIÇÕES SALARIAIS EXTREMA-
MENTE ALICIANTE
RESPOSTA PARA O TELEFONE 545765**



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Vedras, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5864, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 kV n.º 354/R-29 com 1635 metros, do poste n.º 41 da linha n.º 354, ao posto de transformação n.º 2740-C, dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Torres Vedras, em Casal do Calvo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 21 de Junho de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA**
13.º JUÍZO — 5.º PISO
PROCESSO N.º 4387 —
2.ª SECÇÃO
ANÚNCIO

Faz-se saber que na insolvência que Orlando Dias Ferro e mulher Maria Luísa Soares Correia Ferro instauraram contra José Augusto de Carvalho e mulher Leandra Rosa Cananão de Carvalho, ele construtor civil e ela doméstica, residentes na Rua Dr. Manuel de Arriaga, Lote 5, rés-do-chão, esquerdo, Amadora, correm editos de OITO DIAS, contados da publicação do presente anúncio notificando os credores e aqueles insolventes, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos editos, pronunciarem-se sobre as contas da gerência, apresentadas pelo administrador sr. Florentino Matos Luís, da Câmara de Falcências de Lisboa.

Lisboa, 17 de Junho de 1982
O Juiz de Direito,
a) Joaquim Dias
A Escrivã Adjunta,
a) Cristina Maria de Jesus



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Castelo Branco em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2397, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Santo André das Tojeiras, concelho de Castelo Branco, de uma linha aérea a 30 kV, com 945 m, do poste n.º 3 da linha para o PT de Gaviãozinho ao PT de Tojeiras.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 21 de Junho de 1982

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Abrantes em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2375, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Alto da Chainça, concelho de Abrantes, de uma linha aérea a 30 kV, com 604 m, do poste n.º 1 da linha para a Ducano ao PT n.º 928 do Alto da Chainça.

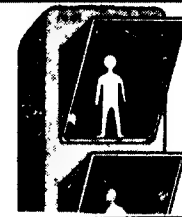
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 21 de Junho de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

DR. AMÂNDIO DIAS CAMELO AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos e restante família, na impossibilidade de o fazer directamente, por desconhecimento de endereços, vêm, por este meio, agradecer reconhecidamente a todos os que os acompanharam no seu desgosto e lhe manifestaram o seu pesar.



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



MORÆS

ANUNCIA

OS PAIS PRECISAM

DE TODA A AJUDA QUE POSSAM CONSEGUIR
PARA BEM EDUCAR OS FILHOS

...porque quanto melhor entender os seus filhos melhor os poderá ajudar e desfrutar do seu relacionamento com eles.

Jillie Collings combinou os seus conhecimentos de perita em Astrologia e Psicologia e publicou um livro que irá dar ao leitor não só a visão essencial da personalidade e comportamento do seu filho bem como da interacção dos seus signos solares.

neste livro poderá ler

A ASTROLOGIA E A PRIMEIRA INFÂNCIA
A ASTROLOGIA E A CRIANÇA
EM IDADE ESCOLAR
A ASTROLOGIA E O ADOLESCENTE
A ASTROLOGIA E OS PAIS
A ASTROLOGIA E O FUTURO DO SEU FILHO

como VOCÊ ou como qualquer outra pessoa, desde que nasce, o SEU FILHO é influenciado pelo Sol e pelas estrelas.
Aprenda a ler os sinais que eles emitem com

A ASTROLOGIA E O SEU FILHO

GÊMEOS
A ASTROLOGIA
E O SEU
FILHO



CARNEIRO
A ASTROLOGIA
E O SEU
FILHO



LEÃO
A ASTROLOGIA
E O SEU
FILHO



PEIXES
A ASTROLOGIA
E O SEU
FILHO



12 SIGNOS
12 TÍTULOS

**DURANTE
30 DIAS
OFERECEMOS**

**leia com
ATENÇÃO**

e... VISITE-NOS

**antes de decidir a compra do seu móvel,
e verifique quanto economiza**



**SALÕES DE EXPOSIÇÃO
(Fábricas Porto e Lisboa)**

ALVERCA — R. Proj. a Cap. Meleças, lote 1 (junto às Escolas)
• Codex 2615 • Telef. 258 24 03.
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A (entre J. Conde Redondo e o C. Santana).
LISBOA — Estr. Benfica, 174 (a 500 m Sete Rios) • Codex 1500
• Telef. 78 05 99.
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 • Codex 2800 • Telef. 276 90 01.
As lojas de Lisboa estão abertas aos sábados de tarde.

**EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS
NO 1.º ANDAR**



ESTANTE CANTO, LUXO 59 500\$00



ANÇA 18 950\$00



QUARTO CASAL LACADO 19 900\$00



QUARTO CASAL DE LUXO 28 000\$00



QUARTO C/ RADIO, FORRADO A VELUDO 47 500\$00

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

exclusivo

Os Não-Alinhados devem constituir uma ampla frente anti-imperialista

A Coreia do Norte tornou-se membro de pleno direito do Movimento dos Não-Alinhados, na conferência que em 1975 se realizou em Lima, capital do Peru. Como se sabe, existem duas correntes principais no seio do Movimento: enquanto uns consideram que o não-alinhamento é uma espécie de passivo neutralismo, outros conferem ao conceito uma componente de anti-imperialismo militante. É neste segundo grupo que a República Popular Democrática da Coreia se integra, conforme fica bem claro das palavras que a esse propósito pronunciou o presidente Kim Il Sung e que a seguir publicamos (resumidamente)

O Movimento dos Não-Alinhados constitui uma poderosa força revolucionária anti-imperialista, que reflecte a corrente principal da época actual, época que se caracteriza pela independência e luta anti-imperialista. Esta a tendência principal da nossa época que nenhuma força pode travar.

Com o seu aparecimento na cena da história como força política independente, o Movimento dos Não-Alinhados mudou radicalmente a correlação de forças no mundo. Reforçou decididamente as forças revolucionárias do mundo e debilitou consideravelmente as forças reaccionárias imperialistas.

O MNA exerce uma séria influência nas grandes mudanças que se operam hoje no mundo. Assesta golpes demolidores na política de agressão e saqueio dos imperialistas, empurrando-os para a decadência e para a ruína, e promove com dinamismo a luta revolucionária dos povos oprimidos e dos que pertencem às novas forças.

O crescimento e o desenvolvimento do MNA poderá acelerar a vitória da causa libertadora dos povos. No meio da vigência corrente deste movimento, acelerar-se-á a decadência do imperialismo e reforçar-se-á e desenvolver-se-á ainda mais a luta revolucionária dos povos oprimidos.

Os países não-alinhados devem reforçar mais a luta anti-imperialista e anticolonialista. O imperialismo e o colonialismo são a origem da agressão e da guerra, e o obstáculo principal que impede o desenvolvimento e o progresso social nos países das novas forças em ascensão.

Os imperialistas não somente oprimiram e exploraram no passado os países não-alinhados como ainda prosseguem hoje a agressão e a intervenção, mesmo depois desses países terem conseguido a independência nacional. Os imperialistas recorrem sem hesitação à invasão armada quando não conseguem atingir pacificamente os seus objectivos.

podem salvaguardar a independência nacional nem construir uma nova sociedade à margem da luta contra o imperialismo. Só quando reforçarem a luta contra o imperialismo poderão consolidar a independência nacional, conseguir um desenvolvimento nacional independente e levar a cabo com êxito os objectivos do MNA.

Os não-alinhados devem formar uma ampla frente unida anti-imperialista. Devem unir-se

Os países não-alinhados não



Kim Il Sung



Afeganistão

A nova Reforma Agrária

MAIS de metade do território do Afeganistão, o «país das montanhas», é ocupado pelos contrarfortes do Indokuch e de outras cadeias montanhosas. Nestas condições, são poucas as terras fáceis de cultivar, ao que acresce a pesada herança feudal das relações de produção no campo, que privava da terra quem a trabalhava.

A reforma agrária era pois um ponto prioritário para o governo do país, logo após a revolução de Abril de 1978. Contudo, essa primeira etapa não se saldou nos resultados desejados. Como assinalou Babrak Karmal, «o voluntarismo, o desprezo pelos credos religiosos, tradições e costumes, bem como a incompreensão das condições específicas da sociedade e a subestimação do nível de preparação social, política e organizativa do campesinato para receber a terra, originaram graves conflitos que, para serem corrigidos, exigiram uma mudança radical».

O trabalho teve assim que regressar ao ponto zero: a obtenção de dados sobre a situação real no campo afegão. Para este fim, foram enviadas comissões para 13 províncias, que revelaram que mais de 170 mil hectares de terras de reserva não repartidas entre os camponeses, ou mesmo distribuídas, foram abandonadas devido aos ataques dos bandos contra-revolucionários e à ausência de créditos do Estado, de sementes, insecticidas, adubos e máquinas. Tornou-se assim claro que a propriedade dos camponeses sobre a terra não se referendou com os respectivos documentos que lhes garantiram esse direito.

Deste modo, a medida seguinte foi garantir uma distribuição justa das reservas de terra, observando as normas democráticas e assegurando uma ampla participação dos habitantes das zonas rurais no processo. Na prática, esse objectivo foi conseguido através da formação de comités rurais para a reforma agrária, integrados por representantes do partido governante, das organizações sociais, cooperativas, camponeses, proprietários, membros do clero e chefes das tribos. Considera-se que o carácter amplamente representativo destes organismos permitirá evitar os abusos e erros.

Segundo as normas previstas, todos os camponeses sem terra receberão em usufruto um hectare de terra cultivável. As parcelas superiores a 20 ha serão entregues às cooperativas e as superiores a 100 às explorações mecanizadas estatais. A legislação relativa ao aproveitamento dos recursos hídricos está a ser revista, visto que sem água a terra praticamente não tem valor: neste sentido, todos os agricultores receberão a quantidade de água necessária para cultivar a sua parcela. Mas, o êxito da reforma agrária depende também que sejam garantidos os meios de produção necessários. Por enquanto, segundo assinalou Abdul Garfar, vice-ministro da Agricultura e da Reforma Agrária, não é ainda possível fazê-lo à escala nacional, porque o país não tem as possibilidades financeiras suficientes.

Canadá

A falta de trabalho continua a aumentar

■ Alberto Rabilotta

□ Prensa Latina

MONTREAL — Um dos aspectos que mostram a gravidade da crise económica canadiana é o aumento do desemprego em quase todos os ramos de actividade, especialmente na indústria transformadora.

A Associação Industrial canadiana anunciou há dias que, se a recessão continuar e não for posta em prática uma política de incentivos fiscais e monetários, o país corre riscos de perder 400 000 postos de trabalho neste sector vital da economia durante os próximos meses.

Esta afirmação pode parecer alarmista, mas basta comparar alguns dados estatísticos para se compreender a gravidade do problema: em 1971 toda a indústria transformadora canadiana empregava 1 628 000 trabalhadores (aproximadamente a quarta parte do total da mão-de-obra do país), ao passo que em Dezembro de 1981 empregava dois milhões de pessoas — menos de 20% total da mão-de-obra existente nessa altura.

Isto significa que, durante os onze anos entretanto decorridos, foram criados apenas uns 370 000 novos postos de trabalho — com as conhecidas variações, devidas aos ciclos de recessão e recuperação — na indústria transformadora.

Actualmente, segundo o patronato do sector, a tendência é para a redução do total de mão-de-obra empregada — devido à falta de créditos a uma taxa de juro razoável e, fundamentalmente, à crise, que impede o aumento do consumo, a baixos produtos em «stock» e o correspondente estímulo para novos investimentos de capital.

Mas o problema do desemprego é um termómetro que indica a gradual «desindustrialização» deste país. Com efeito, as estatísticas do patronato e dos organismos oficiais mostram com clareza que as importações vão desgastando o mercado interno.

Em 1981 as exportações do país totalizaram 84 mil milhões de dólares, mais 10,3% que em 1980

— isto em termos monetários e sem considerar a inflação —, enquanto que as importações somaram 77 mil e 540 milhões de dólares, mais 13,4% que no ano anterior.

Embora estes totais acusem um «superavit» a favor do Canadá, o país, na realidade, teve — segundo as estatísticas — um «deficit» de 23 milhões de dólares na categoria de produtos acabados.

É precisamente este «deficit» que mostra com precisão a chamada «desindustrialização» da economia canadiana, que assim cada vez mais se converte em fornecedora de matérias-primas em bruto ou semitransformadas (cereais, madeira e pasta de papel, minérios e metais em lingotes, hidrocarbonetos, etc.).

Apesar de a balança comercial apresentar «superavit», há um crescente «deficit» no sector transformador, o que explica não só o fraco crescimento em termos de criação de novos empregos como também o relativo retrocesso em todos os outros aspectos e o perigo de nova quebra repentina.

Actualmente, o desemprego afecta um milhão e meio de trabalhadores em todo o país — número nunca antes atingido e que vai aumentando nos próximos meses por causa da persistência da presente crise económica dos Estados Unidos, que são o principal cliente e fornecedor do Canadá.

O sector automóvel é um claro exemplo desta relação de dependência do Canadá em relação aos Estados Unidos.

Além de sofrer de um «deficit» anual crescente, a indústria automóvel canadiana está a transformar-se rapidamente numa linha de montagem das multinacionais norte-americanas e, assim, perdeu em 1981 17% da sua capacidade de emprego: 17% dos trabalhadores foram dispensados definitivamente e outros 21% foram dispensados a título temporário.

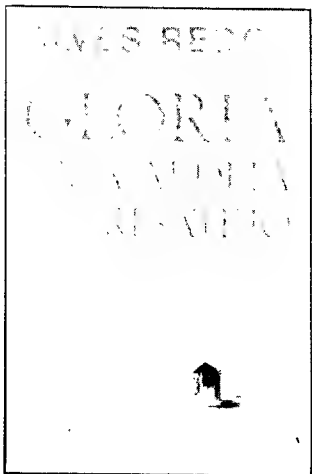
Pela sua duração e profundidade, a actual crise pode provocar uma verdadeira catástrofe na indústria transformadora canadiana — que, de resto, sofre de falta de modernização, estando por isso em posição desvantajosa perante os seus concorrentes norte-americanos, japoneses e europeus.

DE NOVO
NAS
LIVRARIAS

«No concheiro de Salvaterra de Magos, por aquela estrada cabisbaixa que une Ma rinhas a Coruche, está a Glória. Não conheço, em todo o Ribatejo percorrido, aldeia que irradie mais simpatia por atributo próprio.»

A Redol

GLÓRIA UMA ALDEIA DO RIBATEJO de ALVES REDOL

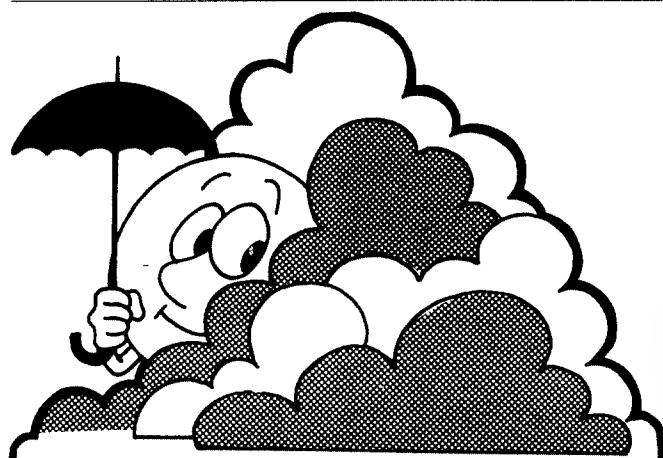


Editada pela 1.ª vez
em 1938

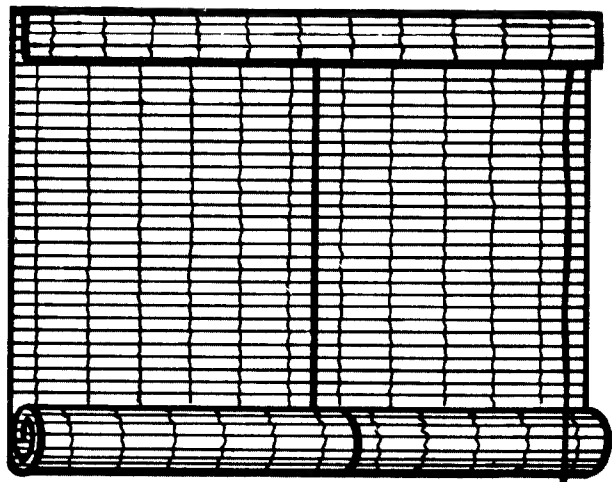
Esgotada há muitos
anos
Reeditada agora
por

PUBLICAÇÕES
EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 2726 Mem Martins Codex



COM SOL OU CHUVA
CONTROLE A
INTENSIDADE DA LUZ



**ESTORES
DE ENROLAR
ENTREGAS RÁPIDAS**

(8 dias)

Em ripas de madeira. Isolante térmico e
acústico. Ideal para marquises, janelas, escolas,
locais de trabalho
Altamente resistente à luz solar

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

Contencioso com CEE:

EUA desejam início das conversações

A Secretaria de Estado norte-americana informou ontem que é desejável iniciar consultas com a Comunidade Europeia sobre as questões relativas às disputas comerciais entre ambos e outros assuntos em divergência.

Em resposta a uma declaração difundida terça-feira pelos «Dez» membros da CEE, a Secretaria de Estado comunicou que nos Estados Unidos estão preocupados em que os seus diferendos com a CEE possam por em perigo a coesão da Comunidade transatlântica.

Segundo o comunicado, os Estados Unidos desejam pros-

seguir consultas mutuamente aceitáveis.

O pedido de conversações por parte dos europeus verificou-se quando a Casa Branca aprovou um prolongamento das sanções que proibiram as subsidiárias norte-americanas e firmas europeias de produzir equipamento tecnológico de ponta sob licença norte-americana, nomeadamente para o fornecimento de materiais para o projectado gásoduto destinado a conduzir gás soviético para a Europa Ocidental.

Entretanto, falando em St. Louis, o secretário norte-americano do Tesouro, Donald

Reagan, disse haver vários sinais económicos positivos indicando que os Estados Unidos estão a sair da actual recessão económica.

Reagan citou quarta-feira à noite um relatório segundo o qual as informações governamentais de que os principais indicadores económicos cresceram pelo terceiro mês consecutivo são os sinais mais positivos desse facto.

Segundo a Secretaria do Comércio, o índice governamental de crescimento registou uma subida de 0,3 por cento em Maio. Reagan disse ainda a um grupo de empresários que esta situação, acompanhada de uma des-

cida na taxa de inflação, ajudaria também a administração Reagan a recuperar a economia.

«Estou plenamente convencido de que o declínio na inflação verificado na segunda metade de 1981 e na primeira de 1982 prenunciavam o início de um novo e calmo período — acrescentou o secretário do Tesouro.

Reagan previu ainda estar breve e na sequência destes pontos positivos, uma descida nas altas de juro praticadas nos Estados Unidos.

«Na minha perspectiva as taxas de juro são simplesmente insustentáveis aos níveis actuais» — acrescentou.

Xistos alentejanos a caminho da industrialização

As Câmaras Municipais de Mourão e Barrancos, no Alentejo, estão a estudar um programa de acção comum, tendente à industrialização dos xistos existentes nos dois concelhos.

O incremento do projecto foi decidido por ambas as autarquias após o êxito alcançado numa exposição conjunta das duas regiões no certame sobre «rochas ornamentais», realizado recentemente na Feira Industrial de Lisboa.

Barrancos e Mourão são duas regiões bastante ricas naquela matéria-prima, embora os xistos desta primeira região sejam considerados os de maior valor comercial dado a sua aplicação ser indicada para a decoração.

Apesar de a sua procura ser já

significativa, os xistos de Barrancos e de Mourão são ainda explorados de forma artesanal, sendo os desta primeira região efectuados pela própria Câmara local.

Os dois municípios prevêem que se passe em breve deste tipo de exploração para outros mais rentáveis, através de equipamentos tecnológicos mais avançados.

O projecto de industrialização dos xistos que as Câmaras de Barrancos e Mourão tencionam desenvolver é apoiado pela Comissão de Coordenação da Região do Alentejo e tem merecido a atenção da Direcção-Geral de Geologia e Minas, que efectuou recentemente o levantamento geológico da região.

Numa extensa faixa fronteiriça

do Alentejo, o xisto é a pedra-base de um solo que pode ser fonte de riquezas para a região e matéria-prima para uma indústria que aquelas Câmaras desejam desenvolver e cujo interesse é reconhecido, nomeadamente, em termos de criação de postos de trabalho.

Os xistos, nota dominante na construção das vilas de Mourão e Barrancos, são pedras de tons variados, desde os verdes micáceos aos borra de vinho, passando por acinzentados fossilíferos ou finas lentilhas quartzíticas, além de lídidos e xistos grafitosos associados.

A aplicação prática dos xistos é variada, desde a construção civil, a lava-louças, tampas de mesa, pavimentos, tectos, peitoris e adornos.

Países ricos e pobres

Redução do auxílio ao desenvolvimento

O auxílio oficial ao desenvolvimento das nações mais pobres do mundo pelos países industrializados ocidentais foi cortado em mil milhões de dólares em 1981 — informou ontem a Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Económico (OCDE).

O auxílio oficial ao desenvolvimento foi de 25 400 milhões de dólares, menos 4 por cento do nível atingido em 1980.

Rutherford Poats, presidente da Comissão de Assistência ao Desenvolvimento da OCDE

em duas palavras

● **SÚBDITOS DA CEE EM FÉRIAS** num outro país membro da comunidade podem beneficiar da previdência. Esta facilidade decorre dos acordos entre Estados membros da CEE. Já válida para os trabalhadores assalariados e para os títulos de pensões, esta facilidade é alargada este ano, aos trabalhadores não assalariados e às suas famílias. No entanto, para estes últimos anos, a extensão das prestações é limitada à França, Bélgica e Grécia. Para poderem beneficiar da previdência em férias, os súbditos da CEE devem munir-se do formulário E111 que lhes será passado pelo seu organismo de previdência. Os custos ficam a cargo das entidades previstas pelo sistema em vigor no país onde se passam férias.

● **ATUNEIRO ELIZABETH C. J. CAPTUROU**, quarta-feira, num só lanço, cerca de 50 toneladas de pescado. Elizabeth, uma sofisticada unidade de pesca norte-americana que se encontra nos Açores em missão experimental promovida pelo Governo Regional está equipada com helicópteros e lanchas de desembarque rápidas para cerco de cardumes.

● **CONTRATO-PROGRAMA PARA AUMENTO DE EXPORTAÇÕES** de conservas portuguesas celebrado entre as associações das indústrias de conservas de peixe e o Instituto de Comércio Externo (ICEP) pretende alargar as exportações portuguesas para os mercados tradicionais da CEE e Estados Unidos e conquistar novos mercados na África e nos países árabes.

● **UNIFICAÇÃO DE TODOS OS PAÍSES PRODUTORES DE ALGODÃO** para estabilizar os preços de acordo com as necessidades de produção e consumo foi proposto ontem pelo Governo mexicano. O director dos assuntos algodoeiros da Secretaria de Estado da Agricultura e Recursos Hídricos do México, Ramos Gonzalez, afirmou que os preços mundiais do algodão são arbitrariamente estabelecidos pelas grandes companhias internacionais que exercem grande influência nas bolsas de algodão de Nova Iorque e Liverpool. Ramos Gonzalez precisou que, apesar da exportação mexicana de algodão ter diminuído de 750 mil fardos para 450 mil no corrente ano, a captação de divisas aumentara cerca de 31 milhões de dólares devido ao aumento da fibra.

(DAC) que agrupa 17 nações ocidentais, atribuiu este decréscimo às dificuldades que atravessa a economia mundial.

Este declínio deve-se, fundamentalmente, aos problemas económicos que têm atravessado nos últimos dois anos os países membros do DAC e que agora se fizeram sentir pela primeira vez.

A situação é agravada pelo facto de as contribuições individuais serem convertidas em dólares e ter havido uma depreciação de muitas moedas europeias relativamente à divisa norte-americana — disse ainda Poats, numa conferência de Imprensa em Paris.

O relatório de actividades de 1981 da DAC mostra que o auxílio dos Estados Unidos decresceu 26 por cento, atingindo 5800 milhões de dólares. Este decréscimo deveu-se, principalmente, aos cortes nas contribuições para as organizações de auxílio multilateral.

Em termos de percentagem do produto nacional bruto, a contribuição do grupo de países ao auxílio oficial decresceu de 0,38 para 0,35 por cento.

Apesar do decréscimo global das contribuições só cinco países diminuíram, efectivamente, o seu auxílio em termos de produto nacional bruto: Austrália, Japão, Nova Zelândia, Noruega e Estados Unidos.

Todos os outros países mantiveram ou aumentaram ligeiramente os seus níveis de auxílio.

O crescimento mais expressivo foi o da contribuição da Holanda, que aumentou de 1,03 para 1,08 por cento do produto nacional bruto, um recorde em termos dos países membros da DAC desde o início dos anos 60.

Adesão à CEE:

Espanha não estará
entre os «Dez»
em Janeiro de 84

O secretário de Estado para as relações com a Comunidade Europeia, Raimundo Bassols, reconheceu ontem que a Espanha não será membro de pleno direito da CEE em 1 de Janeiro de 1984.

Raimundo Bassols participou ontem numa reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros Perez Llorca, e os embaixadores de Espanha em Paris e na CEE para examinar a situação criada com a decisão do Conselho Europeu de realizar um estudo sobre os problemas que levantam as adesões de Portugal e Espanha. Os dois embaixadores foram convocados a Madrid para tratar desse tema.

O secretário de Estado disse que não era realista continuar a pensar naquela data como a possível para a integração da Espanha na CEE, pois a realização do inventário de problemas impede que na negociação se tratem temas-chave. Raimundo Bassols disse que a proposta francesa de realização do inventário dos problemas tinha sido uma surpresa para todos, tanto a Espanha, como os membros da CEE.

O secretário de Estado não comentou mais pormenorizadamente a situação, afirmando que o Governo, em próximo Conselho de Ministros, tomará uma posição oficial sobre as últimas circunstâncias que afectam a entrada da Espanha na CEE.

Raimundo Bassols afirmou não possuir todos os dados necessários para fazer uma avaliação completa da situação em que a Espanha se encontra ante a comunidade, esclareceu que no Conselho Europeu havia duas posições contraditórias e disse que, na reunião de segunda-feira, quatro países se tinham manifestado contra a proposta francesa na sua totalidade, embora estivessem de acordo com alguns dos pontos nela contidos.

O secretário de Estado espanhol considerou que a França tratou de endossar a responsabilidade pelo atraso na admissão de novos membros ao resto dos países da comunidade.

Disse que é surpreendente que depois de cinco anos de negociações, só agora a Comunidade fala sobre a necessidade de uma reflexão sobre a terceira ampliação. Comentou que embora a negociação se realize num período de crise interna para a Comunidade, surpreende que quando existe um impulso nas negociações, depois do acordo do primeiro semestre em seis capitulos, a Comunidade se feche agora na necessidade de uma reflexão sobre o alargamento.

DESPORTO



Bota alta e punhos de renda

Nem emoção nem espectáculo: uma sensaboria. Tão grande, tão evidente que se sucederam as vaias, as palmas de tango, os assobios, as saídas da plateia, já a caminho de casa ainda a sonâmbula função estava longe de ser dada por concluída.

Poderá dizer-se que a Bélgica não tem atiradores, que enrola a bola como se ela estivesse fria e fosse necessário aquecer muito bem o couro antes de o soltar para qualquer parceiro, estivesse ou não o colega em posição adequada ao disparo. Mais se acrescentaria que aquele futebol estereotipado, mecânico, carecia de imaginação e de alegria que é partilhado por quase todos os comandados pelo tristonho, macambúzio, cerrado e nada comunicativo Beskov (o responsável soviético que pretendeu encobrir o jogo fornecendo uma formação diferente da que entraria em campo, sem que se tivesse vislumbrado o que quer que fosse de agradável nesse acto que somente acabou por baralhar incilmente os trabalhadores da Informação) não conduz à beleza do espectáculo.

A URSS, para ficar somente dependente de um nulo ante Boniek e companhia, precisava obter quatro golos: apenas logrou vencer os abúlicos belgas (que somente têm de diabos a camisola rubra) por um magro tento. Mesmo assim porque a defesa dos ex-colegas de profissão de Norton de Matos mais davam a ideia de competir numa «peçada» do Inatel que na fase es-

plendorosa do mais propagandeado Campeonato Mundial de qualquer competição desportiva.

Verdade que a ilusão nasce todos os dias e que o técnico belga Thys, antes de meter o leme para o retorno a Bruxelas, quis dar uma oportunidade ao jovem guarda-redes Munaron (que defende as cores do Anderlecht), igualmente certo que não podia contar com Baecke, Ples-

que, pelos vistos, não encontra hoje qualquer justificação.

Porém, mesmo anacrónicos mecanizados e pouco volúveis, os soviéticos sempre acabaram por dar uns pontapés mais acertados na borracha. Não Shengelia que acabou o fôlego mal começara a correr mas esse belo Blokhin, incontestavelmente uma estrela em constelação de pontinhos estáticos e pouco di-

rias emergências o facto dos belgas estarem completamente destrocados de hipóteses pelos petardos do polaco Boniek e, animica como fisicamente, parecerem uma daquelas várias selecções que Portugal é pródigo a apresentar sempre que tem de vencer, só acaba por fazer passes para a retaguarda.

Naquela aflitiva procissão de noventa sofridos minutos em que somente se salvaria a atenção e destreza de Dasaev, mais o excelente trato da esfera por parte de Blokhin, valeu a conversa na bancada, pois mais nada havia a fazer que, de vez em quando deitar o rabo do olho para ver como ia de fiscal o nosso homem de Leiria (António Garrido) e, no resto, suspirar para que o relógio rodasse a toda a brida, exactamente ao contrário daquela tristonha legião de rapazes que pareciam jubilados ao peso de reforma precoce.

E foi assim que outras novidades iam chegando: franceses que passaram o dia fazendo compras, ingleses que continuavam no golfe e na piscina, polacos que só hoje trocam o «relax» pelo treino. A Itália ufana: é a única selecção entre as doze finalistas que não autoriza qualquer publicidade no equipamento, os austríacos Jara e Krankl que, no último programa de TVE, logo no adeus do seu país à corrida, desancaram sem dó nem piedade o técnico lá da terra, quase o rotulando do ignorante puro. Menotti a declarar que logo após a partida com o



Belgas já a caminho de Bruxelas

Brasil vai mergulhar numa cura de sono e tanto Kopa como Fontaine, grandes vedetas dos anos cinquenta, a protestarem veementemente contra aquilo que se passou no «Nou Camp» e denominaram, em uníssono, de **péssima propaganda do futebol**.

Enquanto os pontapés transviados permaneciam constantes no Bélgica-URSS que não se deveria recomendar a ninguém, a malta ia trocando mais informações. Por exemplo: Di Stefano entra na corrida para o lugar de Santamaria, certamente o posto que mais cobiçado será logo após a primeira escorregadela do pobre uruguaio que não sabe para que lado se pode voltar sem que uma pedra não vá direitinha contra a sua cabeça de turco. Mais: a publicidade nas camisolas do Real Madrid, negociada apressadamente com uma empresa de electrodomésticos leva milhares de associados do clube a lavrarem um protesto público, contra aquilo que rotulam de **atentado à dignidade da colectividade** de Santiago Bernabeu.

Porém, o que mais afligiu toda a gente ligada à Informação foi ter sido divulgado, com recato

mas também em tom alarmista, que no «Sarriá» (onde daqui a pouco vai disputar-se o Brasil-Argentina a Sala de Imprensa apenas poderá comportar oitenta jornalistas, dos dois mil que pretendem fazer a cobertura do «derby» sul-americano).

Enfim: o que for soará, começaram as férias para meio milhão de catalães, mas para futebolistas austríacos e belgas a labuta durou mais um dia: hoje passam pelo Vale dos Caídos ou pelo Parque de Montjuich, meditam ou divertem-se (conforme estiverem em Madrid ou Barcelona), respeitam a história espanhola ou deliciam-se com a arte flamenco dos ciganos da família Montoya, com «naranyito de triana», com os velhos «coches» que rodeiam o «rochet» de 1898 que não têm paralelo nem no nosso Museu do Caramelo. O álcool e a cerveja deixaram de estar interditos.

Na peneira, ainda com secreta esperança no olhar permanece uma dezena de turmas, algumas com futebolistas da mais fina água mas duas ou três, pela vulgaridade, igualmente merecedores de despacho com botas de sete léguas.

Neves de Sousa

Apesar de eliminados**Jogadores hondurenhos condecorados**

O Governo das Honduras decidiu conceder a condecoração civil «José Cecilio Del Valle» (a mais alta do país), aos membros da selecção hondurenha de futebol que disputou o Mundial de Espanha.

A condecoração resulta dos méritos dos jogadores e da sua excelente actuação nos três jogos da primeira fase do Mundial, num grupo de que faziam também parte a Espanha, Jugoslávia e Irlanda do Norte.

A equipa hondurenha regressou no passado domingo a Tegucigalpa e todos os cidadãos da capital estavam no aeroporto, nas ruas e no estádio, numa recepção sem precedentes em qualquer representação desportiva.

sers e Van Der Elst e que, quanto ao carequinha Vam Moer, está bom para se entreter com renda de bilros.

Logo, certa ou justificada toda a transformação que operou no habitual «onze», tentando uma saída airoso, já que, pelo menos, havia que defender os pergaminhos de um subtítulo europeu

mencionados para a improvisação, para a versatilidade, para as flutuações que fazem a graça do futebol corrido, são e escorrido.

Sem flanco direito (todo o jogo era exclusivamente canalizado para Blokhin, numa assustadora falta de concepção imaginativa) a URSS chegou a ter em dúvida os dois pontinhos, valendo nas vá-

Serviços municipalizados

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES**AVISO****CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE UM CONJUNTO INDUSTRIAL EQUIPADO COM RETROESCAVADORA, CARREGADOR FRONTAL E LANÇA EXTENSIVA, POR TROCA DE UMA CASA MODELO 336 EXISTENTE NESTES SERVIÇOS.**

Faz-se público que, de harmonia com a deliberação do Conselho de Administração de 21 de Maio último, se encontra aberto concurso público, pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste aviso no Diário da República para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O Depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de esc: 80 000\$00 e o definitivo é de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil seguinte ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados, perante a comissão nomeada para o efeito.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES, 17 DE JUNHO DE 1982.

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço**Serviços Municipalizados**
*Câmara Municipal do Barreiro***ADMISSÃO DE APRENDIZES E AJUDANTES PARA O DEPARTAMENTO OFICIAL DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DO BARREIRO**

Estão abertas inscrições para as vagas a seguir discriminadas, do Departamento Oficial destes Serviços Municipalizados:

- 2 Ajudantes de mecânico de automóveis
- 1 Ajudante de pintor de automóveis
- 1 Ajudante de carpinteiro
- 1 Ajudante de serralheiro
- 1 Ajudante de electricista de automóveis
- 2 Aprendizes de mecânico de automóveis
- 2 Aprendizes de electricista de automóveis

Os candidatos deverão ter a idade mínima de 15 anos para aprendiz e 18 anos para ajudante.

Será dada preferência aos candidatos com o 9.º ano unificado ou equivalente e cujas idades se aproximarem mais dos limites mínimos fixados.

Aceitam-se inscrições no Departamento Pessoal, até ao dia 15/07/82.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 24 de Junho de 1982.

O Presidente do Conselho de Administração,
Alfredo Rodrigues de Matos**EXAMES «AD HOC»**

De admissão à Universidade, para pessoas cultas, autodidactas, maiores de 25 anos, com ou sem habilitações literárias a nível elevado, prepare-se teoricamente por correspondência: exames ainda este ano: apenas 3 disciplinas obrigatórias para acesso a cada Faculdade (Direito, Filosofia, ISEF, Económicas, Medicina, Engenharia, etc.)

Preço integral: Esc: 18.000\$00 (dezoito mil escudos), incluindo todas as despesas e com direito à matrícula oficial na Universidade, efectuada por nosso intermédio.

Pagamento antecipado.

Dirija-se ao prof. Simões Neves — Rua do Poço dos Negros, 23 — 1200 Lisboa — Telefone 604110.

Matrículas até ao dia 15 de Julho.

**FERRAGENS
FERRAMENTAS**

PRECISA-SE

**EMPREGADO
DE BALCÃO**

RUA DA BOAVISTA, 18 — LISBOA

DESPORTO



Todos ao Sarriá

O som longamente repetido enche a rua:
«Olé, olé: o Brasil está botando pr'a ganhá!»

Milhares, como Deus quer que se tenham amanhado, vão pelas «calles» de Barcelona com um só rumo: Sácrates e Zico, Falcão e Cerezo. O iman chama-se «Escrete Canarinho», hoje em prova de força da sua monstruosa capacidade inventiva, do seu jeito todo requadrado de bem exibir futebol puro e insinuante, como se fosse uma mulata caprichosa, dengosamente rendida ao malandro de favela que desceu do morro para a tomar nos braços.

É a multidão assim está. Espartilhada no rendilhado sublime da alta recreação dos alunos de Telé Santana, não imagina, nem por um só instante, que a pedra pode andar no sapato. Por isso, as bandeiras ondulam, as charangas não se calam, o bulício de um carnaval antecipado tenha sido exportado da longa Avenida Rio Branco para reduto que fica a léguas-luz do Maracanã e esta tarde servira de capital de todo o futebol mundial.

Eder é um menino apuramado: «Vou continuar treinando para justificar o lugar. Sei que o Brasil sempre teve grandes extremos: Garrincha, Zagalo, Jairzinho. Eu estou a aprender: não me deslumbro com os dois golos que já consegui.»

A selecção brasileira treinou ontem, no «Sarriá» precisamente no mesmo momento em que, por Madrid, austríacos e irlandeses derimiam cristas, aquele belo golo de Hamilton, na cabeça sábia que recolheu o centro da direita, a ser aplaudido por toda a gente que estava fazendo horas para marchar até ao «Nou Camp». A essa hora, em que o termómetro marcava 35 graus em Barcelona polacos faziam preparação física em Esparraguera, italianos brincavam em Gava e argentinos preparavam-se para fechar as portas na cara de quantos pre-

nas deve ter recebido a visita de Cruiff, que lá foi negociar material desportivo, no resto, nem um autógrafa. A muralha não cede.

Como também não abrandam os ataques a José Emilio Santamaría, que completou o contrato oficial com a Federação Espanhola e, agora, como a cobiça pelo seu posto inflama muito boa gente. Helénio Herrera, bem conservado como sexagenário entradote, passa ao pé de nós com a mulher à tiracolo: com menos vinte anos no cartão de identidade, a antiga jornalista italiana parece mãe do contro-verso técnico que «virou» protegido do empreiteiro José Luis Nuñez, o tal que já contamos ser presidente do Barcelona porque tem dinheiro a rodos.

H. H vem à sala da imprensa e logo dá palpites:

● **Exacto, exacto** (diz, quando Alonso aparece na TVE comentando a tática de Santamaría), **perfeito Alonso, perfeito: em Espanha não há jogadores para ataques franco e há que jogar em contra-ataque.**

Vira-se para o pequeno «écran»: o autogolo irlandês já lá vai.

Billy Bingham recolhe o quase juvenil Whiteside: a resposta é o ondulante livre cobrado por Hintermaier, a vantagem de Schmidt no «placard» que foi um pequeno raio de esperança para Dublin. Mas, quase sem dar tempo a respirar com maior força, aí está o cabeceamento para as redes de Platt, um homem delirante todo no ar (outra vez Hamilton) e a longínqua vingança argelina a chicotear, como látego, os valistas da beira-Danúbio, a esta hora de mala na mão a zarpar de Barajas.

Mergulho em voo directo: a última carta não encontrou, da parte de irlandeses, a mesma santa e tática aliança que, via Alemanha Federal, tingiu a negro a fase de abertura do campeonato. Justiça feita, embora por vias indirectas.

Dúvida espanhola

● **Dois mil milhões** (anuncia Saporta, cheio como um balão) **vão ver a final deste Mundial.**

O problema é saber se a Espanha estará nessa festa imponente que já acarreta milhares a caminho do «Santiago Bernabeu». Mas a confiança caseira não é grande coisa: a Espanha não marca golos nem em treinos. Mais uma vez os «Santamaría Boys» vão ter estrutura alterada: na defensiva talvez Alessanico ceda o posto.

O técnico uruguaio-hispano não sabe para que lado se deve voltar: ainda o melhor é ouvir as «voces populi», que reclama Alonso, que insistem em Zamora, que desejam Quini a Santillana.



Zico e companhia: hoje a festa é com a Argentina

Até Arconada está em equação: não tem sido o guarda-redes seguro que nos habituámos a ver.

Olga Viza, locutora da TVE, está perto dos jornalistas de Língua portuguesa e continua a abrir-se, mostrando conhecer a fundo o futebol, ser uma espécie de Edite Soeiro aqui da área:

Saporta é um belo pai-Natal: já aumentou duas vezes o prémio prometido aos seleccionados, mas pelos vistos vai poupar essa despesa.

Com efeito, está muito por baixo a cotação dos companheiros de Juanito, a luta pelo lugar de Santamaría talvez tenha ajudado a provar que a consistência do bloco vermelho-azul era de areia fina: está ruindo por todos os lados e somente um golpe de fortuna pode impedir o pior. Hoje, como será?

A casta madame Antognoni

A incógnita coloca-se também em relação ao «Sarriá», ao duelo incandescente que vai travar-se entre os galopantes brasileiros e os inconformados argentinos. Maradona ou Zico? Ardiles ou Sácrates? Individualidades saltando do conjunto? A defesa do «Escrete Canarinho» conseguirá sustentar Bertoni e Kempes? Diguieto encontrará novo e temível polícia como esse italiano chamado Gentile?

Por falar em transalpinos: já sabem o que bateu à porta de Giancarlo Antognoni? Uma revista, a «Novella 2000» publica extensa reportagem fotográfica recolhida nos mais indiscretos arquivos da vida de Rita Monosillo, ex-louroa de se tirar o chapéu, que foi modelo e actriz de telenovela e agora é morena e esposa amantíssima do centro-volante que ajudou a deitar abaixo os melhores sonhos de César Menotti, o argentino que navega velozmente para as águas que encaminham Santamaría para o «topo» do futebol espanhol.

Pois a bela Rita surge em pêlo e de pulmões em riste, uma escultura viva que faz inveja a muitas meninas que labutam nocturnamente pelas «Ramblas» da capital catalã. Hoje, com certo recato, justifica-se:

● **Sim sou quem está nas fotos, mas era solteira e trabalhava para uma casa de modas.**

Resta saber que constureiro apresenta os seus modelos completamente despidos.

Maradona ao colo

Adeus, Hrusbesch: pela boca morre o peixe. Foi-se à viola no conceito do «Cobarde/Derwall», mas quem ganha primeiras páginas é Mário Vargas Llosa, que conta das suas preferências:

«Podem escrever: o futebol apaixonou-me tanto que estou na Europa propositadamente para ver o maior número possível de «partidos».

A Imprensa, atirado ao tapete Santamaría, reduzida a cisco a «Mundiespania», tocada a asa de Saporta e quase derrubado o federativo Pablo Porta, vira-se para novo alvo. René Courte, o chefe de Imprensa da FIFA que (pelos vistos) apenas colhe benefícios sem descer da sua torre de marfim, excepto para contemplar com benesses os seus amigos, talvez os que comandam por detrás da aparente e ilusória máscara de seriedade, um espectáculo que anda des-governado em qualquer latitude para que nos viremos...

Mas, como dizem os amigos brasileiros da TV Globo: «Não adianta chorar no pé da santa». A avenida da amargura não tem fim. A batalha campal do Argentina - Itália já lá vai, importa virar a folha e esquecer as vinte faltas cometidas por Gentile (o presti-

gizador) sobre Diego Armando Maradona, que é hoje convidado pelo presidente da nova entidade patronal e terá, à entrada do palacete quase irreal que domina uma colina fronteira a Barcelona, tudo o que é importante na capital condal, certa de que foi bom investimento a «compra» desse rapaz baixote e a puxar para o gordocho que terá esta noite de se apresentar de barba feita e com um cartão de visita mais belamente introduzido do que o duplo até agora rubricado no seu novo castelo feudal.

«Vamos ganhar o jogo com o Brasil: quero que a Argentina vença e que toda a Barcelona veja como se joga bom futebol.»

Maradona repete isto desde a manhã: é um «spot» radiofónico que logo apregoa as delícias de um chocolate que deve acompanhar a prefeição dos meninos, provavelmente de garotos como aqueles que vão a estas horas cantando, e brincando a caminho de «Sarriá», dispostos a regalar-se com várias lições de futebol, o jogo-rei

Ardilles acredita num êxito, com desportivismo e elegância «O Brasil joga primorosamente», não deixa de soltar a sua fé:

«Não estamos perdidos. Há mais predestinados ao fracasso que ao sucesso, mas nós (os argentinos) temos na mão trunfos para uma vitória que será memorável.»

Espectáculo a negro e branco

A torre de Babel da Informa-

Neves de Sousa
nosso
enviado especial

ção, no pequeno estadiãozinho do Espanhol, cresce como espuma: daqui a pouco, será uma confusão dos diabos, cada qual querendo espreitar, de longe ou perto, a passagem dos ídolos, de milhões a caminho da arena verde. A Rádio, a Televisão, a Imprensa, todos os meios de Comunicação tomaram de assalto o «combate» Argentina-Brasil, tratando-o a nível de «jogo do ano». O polaco Boniek afirma:

«Queremos ganhar à URSS e depois ao Brasil.»

Sorri, do alto dos seus 181 centímetros, bamboaleando alegremente 75 quilos de peso. Passeando pelo Centro de Imprensa, fato de treino azul focado por muitos fotógrafos, está Dino Zoff, 40 anos, 103 presenças internacionais. Será observador cuidado:

«Venho ver o que me espera...»

Bearzot parece um menino de sapatos novos: anda muito calmamente, sobranceiras arqueadas, passo com muito «temple» como um toureiro vitorioso:

«Sim, é verdade: tenho esperança de haver um antídoto capaz de travar o Brasil. Afinal, vocês, os jornalistas, não davam também toda a vantagem aos argentinos no jogo que iam fazer connosco?»

Falam-lhe em comparações, o técnico italiano é rápido na resposta:

«Pode ser que a Argentina não seja a mesma de 1978, que não tenha extremos de raiz, que esteja animicamente depauperada. Mas possui Maradona, mas tem Ardilles e Kempes, apresenta excelentes unidades: e pode, já hoje, colocar um traução na carreira brasileira.»

Num jornal, a imagem que está a correr Mundo: cinco ingleses, totalmente descompostos, limpando rubicundos tútus a uma bandeira espanhola.

«Uma vergonha» - comenta-se unanimemente. E enquanto os «supporters» britânicos continuam (muito bem) a ferros, os belgas preparam a trouxa: Hidalgo acredita que a Espanha embale a Alemanha para o pátrio lar, a popularidade brasileira paga factura cara: milhares caminham Carlota Joana acima em demanda do «Sarriá». Este Mundo é um espectáculo: fiquemos nele

Até já.



Helénio Herrera nos «bons velhos tempos». Hoje, é o acessor pessoal de homem rico e «faz-se» ao lugar de Santamaría

tendiam ir espreitar, ao modesto campo de Canovellas. Dieguito aparta-se de Cláudia para tentar, pela terceira vez, a conquista de Barcelona.

Mas, é Eder quem tem a palavra:

«Respeito todas as equipas, há sempre que ter cuidado com o parceiro que se segue, e, quando me perguntam qual é o jogador que mais gosto de ver em acção, só tenho uma resposta: Zico. Um homem de corpo inteiro.»

Vingança argelina

«Nou Camp»: o pano ia subir para o URSS - Bélgica e todos comentavam como é inexpugnável a selecção soviética, que parece morar num «bunker»: não se deixa fotografar, não dá a mais pequena entrevista, não trás consigo um só adepto. Pode dizer-se que, malta de fora, ape-



O Mundial a sorrir

Nem todos os adeptos do futebol encaram este Mundial a sério; ou, de outra maneira: os grandes acontecimentos (desportivos e não só) têm também o seu lado humorístico.

Assim o entendeu Frances Joseph Publishing, que, de colaboração com Edições «Tempo», acaba de lançar em Portugal este interessante trabalho, onde o Mundial (ou o futebol) pode ser interpretado a ris.

Para além de interessantes e vistosos desenhos de Pau Murphy, este livro de cerca de 100 páginas oferece algumas fotografias históricas de Mundiais já passados como informações gerais de interesse.

«O Mundial Espanha-82», de capa branca, é mais um saboroso elemento de consulta, que pode muito bem «matar» o tempo do intervalo dos jogos...

DESPORTO



Mal estar na selecção alemã

O mal-estar existente na selecção da RFA desde que chegou a Espanha, e que se tentou ocultar, saltou agora como uma rolha de garrafa de espumante com a «guerra» declarada entre Hrubesch e o técnico Jupp Derwall.

Horst Hrubesch não hesitou em, publicamente, acusar o seu técnico de «covarde» e Derwall, descontente, não hesitou também em afastar o famoso jogador, que não voltará a actuar até ao final do campeonato.

O futebolista acusou, perante os jornalistas do seu país o técnico Derwall de **deixar-se ultrapassar na questão da formação da equipa** e de permitir nesse campo a intervenção dos dirigentes alemães.

O dianteiro alemão foi o autor do gol com que a RFA venceu a Áustria por 1-0 no último jogo da primeira fase e que garantiu o apuramento germânico para a segunda fase.

Porém, Hrubesch abriu demasia a boca, utilizou o termo «covarde» e Derwall não hesitou: **Hrubesch não jogará mais na selecção alemã comigo a treinador.**

Desde que os alemães pisaram solo espanhol, surgiu o rumor da existência de um amplo mal-estar entre vários dos seus jogadores e, sobretudo, a influência que Breitner e Rummenigge exercem sobre Derwall.

Esse mal-estar foi aumentando e já não é apenas um jogador a estar descontente com o técnico, pois a Hrubesch uniram-se outros três elementos que criticaram frases de Derwall contra eles utilizadas.

Feli Magath também entrou na lista dos opositores a Derwall, porque este comentou que **o jogador nada fez para dar vida à equipa nesta competição.**

Parece que, além da influência que Breitner e Rummenigge exercem sobre Derwall, o técnico não gosta de falar com os jogadores, preferindo «atirar-lhes publicamente à cara os seus defeitos».

Uwe Reinders e Wilfried Hannes aparecem também na lista dos que se sentem «molestados

e feridos» por frases que Derwall terá pronunciado a seu respeito.

O escândalo deixou o quartel-general da selecção duas vezes campeã do mundo e chegou agora à própria Alemanha, onde os meios informativos fizeram eco, com grandes títulos, das desavenças ocorridas no seio da equipa.

A primeira derrota germânica frente à Argélia originou muito mais reacções do que é habitual em momentos de derrota, porque a questão já vinha muito de trás.

As consequências não foram maiores porque a vitória por 4-1 frente ao Chile serviu para «arrefecer um pouco» os ânimos, mas o ambiente que os jogadores e o técnico continuavam a viver não era, nem pouco mais ou menos, de harmonia.

As violentas críticas que mereceu a selecção frente à Áustria quando ganhou por 1-0 foram o verdadeiro ponto de partida para que o escândalo deixasse de ter uma residência habitual e saísse das suas quatro paredes.

As coisas na selecção germânica, em vésperas do seu crucial encontro com a Espanha, não parecem ter melhorado nada, porque as dúvidas, a indisciplina, as divergências, são como uma «apetosa salada» onde até o vinagre serve para pôr uma nota amarga dentro da necessária harmonia.

O próprio Hrubesch, ante o seu afastamento definitivo, já não quer saber nada do seu seleccionador: **se ele precisar de mim que me venha buscar, porque eu não irei mais até ele.**

As posições são já extremas e as soluções difíceis de alcançar, porque Derwall já não poderá ter a mesma confiança nos quatro jogadores que divergiam dele.

E num torneio tão curto como o Mundial, onde cada jogo é decisivo, perder esse número de jogadores transforma todos os planos possíveis e imaginários.

Resta saber se Derwall detém o «às» que lhe permita conquistar tudo o que está sobre a mesa, ou se os quatro «dissidentes» possuem uma carta superior.

Grupo A

**Bélgica, 0
URSS, 1**

Bélgica: Munar; Renquin, Meewis e De Scherijver (Marc Millecamps, aos 65 m); Vandermissen (Czeremiatycki, aos 67 m), Verheyen, Coeck, e Vercauteren; Ceulemans e Van den Bergh.

URSS: Dasaev; Borovskiy, Chivadze, Demianenki e Baltacha; Bal (Daraselia, aos 87 m), Bessonov e Oganessian; Blokhin, Gravitov e Senghelia (Rodionov, aos 89 m).

Marcador: Oganessian (aos 48 m).

árbitro: Michael Vautrot, da França, auxiliado por António Garrido e Corvert.

Ação disciplinar: cartão amarelo a Bessonov, aos 74 minutos.

Grupo B

RFA-Espanha

Hoje, em Madrid, vão defrontar-se duas selecções que têm sido autênticas decepções neste Mundial: a Espanha e a República Federal da Alemanha. Em jogo, a conquista do «visto» para as meias-finais. Um jogo onde os golos vão ter (mais do que nunca) bastante importância. Até porque a Inglaterra está à espreita.

Este jogo será transmitido em directo pela RTP, no canal 1 a partir das 20 horas de Lisboa.

Grupo C

**Brasil
Argentina**

Ai está o grande jogo: esperado com expectativa porque os gaúchos não podem perder e os brasileiros não pretendem deixar cair o prestígio que conquistaram nos três jogos de Sevilha.

Pena que o encontro seja no Sarriá: pequeno de mais para albergar todos quantos queriam ver, ao vivo, o embate entre as duas mais famosas (e valiosas) selecções da América do Central.

O Brasil-Argentina pode ser acompanhado em Portugal através da transmissão (via Eurovisão) da RTP canal 1 a partir das 16.15 horas.

Grupo D

**Irlanda, 2
Áustria, 2**

IRLANDA — Jim Platt; Nicholl, McClelland, Nelson e McCreery; Chris Nicholl, O'Neill e Hamilton; Armstrong, Nelson e Whiteside (Brothersson, aos 68 m).

Marcador: Hamilton (aos 25 e 75 m).

AUSTRIA — Koncilia; Krauss, Obermayer, Pezzey e Pesgesbauer (Weizi, aos 46 m); Prohaska, Pichier e Baumaster; Schachner, Hagmayer, (Hintermeyer, aos 46 m) e Jurtin.

Marcadores: Pezzey (aos 51 m) e Hintermeyer (aos 68 m).

Árbitro: Adolf Prokop, da Alemanha Federal.

Ação disciplinar: cartão amarelo a Pichier (aos 85 m).

Formula um

Arnoux: melhor treino na Holanda

O francês René Arnoux obteve o melhor tempo na primeira sessão de treinos para o Grande Prémio da Holanda de Fórmula Um, a disputar amanhã em Zandvoort.

Nas posições imediatas classificaram-se o francês Alain Prost e o brasileiro Nelson Piquet.

A classificação foi a seguinte: 1. René Arnoux (França) Renault, um minuto 14.23 segundos (206.204 km); 2. Alain Prost (França) Renault, 1:14.66; 3. Nelson Piquet (Brasil) Brabham, 1:14.72; 4. Didier Pironi (França) Ferrari, 1:15.83; 5. Niki Lauda (Áustria) McLaren, 1:15.83; 6.

Patrick Tambay (França) Ferrari, 1:16.15; 7. Keke Rosberg (Finlândia) Williams, 1:16.26; 8. Bruno Giacomelli (Itália) Alfa Romeo, 1:16.51; 9. Andrea de Cesaris (Itália) Alfa Romeo, 1:16.58; 10. Riccardo Patrese (Itália) Brabham, 1:16.63; 11. John Watson (G. Bret.) McLaren, 1:16.70; 12. Derek Daly (Irlanda) Williams, 1:16.83; 13. Derek Warwick (G. Bret.) Toleman, 1:17.09; 14. Michele Alboreto (Itália) Tyrrel, 1:17.24; 15. Elio de Angelis (Itália) Lotus, 1:17.62; 16. Mauro Baldi (Itália) Arrows, 1:18.02; 17. Manfred Winkelhock (RFA) ATS, 1:18.35; 18. Chico Serra (Brasil) Fittipaldi, 1:18.44;

19. Brian Henton (G. Bret.) Tyrrel, 1:18.48; 20. Jacques Laffite (França) Ligier, 1:18.49; 21. Raul Boesel (Brasil) March, 1:18.66; 22. Jean-Pierre Jarier (França)

Osella, 1:18.95; 23. Marc Surer (Suíça) Arrows, 1:19.02; 24. Jochen Mass (RFA) March, 1:19.08; 25. Eliseo Salazar (Chile) ATS, 1:19.12; 26. Jan Lambers (Holanda) Tehodore,

1:19.27; 27. Roberto Guerrero (Colômbia) Ensign, 1:19.32; 28. Eddie Cheever (EUA) Ligier,

1:19.73; 29. Teo Fabi (Itália) Toleman, 1:20.43; 30. Roberto Moreno (Brasil) Lotus, 1:21.15.

Recorde:

Cento e setenta (hoje) no Tour

O «Tour» de França inicia-se hoje com a participação recorde de 170 ciclistas, que terão de pedalar um total de 3900 quilómetros divididos em 22 etapas.

O francês Bernard Hinault apresenta-se como favorito tentando obter a quarta vitória na prova depois de ter vencido no Tour em 1978, 1979 e 1981. Este ano venceu o Giro à Itália.

Hinault, 27 anos, surge como um potencial sucessor do ciclista Eddy Merckx, sendo previsível que tentará impor-se em três etapas contra-relógio nos dias 14 (53 quilómetros), 18 (33 quilómetros) e 23 (46 quilómetros).

Taça UEFA

Benfica é cabeça de série

O Benfica será um dos cabeças de série para o sorteio da primeira eliminatória da Taça UEFA da época 82-83, anunciou a União Europeia de Futebol.

A UEFA concede este privilégio às equipas que tenham estado presentes nas meias-finais das competições europeias dos últimos cinco anos.

Cabeças de série indicados pela UEFA: Taça dos Campeões Europeus: Hamburgo (RFA), Liverpool e Aston Villa (Inglaterra), Standard de Liège (Bélgica), CSKA Sófia (Bulgária), Juventus (Itália), Ajax (Holanda) e Grasshoppers (Suíça).

Taça dos Vencedores das Taças: Bayern de Munique (RFA), Tottenham (Inglaterra), Austria de Viena (Áustria), Real Madrid e Barcelona (Espanha), AZ 67 (Holanda), IFK Gotemburgo (Suécia) e Estrela Vermelha de Belgrado (Jugoslávia).

Taça UEFA: Karl Zeiss (RDA), Colónia e Kaiserslautern (RFA), Arsenal e Ipswich Town (Inglaterra), Anderlecht (Bélgica), Valência (Espanha), Sochaux (França), PSV Eindhoven (Holanda), Benfica (Portugal), Banik Ostrava (Checoslováquia), Dinamo de Tbilisi e Dinamo de Moscovo (URSS).

Martins Antunes deixa arbitragem

José Martins Antunes abandona agora a arbitragem de futebol ao fim de vinte e oito anos de actividade. Por esse facto é-lhe prestada amanhã uma homenagem num restaurante lisboeta, em que têm estado empenhadas a Comissão do Conselho de Arbitragem e a Associação Portuguesa de Árbitros.

Segundo um texto da Comissão do Conselho de Arbitragem, **Martins Antunes dedicou-se vinte e oito anos à causa da arbitragem o que no pensamento de muitos seria suficiente para chegar a árbitro de 1.ª categoria do nacional, mas para ele não foi suficiente e porquê? Resposta difícil.**

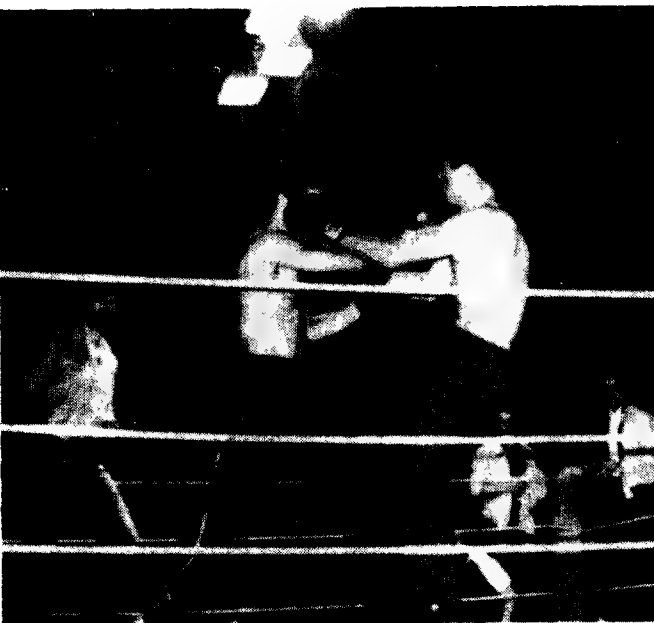
Carros de choque no autódromo

Amanhã, no Autódromo do Estoril, festa diferente do mundo automóvel: figuras conhecidas das corridas a sério vão dar espectáculo nunca visto entre nós. Paulo Gomes, Wilson Fittipaldi, Alencar Júnior e Edmar Ferreira, são alguns dos nomes brasileiros que irão «competir» com os portugueses Ernesto Neves, Rufino Fontes, Manuel Fernandes e Mário Silva.

«Stock-Cars» — chama-se o espectáculo. Amanhã à tarde no Autódromo do Estoril.



Nos tempos de Sepp Maier, tudo era diferente. Para melhor...



Às 21 e 30 de hoje:

“Boxe americano” na festa de Belarmino

Um dos aspectos interessantes de que se reveste a festa de homenagem póstuma a Belarmino, que hoje decorrerá no Coliseu dos Recreios, às 21 e 30

horas, é constituído pelo «boxe americano». Na foto, o campeão ibérico (pesos ligeiros) que combaterá hoje com o campeão europeu de «boxe americano», o espanhol Carlos Conde.

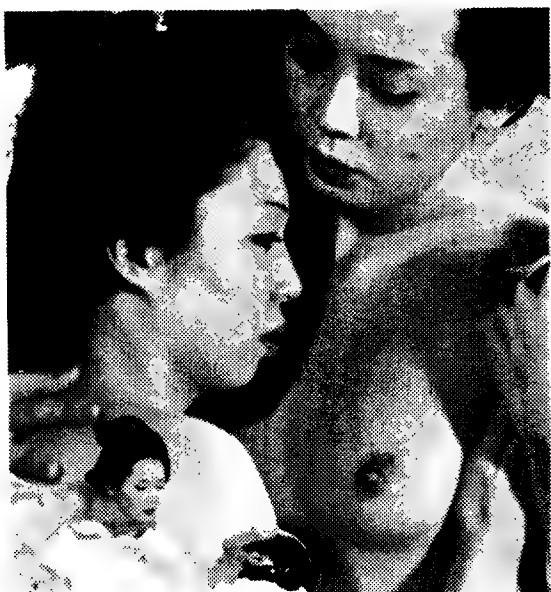
IMPERIAL FILMES

Depois de
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
O IMPÉRIO DA PAIXÃO

agora

O IMPÉRIO DO DESEJO

com
EIKO MATSUDA

um filme de **ATSUO SEKIMOTO**

ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

ESTREIA HOJE
ÀS 21.30

O Velho Oeste. Imensos espaços sem fim. Esta é a história de uma das suas mais antigas famílias.

Gente de princípios. Que aos domingos dificilmente matariam alguém.



COLUMBIA PICTURES apresenta uma produção IRVING ALLEN

VINCE JACK GEORGE NEVILLE SYLVIA
EDWARDS PALANCE MAHARIS BRAND SYMS**OS BANDIDOS DO TEXAS**

com CHRISTIAN ROBERTS & KATE O'MARA Argumento de WALTER BROUSH - Hist. de CLAUDE REYNOLDS
Produtor Associado ANDREW DONALDY - Fprodutor IRVING ALLEN Realização HENRY LEVIN TECHNICOLOUR

HOJE ÀS 21.30 — ESTREIA

ODEON

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

Com uma grande exposição dedicada ao Poder Local

Começa hoje a Festa do "Avante!"

COLÓQUIOS SOBRE O PODER LOCAL

AUDITÓRIO DESCOBERTO

DIA	HORAS	TEMA	INTERVENTORES
6ª Feira 02/06	20 H	Evolução Histórica do Poder Local - Da Idade Média ao 25 de Abril	Borges Coelho / António Hespanha Francisco Felgueiras (Cuba)
6ª Feira 02/06	22 H	A burla eleitoral que a AD pretende. Lei Eleitoral - Fiscalização Eleitoral	João Amarel / Cavaco Odete Santos / Deolinda Santos
Sábado 03/06	15,30 H	Experiências concretas de gestão APU: ORRUC e EVORA	Camaradas eleitos de Coruche e Évora Oliveira
Sábado 03/06	17 H	Autarquias e Movimento Popular	Manuel Sobral / Carlos Gomes (Coruche) Justino Abreu (Odemira)
Sábado 03/06	18,30 H	Porquê realiza a APU nas autarquias mais do que as outras forças políticas	Luís Sá / António Castanheira António José Ganhão (Bemonte)
Sábado 03/06	20 H	Regionalização e Pacote Anti-autárquico da AD	Luís Sá / Osvaldo de Castro Silva Graça
Sábado 03/06	22 H	Freguesias de maioria APU no Norte e Beiras. Trabalho em minoria	Lancinha, Helena Martins, João Pessoa e eleitos das freguesias de Miragaia, Sabido, St.ª. Zézer, Castelo Viegas
Domingo 04/06	15,30 H	Experiências concretas de gestão APU: ALMADA / SEIXAL / SINTRA / AMADORA	Camaradas eleitos de Almada, Seixal, Sintra e Amadora.
Domingo 04/06	17 H	Habitação. O que pode e não pode o Poder Local	Silva Graça / Severiano Falcão Jorge Silva
Domingo 04/06	21 H	Experiências concretas de gestão APU: VILA REAL DE St.ª. ANTÓNIO / MARINHA GRANDE	Camaradas eleitos de Vila Real de St.ª. António e Marinha Grande.
Domingo 04/06	22 H	Experiências de gestão APU em situação de minoria: SINTRA / OUREAS / T. VEDRAS / COIM. / PORTALEGRE	Camaradas eleitos de Sintra, Oureas e T. VEDRAS e conc. minoria de Portalegre

Antecipada este ano para Julho devido às eleições para as autarquias, a festa do «Avante!» dedica ao poder local a sua exposição central da edição de 1982, considerado nos seus aspectos políticos, históricos, económicos, sociais e culturais. Instalado na zona central da festa, um Museu da Autarquia apresentará uma perspectiva da evolução administrativa das regiões do País, completada por uma exposição de meia centena de painéis e por colóquios e outras actividades de animação, entre as quais a apresentação das propostas do PCP e as realizações

dos autarcas da APU neste domínio.

Para além do comício com Álvaro Cunhal, que constituirá o ponto mais alto das iniciativas da festa, estão previstas outras actividades de debate e esclarecimento sobre a situação política, a revisão da Constituição e outros temas de carácter económico e social.

Um dos inconvenientes, para além do calor, da antecipação da data da festa é o facto de ela ter caído em cima do Mundial de Futebol. Mas não há problema: no videoteatro, instalado num pavilhão de circo, logo à entrada, os

jogos do Mundial poderão ser vistos em projecção numa de 9 metros quadrados, e até com alguns motivos de interesse suplementar, como comentários «ao vivo» de Lajos Barotti, treinador do Benfica nas duas últimas épocas.

Mas no que ao desporto diz respeito, a festa não se fica por aqui, sendo de salientar a exibição de ginastas olímpicos da União Soviética, Checoslováquia, RDA e Bulgária, a par de uma intensa actividade desportiva que vai desde o futebol até à prática dos jogos tradicionais portugueses, e para o efeito a

festa dispõe de uma Cidade do Desporto com instalações polivalentes.

Entretanto, pelos dois palcos principais da festa (Palco 1 e Palco da Juventude) vão desfilar grandes nomes do espectáculo a nível mundial e alguns dos nomes mais representativos da música portuguesa, tudo isto servido por potentes aparelhagens sonoras e de luzes que darão aos artistas condições de actuação invulgaes entre nós.

Hoje, a partir das 20.30, passarão pelo Palco 1 o grupo «Rajko» da Hungria, «Oktoberklub» da RDA, atletas de ginástica da URSS, Bulgária e Checoslováquia, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, e, para fecho, o grupo de rock «Omega» da Hungria. No mesmo horário, desfilarão pelo Palco da Juventude o grupo «Plavci» da Checoslováquia, José Jorge Letria, Adriano Correia de Oliveira, Paulo Vaz de Carvalho, Bibiano (da Galiza) e o grupo «Kings», de Cabo Verde.

No sábado, a partir das 15 horas, estarão no Palco 1, a «Orquestra Kurmangazi» da URSS, «Jáfumega», Rui Veloso e a Banda Sonora, «Kings», Vitorino, Pedro Caldeira Cabral e o «Bando da Planície», Brigada Victor Jara, «Plavci», Rão Kyao, Baden Powell, Odetta e Josh White, dos Estados Unidos, «Moncada», de Cuba, e Manu Dimango, dos Camarões. Também a partir das 15 horas, actuarão no Palco da Juventude o grupo «Rajko», «Oktoberklub», José Barata Moura, Grupo Coral do Sindicato Mineiro de Aljustrel, grupo «Zé Manel», da Guiné-Bissau, «Manifesto», «Alarme», vencedores dos Festivais da Canção Juvenil, Brigada Victor Jara e Esmeralda Amoedo.

No domingo, no Palco 1, antes do comício com a presença de Álvaro Cunhal, actuarão «Os Trabalhadores do Comércio», «Omega», José Jorge Letria, Samuel, Ary dos Santos e Carlos Paredes. Após o comício, a festa prossegue no mesmo palco com Carlos do Carmo, «Trovante» e Sérgio Godinho, Clint Eastwood e General Saint, Buffy Sainte-Marie e Carlos Mendes com o seu grupo.

No Palco da Juventude, no mesmo horário, estarão Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, «Country Boys», «Trovante», «Orion», «Orquestra Kurmangazi», Samuel, Orquestra da Escola de Jazz do Hot Clube e o Grupo Moncada de Cuba.

As manifestações artísticas e culturais não se esgotam, porém, nos dois palcos principais da festa. Entre muitas outras realizações, haverá, por exemplo, a III Mostra de Teatro, com a participação do TEUC, Teatro de



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE UM GRUPO COMPRESSOR DE AR, REBOCÁVEL, COM MOTOR DIESEL, PROVIDO DE 2 MARTELOS PNEUMÁTICOS DEMOLIDORES, ACOMPANHADOS DO EQUIPAMENTO ACESSÓRIO NECESSÁRIO AO SEU FUNCIONAMENTO

Faz-se público que em Reunião do Conselho de Administração de 21/6/82, foi deliberado abrir o concurso público em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo daquele prazo de 30 dias, pelas 14,30 horas, na sala de reuniões destes Serviços, perante a Comissão para este fim nomeada.

O depósito provisório é de 25 000\$00.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente na Secretaria dos Serviços Técnicos dos Serviços Municipalizados de Oeiras na Medrosa.

Oeiras, 21 de Junho de 1982

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

Morreu Henry King

Faleceu esta semana com 91 anos o realizador americano Henry King, um dos últimos veteranos de Hollywood iniciados na sétima arte, em pleno cinema mudo.

Ao longo de uma carreira prolixa de mais de uma centena de filmes, Henry King deu a sua primeira oportunidade a actores como Ronald Colman ou Jean

Peters e ajudou a firmar o prestígio de outros como Tyrone Power, em «Lloyds of London» e Jennifer Jones que recebeu em 1973 o «Oscar» da melhor actriz pelo seu papel em «A canção de Bernardette».

Natural da Virgínia, Henry King lançou-se muito jovem numa carreira teatral com grupos itinerantes antes de tentar a sua sorte

em Hollywood, primeiro como actor e depois como realizador.

Na sua filmografia destacam-se «David, o Tolerante» (1921) «O Incêndio de Chicago» (1938) e várias adaptações de obras literárias como «As Neves de Kilimandjaro» (1952) e «The Sun Also Rises» (1957) de Ernest Hemingway e «Terna é a Noite» (1961) de F. Scott Fitzgerald, sua última realização.

Festa do "Avante!"

Continuação da pág. 20

Campolide («A Excepção e a Regra», de Brecht), lo Apoloni («Viver Mulher»), Grupo de Teatro das Minas de Urgeira, CITAC, TEP, A Barraca («É Menino ou Menina?»), Adóque (excertos de «Tá Entregue à Bicharada») e Grupo de Animação Teatral Coppola. Dezenas de grupos infantis, grupos folclóricos, ranchos e grupos corais, bandas, etc., animarão praticamente toda a vasta área abrangida pelos 18 hectares do Alto da Ajuda, que um gigantesco trabalho colectivo vai transformar durante três dias no mais vivo espaço cultural do nosso país.

No que diz respeito aos colóquios, teremos, no Auditório Central: hoje, às 21 horas, «A Revisão Constitucional», com Carlos Brito; amanhã, às 18, «O PCP e as eleições autárquicas», com Carlos Costa, Martins Coelho e Luís Sá, e, às 21, «A Situação Política Actual», com Oc-

távio Pato; e no domingo, às 14.30, «O Projecto de Lei do PCP Sobre Protecção e Defesa da Maternidade, Planeamento Familiar e Interrupção Voluntária da Gravidez», com Zita Seabra.

No Auditório de Audiovisuais: hoje, às 20 horas, «Traduzir Marx e Engels Hoje - Apresentação do Livro», com Álvaro Pina, José Barata Moura, Eduardo Chitas e Francisco Melo; às 21.30, «A Comunicação Social e o Regime Democrático», com Eugénio Alves, Pedro Cid, Fialho de Oliveira e João Paulo Guerra. No sábado, às 16 horas, «60.º Aniversário do PCP - Apresentação do Livro», com Aurélio Santos, Zeferino Coelho, Serrão, F. Melo e Rogério Ribeiro; às 18.30, «Providência, Pensões e Saúde», com Zita Seabra, Gabriel Gomes e Taurina Zuzarte; às 20, «Situação Internacional», com Albano Nunes. No domingo, às 16, «Trabalhadores Científicos e a Paz»; às 11.30, «Problemas nas Cidades de Lisboa e Évora e Apoio aos Reformados»,

com Silva Graça, Apolónio e Abílio Fernandes; às 21, «Ecologia e Bacia do Tejo».

No Videoteatro, teremos no sábado, às 17 horas, «Futebol Profissional, Campeonato do Mundo», com Carlos Pinhão e Mário Zambujal, e às 20.30, «A TV que Vemos», com Mário Castrim, Joaquim Furtado, Vítor Melo Esteves, Luís Filipe Costa e Cecília Neto.

No Auditório da Juventude, no sábado, às 11.30, «Literatura Policial»; às 21 horas, «Debate de Jovens Escritores»; e no domingo às 11 horas, «Livro Negro das Autarquias», com Silva Graça.

Enfim, entre muitas coisas mais, que vão desde a Cidade Internacional, com dezenas de delegações a testemunhar o crescente prestígio internacional do PCP e da festa do seu jornal, até aos restaurantes, um grande espaço de convívio e de cultura para toda a gente, seja ou não comunista.

Tejo em quadros

O Tejo é o tema de uma exposição de 60 óleos de Barata Moura que se encontra patente ao público desde o dia 1 de Junho, no Museu da Marinha. O sucesso já obtido, com mais de 17 mil visitantes, levou a que fosse decidido o prolongamento da exposição até depois de amanhã, quinta-feira, das 10 às 17 horas, incluindo a hora do almoço.

O maior número de visitantes desta exposição de Barata Moura é de crianças de escolas, grupos, turistas e terceira idade. Os quadros reportam-se a aspectos do Tejo, em todo o seu curso, da nascente à foz.

O conjunto dos quadros agora expostos foi oferecido ao museu de Castelo Branco, onde aliás já estiveram expostos. O pintor é natural daquela região, entre Rosmaninhal e Alcântara.

A exposição concretizou-se com colaborações várias, destacando-se o Ministério da Cultura e a Capitania do Porto de Lisboa, por iniciativa da Comissão de Turismo da Câmara de Lisboa.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21.45h

A VIAGEM
6.º MÊS

TEXTO: MELHOR COSTA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA

DE TERÇA-FEIRA A SÁBADO ÀS 21.45
DOMINGO
ÀS 17 HORAS

PRACA DE ESPANHA TEL 76 26 24
SUL SEC

SÓ ATÉ SÁBADO

CAFE TEATRO
QUINTAS, SEXTAS
E SÁBADO-23.30 h.

**NAO FUI EU
FORAM ELES**
SÓ ATÉ
DIA 10

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 3.º JUÍZO ANUNCIO

FAZ-SE SABER que por este Tribunal correm editos de TRINTA DIAS que começaram a contar-se da data da segunda e última publicação do competente anúncio, citando o executado para, no prazo de CINCO DIAS, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar ao exequente a quantia de \$6.300\$00, montante de três letras juntas aos autos, 1.º \$945\$00 de juros vencidos, bem como os vencidos à taxa de 6% até integral pagamento, custas e demais despesas legais, ou nomear a pessoa bens suficientes para garantia e pagamento daquelas quantias, sob pena de, não o fazendo, se devolver esse direito de nomeação ao exequente.

EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 1763 2.ª SECÇÃO

EXEQUENTE: — BANCO PINTO & SOTTO MAIOR, EP.

EXECUTADOS: — MANUEL ALBERTO TELES NOGUEIRA ROMENO, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua Marquês Pina, Lote 1589, 3.º B, em LISBOA e Outro.

Lisboa, 25 de Junho de 1982
O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

O escrivão adjunto,
(José Maria Simões)

Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO. 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2



A selecção de futebol da Espanha que esta noite defronta Alemanha Federal, e que a RTP-1 transmite em directo

- 16.10** Campeonato do Mundo de Futebol — Directamente Barcelona, a transmissão do jogo Brasil/Argentina.
- 18.05** País, País.
- 18.30** Tempo dos Mais Novos.
- 18.50** Comunicação do secretário de Estado do Fomento Cooperativo.
- 19.00** Desenhos Animados.
- 19.30** Telejornal — As notícias do país e do estrangeiro
- 19.55** Campeonato do Mundo de Futebol — Directamente Madrid, a transmissão do jogo Espanha/Alemanha.
- 21.50** Telenovela — «Vila Faia».
- 22.20** Toma Lá Dá Cá — Última sessão deste concurso
- 23.30** Campeonato do Mundo de Futebol — Resumo da jornada.
- 23.40** Último Jornal

2 RTP

18.05 País, País.

18.30 Animais do Mundo

18.55 Qualidade de Vida

19.30 Estúdio Aberto.

20.00 O Sítio do Picapau Amarelo

20.30 Informação/2

21.00 Imagem das Letras.

21.30 O Comissário Maigret

22.30 Concerto.

1 RTP **2 RTP**

11.30: Eurovisão — Automobilição Fórmula 1 — Grande Prémio da Holanda.

13.15: Tempo dos mais novos; **13.50:** Sumário; **14.00:** Eurovisão — Ténis directamente de Wimbledon Final.

15.30: As Grandes aventuras do Himalaia; **16.30:** Sábado desportivo; **18.10:** Festival da Força Aérea; **19.00:** Spot Billy; **19.25:** Tur/82; **19.55:** O Tempo; **20.00:** Telejornal; **0.30:** Aqui e Agora; **21.40:** Boletim Meteorológico para a Agricultura; **22.00:** Reportagem do exterior.

19.00: Folclore; **19.30:** Qualidade e vida; **20.00:** Espírito da Ásia (3.º programa); **21.00:** Sábado especial; **22.30:** Curta metragem.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha

1 RTP Toma Lá Dá Cá (22.20)

Comissário Maigret (21.30) **2 RTP**

Alem de um programa a escolha oferece-lhe

2 RTP

21.30: O Comissário Maigret. Intérpretes: Jean Richard e Simone Valère; Realização: Stephane Berth; **22.30:** Concerto. Concerto n.º 1, para piano, de Brahms, pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles, sob direcção do maestro Carlos Maria Gutini

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus, 17 Cruz Quebrada — Tel. 211287

BATE-CHAPAS AUTO — PINTORES AUTO
— SOLDADORES AUTO — ESTOFADORES
AUTO

EM FÉRIAS

PRECISAM-SE PARA TRABALHO À TAREFA
ÓPTIMA REMUNERAÇÃO
RESPOSTA PARA O TELEFONE 577432

A fantástica mas verdadeira história de Eddie Chapman, o personagem mais misterioso da segunda guerra mundial!

O MAIOR ESPÍÃO DA HISTÓRIA
THE EDDIE CHAPMAN STORY

UM FILME DE TERENCE YOUNG COM
ROMY SCHNEIDER · YUL BRYNNER
CHRISTOPHER PLUMMER
TREVOR HOWARD · CLAUDINE AUGER

Os alemães condecoraram-no!
Os ingleses cobriram-no de ouro!
As mulheres essas adoraram-no!

EASTMANCOLOR — PANORAMICO

HOJE
MAIORES DE 14 ANOS

VOX

roteiro cultural

Teatro

Após a curta série de representações que realizou no Teatro Nacional D. Maria II, o Teatro do Mundo repõe «A Gaivota» de Tchekov no Teatro da Graça, a partir de amanhã.

A encenação é de Rogério de Carvalho — prêmio para a melhor encenação de 1981 pelo espectáculo «O Tio Vânia» — e a cenografia de José Manuel Castanheira, prêmio para a melhor cenografia de 1981, também por «O Tio Vânia».

Esta «Gaivota» reúne, assim, os mais premiados pela Associação Portuguesa de Críticos em 1981, já que o anterior espectáculo do Teatro do Mundo — «Terramoto no Chile» — obteve, ex aequo com o «Tio Vânia», os prémios «melhor espectáculo do ano», «melhor encenação» e «melhor cenografia».

Os espectáculos realizar-se-ão todas as noites, incluindo o domingo, às 21.30, com folga à 4.ª feira. A partir das 18 horas poderão fazer-se marcações pelo telefone 875626.

Folclore e artesanato

O Grupo Folclórico de Vila Franca Lima (Viana do Cas-



Uma cena de «A Gaivota», de Tchekov, pelo Teatro do Mundo

telo) actua amanhã à noite no Salão Restaurante do Casino Estoril. O grupo, cujo nascimento foi apadrinhado por Jorge e Zélia Amado, que no ano passado, durante as Festas da Senhora da Agonia, visitaram aquela aldeia minhota, exhibe-se a partir das 22 horas.

A Feira de Artesanato junto ao Casino e Clube de Ténis, estará patente ao público até 29 de Agosto, das 17 às 24 horas. Este ano estarão representadas as regiões de Santarém, Mafra, Serra da Estrela, Leiria, Vi-

seu, Agueda e S. Mamede, com o seu artesanato e folclore. Todos os dias haverá atracções no palco da Feira (ranchos, bandas de música, fado e palhaços). O certame dispõe de um pequeno parque infantil para diversão das crianças.

Exposições

A exposição «Miniaturas, Maquetas, Fotos» (3 artistas de Setúbal) é inaugurada hoje, pelas 18 horas, em Setúbal, na Casa de Bocage, Ga-

leria Municipal de Artes Visuais, onde ficará patente todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 9 às 12 e das 14 às 17.30 (aos sábados, domingos e feriados, das 15 às 19 horas). Cumprindo o programa de realizações previsto para esta temporada, a Casa de Bocage apresenta uma exposição especialmente dedicada a artistas nascidos ou residentes em Setúbal. Desta feita trata-se de um mostra de miniaturas e maquetas da autoria de dois conhecidos artistas sadinos (Borda-d'Água e Aniceto) a

par de uma exposição de fotografias de Rogério.

Marília Viegas apresenta ao público farenses, a partir de hoje e até 15 de Julho, uma exposição de pintura e gravura. A mostra que inclui oito gravuras e quatro quadros a óleo, é promovida pelo Círculo Cultural do Algarve, em cujas instalações irá decorrer. Marília Viegas, natural de Faro, é investigadora em gravura e professora na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde se formou em pintura.

A exposição de Roque Gameiro, filhos e netos é inaugurada amanhã, pelas 15.30, na Galeria da Junta de Turismo da Costa do Estoril (Arcadas do Parque), onde ficará patente ao público todos os dias, das 11 às 12.30 e das 15 às 19 horas (encerra às segundas-feiras). A mostra recorda um dos nomes mais importantes e, paradoxalmente, silenciado na pintura portuguesa do século XX, o aquarelista Roque Gameiro (1864-1935). Tendo vindo para Lisboa com apenas 10 anos, começou a trabalhar como aprendiz numa oficina de litografia. Algumas vezes, uma força desconhecida parece congrega em torno de um nome ou de uma figura central membros de uma família que, para além dos laços

familiares, se ligam por parentesco profissional.

Isto acontece em relação às profissões misteriosas e subações. Nas artes e nas ciências são bem conhecidas certas «dinastias» — caracterizadas muitas vezes por uma opediência a uma disciplina formal talvez até involuntária — o que aconteceu nesta família. São conhecidos os trabalhos de Raquel Gameiro, de Helena Roque Gameiro, de Guida Roque Gameiro, de José Pedro Roque Gameiro, seus filhos e netos.

Transcreve-se, a propósito, do texto do catálogo:

«A beleza é subversiva; a beleza duma enorme parte destas obras é incontestável. A beleza é sempre inquietante, e não vejo que obras destas não nos possam trazer a profundidade e diversidade das problemáticas que são as do homem. Será somente uma flor, um rio ou uma ponte o que se representa? Não creio. E, além disto, esta pintura mostra um tal poder técnico que chega a ser admirável documento imaginativo da inteligência humana. Hoje descubro nesta pintura, delicada e sensível, a força transbordante e encantatória, (o canto de perdição da sereia?) desta terra e desta gente que somos — se ainda somos».

o TEATRO DO MUNDO apresenta

A GAIVOTA



no TEATRO DA GRAÇA (à V. DO OPERÁRIO)
TODOS OS DIAS 21.30 EXC. QUARTAS

LOTAÇÃO LIMITADA — TEL. 875626 — Sub. SEC.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra aos condutores de veículos de 2 rodas que devem usar sempre capacete de protecção devidamente apertado, mesmo quando a distância a percorrer é curta.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	68\$45	70\$45
ALEMANHA FED (marco)	33\$65	34\$75
AUSTRIA (xelim)	4\$85	4\$85
BELGICA (franco)	1\$598	1\$798
BRASIL (cruzeiro)	32\$1	\$501
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	64\$11	66\$10
(notas de 5 a 1000)	64\$60	66\$60
DINAMARCA (coroa)	9\$70	10\$10
ESPAÑA (peseta)	\$706	\$808
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	82\$75	84\$75
(notas de 5 a 1000)	83\$25	85\$25
FINLÂNDIA (marka)	17\$40	18\$00
FRANÇA (franco)	17\$50	18\$10
HOLANDA (florim)	30\$40	31\$40
INGLÂTERRA (libra)	144\$15	148\$15
IRLÂNDIA (libra)	116\$35	120\$35
ITALIA (lira)	\$054	\$064
JAPÃO (iene)	\$295	\$330
NORUEGA (coroa)	13\$15	13\$65
SUECIA (coroa)	13\$45	14\$05
SUIÇA (franco)	39\$45	40\$55
VENEZUELA (bolivar)	17\$30	18\$30

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«ANTENA UM»

17.00: Ovo de Colombo; 17.20: Informativo de trânsito; 17.30: Entreponto das ideias; 17.50: Informativo de trânsito; 18.15: Jogo de Antena; 18.20: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Programa da noite; 20.15: Folhetim: Febo Moniz, de Oliveira Martins (Trailer); 21.00: Toda a gente é pessoa (Deus em todos os quadrantes); 23.00: Travessia: Títulos do Último jornal; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.15: Eufemismo Em 1714 nasceu Christophe Willibald Gluck; 16.20: Sonata para dois pianos e percussão, de Bela Bartók; 16.50: Momento de poesia; 17.00: Musicantes; 17.30: O barroco italiano; 18.05: As cores e as formas; 18.35: Pianistas: Canções sem palavras op. 53, de Mendelssohn; 19.00: Interpretes portugueses; 20.10: Música sinfónica; 20.40: Transmissão directa do Teatro S. Carlos da Ópera «A flauta mágica», de Mozart; 1.º Intervalo: A pianista Moura Lympany, interpreta peças de Chopin, Albéniz, Poulenc, Schumann e Brahms; 2.º Intervalo: O violinista Ruggiero Ricci, em peças de Wieniawski, Elgar, Krol, Chopin, Smétana, Suk e Achron; No final: Solos de guitarra, por Julian Bream; 00.00: Música de Câmara. Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397M)

15.45: Teatro trágico; 16.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculos; 20.30: Quando o telefone toca (1.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Rock em stock; 16.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Espaço 3P; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto. Notícias de hora a hora. F.M. e O.M. de Lisboa 16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em Notícia; 18.20: Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Títulos de informação; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Jornal da Noite (com nota de abertura); 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Discos LAR; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Programa especial s/Mundial 82; 23.30: Jornal das 23.30 (com nota de abertura); 23.55: Meditando; Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00

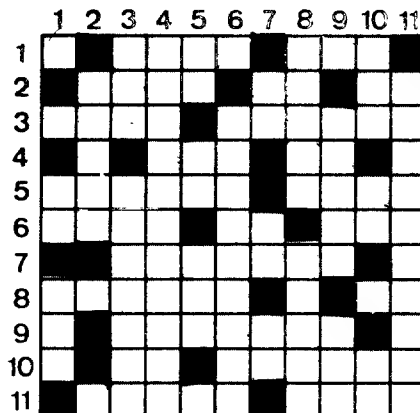
Tragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 466

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Existência. Reclusa.
- 2 Espécie de gato-bravo. Alternativa (inv.). Criminoso.
- 3 Prender com elos. Acarnham.
- 4 Suspiros. Basta.
- 5 Estragados. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
- 6 Cidade do médio Eufates. Artigo indefinido. Passai.
- 7 Cidade de Espanha.
- 8 Farei doação de. Platina (s.q.).
- 9 Quotidianos.
- 10 Autores. Rei dos Lombardos.
- 11 Queimas. Armadura para a cabeça.



VERTICAIS:

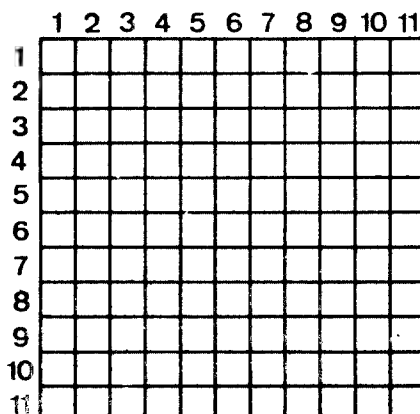
- 1 Tempo do verbo ser. Artigo indefinido. Dádiva.
- 2 Fundadora de Cartago.
- 3 Itinerário. Série de arcos.
- 4 Difundidas.
- 5 Concede. Flauta chinesa de três buracos. Mãe de Romulo e Remo.
- 6 Tomaras sobre si.
- 7 Artigo indefinido. Moderato. Vi (inv).
- 8 Escuridão. Rainha lendária da Frigia.
- 9 Branda. Nome de astro.
- 10 Agora. Preposição latina que designa movimento. Prefixo de negação.
- 11 Coisa emprestada.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9326

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de França. Artigo definido.
- 2 Pomposos.
- 3 Suspiros Solitários Joeira
- 4 Interjeição designativa de pancada queda ou de um procedimento rápido Basta. Reis.
- 5 Concordarás.
- 6 Autor (fig). Pertences Nota musical.
- 7 Esmoncar. Carta de jogar.
- 8 Matizara.
- 9 Darias pios. Árvores com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 10 Artigo definido. Nome do deus-peixe a quem os caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
- 11 Sobem ao cume.



VERTICAIS:

- 1 Cidade do Paraguai. Auxílio moral (fig).
- 2 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Cidade de Itália.
- 3 Povo de África entre a costa de Zanzibar e o lago Vitória.
- 4 Bromo (s.q.). Naipes das cartas de jogar.
- 5 Seguirias o rasto de.
- 6 Levas à sirga. Poeta e gramático grego autor de epigramas e de poemas místicos.
- 7 Uma das Cíclades. Pronome pessoal. Guameçam de asas.
- 8 Campeão. Unir por casamento. Apellido.
- 9 Alternativa. Pequeno simio do Brasil.
- 10 Moluscos comestíveis. Artigo definido.
- 11 Distinguir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 465

- Horizontal
- 1 Todo. O Sais
 - 2 Os. Tu. Berro
 - 3 SS. Amoura
 - 4 Cair. Cr. Ut
 - 5 Adoidaras
 - 6 Nada. Só. ED
 - 7 Osa. Bo. Cria
 - 8 Rue. Mar
 - 9 Em. RR. Alado
 - 10 MALANDRO. E
 - 11 Asilaras

- Vertical
- 1 Toscano. Ema.
 - 2 Ossadas. Mas.
 - 3 Iodar. LI
 - 4 Otária. Ural
 - 5 UM. Berna.
 - 6 Ocaso. Dr
 - 7 BURRO. Mará.
 - 8 Séria. Calos.
 - 9 Ara. Serra.
 - 10 Ir. Di. DE
 - 11 SORTE. Avô

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9325

- Horizontal
- 1 Bermudas. Na.
 - 2 Ateimaremos.
 - 3 Bame. Lesara.
 - 4 As. Ia.
 - 5 Lot. Alivia.
 - 6 Oca. Casando.
 - 7 Narro. Ar.
 - 8 Ill. Resta.
 - 9 AAA. Domo. SM.
 - 10 Man. Saio.
 - 11 Morar. Nas

- Vertical
- 1 Babilónia.
 - 2 Eta. Ocaia.
 - 3 Ramatana.
 - 4 Mies. Ma.
 - 5 Um. Acordar
 - 6 Dalia. Eon
 - 7 Areais. Sm.
 - 8 Sés. Vastos
 - 9 Má. In. An
 - 10 Nortada. Sia
 - 11 Asa. Oramos

Provérbio: TODO O MALANDRO É UM BURRO DE SORTE

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24

n. acons. men. 13 anos

ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B

Às 14.45, 17.30 e 21
UM VIOLINO NO TELHADO
Às 23.45
INSEITO

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 21.30
SEXTA-FEIRA, 13 - PARTE 2

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30

JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA

Um filme de Frank Tashlin
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
A TURMA DOS REPETENTES

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 13 anosUM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
5.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
SE O MEU CARRO FALASSE

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 13 anos

POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHAS

Uma comédia de «morte»... a rir!
de Mel Brooks

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30 e 19 - N. ac. men. 18 a.

CHOVE EM SANTIAGO

Às 21.30 - Int. men. 13 a.

MORTE NO NILO

Às 24 - Int. men. 18 a.

NOTES SANGRENTAS

c/ Sissy Spacek

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.

SEXO AO PEQUENO ALMOÇO

Pornográfico - Hardcore

Às 24 - Int. men. 18 a.

HOLOCAUSTO CANIBAL

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

SILVESTRE

N. acons. men. 13 anos

7.ª semana

Às 24

AMERICAN GIGOLO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

JURAMENTO DE SANGUE

c/ Dharmendra, Dhruv e Shabana Azmi

Um filme de Arjun Hingorani

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

- N. ac. men. 18 a.

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

AVENTURA EM MARIAGECH

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.

OS DOIS MAGOS DA BOLA

c/ Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

Um filme de Mariano Laurenti

Eastmancolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.

OS MALDITOS

4.ª Semana

Um filme de Luchino Visconti

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

- N. ac. men. 18 a.

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24

ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.

DUELO AO SOL

Um filme de King Vidor

Às 15.15 e 18.30 - N. ac. men. 13 a.

- Últimas

GRANDE PRÊMIO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

A CASA DO LAGO

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.30 - Int. men. 18 a.

AS MULHERES DE PRAZER DOS CAMPOS NAZIS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.

OS COMANDOS DA FORÇA Z

N. B. - Na sessão da noite início da

projeção do filme às 22

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Não ac. men. 13 anos

14.00 16.30 19.00 21.30

MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

OS BANDIDOS DO TEXAS

c/ Jack Palance e Sylvia Syms

Colorido

Às 15.15 e 18.15 - Despedida

A DAMA DAS CAMELIAS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Para todos

SISSI



Ciclo Romy Schneider. Uma cena de um dos sete filmes em exibição em 2 salas do quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16.30, 19 e 21.15
- Int. men. 18 a.

A ROSA

Às 21.30

O IMPÉRIO DO DESEJO

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- Int. men. 13 a.

ALL THAT JAZZ

de Bob Fosse

Filme de Qualidade

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- Int. men. 18 a.

CÉSAR E ROSÁLIA

DUELO NA ILHA

UMA HISTÓRIA SIMPLES e

A CALIFIA

SALA 4

Às 14, 15.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

A MULHER À JANELA

LUS DA BAVIERA e

A BANQUEIRA

c/ Romy Schneider

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Encerrado para férias até 15-7

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

O RAIO RELÂMPAGO DOS COMANDOS

c/ Charles Bronson e Peter Finch

Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.

Vencedor de 3 «Oscars»

REDS

c/ Warren Beatty e Diane Keaton

12.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

26.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Não acons. men. 13 anos

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30

O regresso duma obra-prima

O SENHOR DOS ANIS

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
- Int. men. 13 anos

NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ

c/ Romy Schneider, Yul Brynner e Christopher Plummer

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 24

- N. ac. men. 13 a.

007 CONTRA GOLDFINGER

Domingo às 11.15

FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

UNS E... OS OUTROS

36.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

N. acons. men. 13 anos

KRAMER CONTRA KRAMER

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CELEBRES E RICAS

Int. men. 13 anos

6.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Centrales, Lote 879

Às 15 e 18.15 - Int. men. 18 a.

UM HOMEN E UMA MULHER

Às 21.30 - M. 13 a.

O MAIOR ESPÍO DA HISTÓRIA

c/ Romy Schneider, Yul Brynner e Christopher Plummer

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.

CHAMADA MISTERIOSA

Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.

A AVENTURA COMEÇA EM CASABLANCA

c/ Charles Bronson e Jason Roberts

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «O Herdeiro», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «O Crepúsculo dos Heróis», às 21.30 (18 anos)

CAPITÓLIO - «Odisseia Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

CITY CINE - «A Última Valsa», às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «A Minha Arma Não Perdoo», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «As Bonecas da Califórnia», às 21.30 (13 anos)

2000 - «A Fronteira da Vergonha», às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL - «A Marca dos Gigantes», às 21.30 (13 anos)

RETELO - «A Mulher do Lado», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Falta Amor no Teu Olhar», às 21.30 (13 anos)

PÁTRIA - «Galyon o Indestrutível», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - «Nova York 1997», às 17 e 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Palácio - «Jesus», às 21.15 (6 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «Crime Perfeito», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Cine Plaza - «Heróis e Carochas dos Diabos», às 21.30 (6 anos)

AMADORA - Lido - «Que Há de Novo Gatinha», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cinemalido - «De Quem é a Vida Afinal?», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine Estúdio Flores - «A Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)

MAFRA - Cine-Teatro - «Júlia Máquina Sexual», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA - Silcine - «A Defesa Veste-se de Negro», às 21.30 (18 anos)

ALMADA - Cine-Almada - «Tristão e Isolda», às 21.30 (6 anos)

ALMADA - Academia - «A Caçada Implacável», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Incrível - «Sexo Louco», às 21.15 (18 anos)

TRAFARIA - Pervinho Jardim - «Alien Volta a Atacar», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - Júpiter - «O Rei da Montanha», às 21.15 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «Definidos de Prater», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «Duelo dos Grandes Lutadores», às 21.30 (13 anos)

JULIO DINIS - «Os Sobreviventes do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Promessas de Amor», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «Reds», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «Blow Up», às 21.30 (18 anos)

BATALHA - «O Dragão ataca», às 21.15 (18 anos)

SÃO JOÃO - «Amar de Novo», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «A Bomba H Desaparecida», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «Momentos de Glória», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Bye, Bye, Brasil», às 21.45 (13 anos)

OLÍMPIA - «O Terror dos Bárbaros», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - «Uma Mulher Só», às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «Uns e Outros», 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - «Mas que Vizinhos», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L - «Fantasias Nocturnas», às 21.45 (18 anos)

RAIONA - «O Policia 777», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «All That Jazz», às 21.45 (13 anos)

Lisboa



PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740
 Agências, Assinaturas e Contabilidade
 Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Pórtico: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12383 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREFE-MAR		BAIXA-MAR	
1.18	3,4 m	7.09	1,5 m
13.44	3,5 m	19.31	1,4 m
DIA 3			
2.07	3,5 m	7.48	1,4 m
14.29	3,6 m	20.12	1,3 m
TEMPERATURA DO AR			
AS 9 HORAS			
VIANA DO CASTELO		14°	
BRAGANÇA			
VILA REAL			
PORTO		17°	
P. DOURADAS			
COIMBRA		17°	
C. CARVOEIRO			
PORTALEGRE		19°	
LISBOA		21°	
ÉVORA			
BEJA		20°	
SAGRES			
FARO		25°	
P. DELGADA			
FUNCHAL			

últimas

O PRIMEIRO COSMONAUTA FRANCÊS e os seus dois parceiros soviéticos completaram, à hora em que escrevemos, o seu trabalho na estação orbital «Salyut-7» e entraram já na cápsula «Soyuz» que os deverá trazer de regresso à Terra. A chegada ao cosmodromo de Baikonour deverá ter-se efectuado às 15.16, hora de Lisboa. Os controladores do voo disseram que Jean-Loup Chrétien, Vladimir Dzhanibekov e Alexander Livanov realizaram todas as experiências médicas, técnicas e fotográficas programadas.

A SECÇÃO DE JUSTIÇA da PSP em grande actividade, desmantelou uma quadrilha dedicada ao furto e descaracterização de automóveis. Prendeu um profissional de cheques furtados, falsos e sem cobertura. O primeiro caso envolvia três elementos; os irmãos, Carlos e José Gonçalves Alves, de 30 e 22 anos, residentes na Serra da Arrojia, em Loures e José Sampaio Marques, de 23 anos com oficina de mecânica em Odivelas. O segundo caso, Manuel Gregório Cigarro, de 30 anos, sem outra profissão que não esta da prática habitual e continuada de comprar artigos com cheques de várias pessoas e na ignorância delas. Envolvidos pelo menos nove estabelecimentos lesados em cerca de 500 contos.

DEMOCRATAS CRISTÃOS EUROPEUS realizam o V Congresso em Paris, estando presente como representante do CDS, o antigo membro do Governo, no âmbito do Ministério das Obras Públicas, João Porto, militante daquele partido. Estarão presentes líderes de partidos democrata-cristãos e conservadores de vinte países e abordará problemas de política internacional e princípios da sociedade livre.

ATENTADO À SAÚDE PÚBLICA foi descoberto pelos Serviços de Fiscalização Económica: 100 quilos de carne podre nos frigoríficos de um talho da Póvoa do Varzim. Machado Santos em Valongo é responsável por este atentado à saúde pública, João de Sousa, de 45 anos, residente em Matosinhos, aguarda o julgamento em liberdade, e em actividade.

QUANDO O TEMPO se comemorava o Dia da Mãe, ocorreu um acidente com os pára-quedistas em cumprimento do programa de treino. Sobre o pára-quedista de Machico, um grupo de pára-quedistas do Centro Universitário de Lisboa estava a saltar quando, inesperadamente, foram apanhados por uma rajada de vento ciclónico. Afastados do campo de futebol, apenas um conseguiu pousar. Três caíram à beira-mar — e um outro, perante a surpresa dos hóspedes mergulhou na piscina do Hotel D. Pedro. Nenhum dos «páras» saiu ferido da aventura.

Desratização de Lisboa já tem calendário

Adjudicação da obra pelo executivo camarário ainda não foi decidida

A Câmara Municipal de Lisboa ainda não tomou qualquer decisão quanto à empresa que irá proceder à desratização da cidade, revelou ontem um informador camarário.

A adjudicação está dependente de decisões a tomar ainda esta semana pelos responsáveis técnicos de salubridade da CML, que se reunirão hoje. Dessas reuniões, sairá a escolha da empresa que reúna as melhores condições para proceder ao aniquilamento de mais de quatro milhões de ratos da cidade.

A campanha será acompanhada de acções de informação e esclarecimento da população, para que concentre os seus es-

forços na limpeza da cidade, sob o lema «colabore com o aspecto técnico das lixeiras».

A caça ao rato num custo avaliado em dez mil contos terá três fases, que se prolongarão até 1983.

A primeira, a iniciar em data a revelar na próxima semana, abrangerá 24 zonas consideradas «degradadas». O extermínio inicia-se no Vale Escuro (Alto da Eira), Curraleira, Canal do Alviela, Bairro Chinês, Musgueira e Cruz Vermelha, Paço do Lumiar e Bairro da Liberdade, Palácio da Ajuda e Vale de Alcântara, com uma incursão na fábrica de Pólvora.

A segunda fase, programada

para o mês de Setembro, realizará-se na zona antiga da cidade.

O começo está previsto para o Campo das Cebolas. Também actuando em círculos, os técnicos cobrirão a Madalena, Borra-tém, Martim Moniz e Almirante Reis.

Outras áreas integradas nesta segunda fase de extermínio: do Saldanha à Marquês da Fronteira, da Rua de Campolide à Rua D. Maria Pia, do viaduto de Alcântara ao Cais do Sodré e da Praça do Comércio ao Campo das Cebolas.

A terceira fase, que nunca arrancará antes do próximo ano, ainda não tem datas marcadas.

Belém desmente Angelo Correia

Eanes disse não a dois diplomas sobre PSP

O Presidente da República recusou a promulgação de três diplomas do Ministério da Administração Interna sobre as forças militarizadas.

De acordo com uma nota da Presidência da República, um destes diplomas foi o que aprovava o Regulamento Disciplinar da PSP e outro o que criava a Escola Superior de Polícia. A recusa de promulgação e devolução destes diplomas foi fundamentada por Ramalho Eanes, mas estas justificações não foram, naturalmente, tornadas públicas.

Aguarda ainda promulgação um documento que integra no quadro orgânico o quadro su-

pranumário da PSP.

Este esclarecimento da Presidência da República surgiu na sequência de um debate verificado há dias na Escola Prática da PSP.

Durante a cerimónia de encerramento dos cursos de promoção a comissário, um dos alunos referiu a Angelo Correia, ministro da Administração Interna, que presidia à cerimónia, uma série de alterações que a PSP deseja que se encontrem «incompreensivelmente paradas», salientando especialmente o regulamento e a Escola Superior de Polícia.

Angelo Correia respondeu de imediato remetendo para o Pre-

sidente da República a responsabilidade pela não promulgação dos diplomas.

E afirmou que «podem outras instâncias fugir às suas responsabilidades, nós não o podemos», no que foi considerado uma indirecta para Belém.

A Presidência esclarece agora a forma como Eanes assumiu as suas responsabilidades. Para além de ter publicado alguns diplomas relativos à PSP, decidiu vetar três, dois deles referidos directamente ao ministro. E este facto era já do conhecimento do ministro quando falou na Escola Prática da PSP, já que eles foram devolvidos em 11 e 17 de Junho.

I Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses

Com o patrocínio do Instituto Português do Património Cultural, da Câmara Municipal de Vila Viçosa e da Fundação da Casa de Bragança, entre outras entidades, vai realizar-se naquela vila alentejana, de 6 a 9 de Outubro do ano corrente, o I Congresso Sobre Monumentos Militares Portugueses, uma organização do Património XXI — Associação Portuguesa para Protecção e Desenvolvimento da Cultura, com sede em Lisboa, na Rua Coelho da Rocha, 71-1.º-D.

O Congresso, que esteve inicialmente previsto para Lisboa, na Biblioteca Nacional, em Maio passado, decorrerá nas instalações do Castelo de Vila Viçosa, que aquela fundação cede para esse fim e dividir-se-á em três

secções: «Os Monumentos Militares e o Património Nacional»; «Os Monumentos Militares e a Cultura»; «Os Monumentos Militares e o Turismo».

A participação no Congresso é aberta a todos os que, sobre os temas, apresentem comunicações. Durante os dias em que o encontro decorrer, estão previstas várias manifestações culturais de interesse nacional e visitas de estudo aos castelos e fortificações militares de Estremoz, Évora, Évora Monte, Elvas, Alandroal, Juramenha e Vila Viçosa.

Todos os pedidos de informações devem ser dirigidos aos Serviços de Apoio ao Congresso na Câmara Municipal de Vila Viçosa ou para a sede da Associação Património XXI.

Segundo estudo oficial francês

Armazenamento definitivo de resíduos radioactivos sem solução satisfatória

O armazenamento definitivo dos resíduos radioactivos parece não apresentar todas as garantias de segurança a médio prazo, segundo afirma um estudo elaborado por uma comissão científica sobre gestão dos combustíveis irradiados, publicado ontem, pelo Ministério francês da Indústria.

A segurança do acondicionamento, a médio prazo, é «satisfatória», mas o seu armazenamento definitivo «ainda não obteve a resposta necessária», afirma o grupo de trabalho.

«Não está ainda demonstrado que os recipientes destinados aos resíduos radioactivos apresentem todas as desejáveis garantias, sob o ponto de vista da segurança, do seu armazenamento definitivo.»

Os actuais meios de acondicionamento permitem padrões satisfatórios de segurança durante várias dezenas de anos, mas o «acondicionamento dos resíduos de alta actividade parece dever ser resolvido de modo satisfatório através da vitrificação».

Segundo Michel Pecqueur, administrador-geral do Comissariado Francês de Energia

Atómica, existem três espécies de resíduos radioactivos:

Os produtos de cisão, líquidos, de pequeno volume, os mais radioactivos de todos, mas dotados de um período de vida relativamente curto. São vitrificados e seguidamente guardados em unidades de recuperação. Mais tarde, serão lançados em locais geológicos ou seja enterrados profundamente, em camadas de terrenos impermeáveis.

Os produtos com fraca actividade e vida curta, mais volumosos, actualmente, são envolvidos em betume e betão, e guardados à superfície, sob cuidadosa vigilância.

Por último, os resíduos de pequena radioactividade, mas que emitem radiações alfa, as mais perigosas: o seu período de vida é de vários milhares de anos. São igualmente envolvidos em betão e cimento e guardados, sendo necessários «bons locais geológicos». Estão em curso estudos a este respeito mas, segundo Pecqueur, a solução deste problema não levanta aspectos de urgência, visto que o envolvimento pelo método actual constitui uma protecção satisfatória durante uma centena de anos.

BRASIL 1982

VIAGENS ESPECIAIS

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS



BRASIL AIR PASS
 POR APENAS
 US\$ 330

INFORMACOES E INSCRIÇÕES
abreu
 fundada em 1840

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
 LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 F. A. R. O. - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorguinho, 1 - Tel. 31077/8

UNIÃO SOVIÉTICA

Partidas semanais de Julho a Setembro

5 PROGRAMAS DE VIAGEM

- MOSCOVO - LENINEGRADO
- MOSCOVO - LENINEGRADO - RIGA
- MOSCOVO - LENINEGRADO - KIEV
- CAUCASO
- ASIA CENTRAL

PROGRAMAS E RESERVAS



MUNDIRAMA
 VIAGENS E TURISMO LDA.
 R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
 Telef. 36 03 02/32 88 56

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1982

Na China as mulheres não devem falar de amor

Decididamente, não é fácil falar de amor na China. Ainda menos, quando se é mulher. Os ataques que uma jovem escritora actualmente sofre, Yu Luojin, ilustram bem esta realidade.

UMA violenta campanha de Imprensa foi lançada contra a segunda obra da romancista Yu Luojin, «Conto de Primavera». Ela é autora de um primeiro livro, «Novo conto de Inverno», que acaba de ser traduzido em francês.

A revista «Huacheng» (Cidade das Flores), que publicara a novela, foi retirada de venda (1). Em «Novo Conto de Inverno», Yu Luojin prevenira os seus leitores:

«É uma narrativa realista que eu escrevia com a minha vida».

A mesma advertência poderia ser formulada relativamente ao seu «Conto de Primavera». Um realismo que críticos e censores foram, desta vez, incapazes de admitir. O «Conto de Primavera» é a narrativa sem dissimulações do divórcio obtido por Yu Luojin ao seu segundo marido, e das relações com um outro homem, que acaba por detestar em virtude da sua cobardia, após o ter amado. Através destes episódios, por vezes dolorosos, da sua existência, a autora descreve o seu meio familiar, o ambiente social e político, lançando com coragem, um olhar lúcido — por vezes desesperado — sobre uma sociedade em que quer conservar, apesar de tudo, a sua fé. Romance-verdade, onde as palavras não metem medo à autora, e de onde estão ausentes o maniqueísmo e o simplismo ideológicos que se tenta impor de novo aos escritores chineses.

Trata-se de um género de intervenção literária — e política, no sentido lato do termo — a que se não está habituado na China Popular.

«Literatura de Alcova»

Nada de espantoso existe, nestas condições, se a crítica se lançou com força a «Conto de Primavera». Longos artigos denunciaram os «erros ideológicos», a «desnaturação flagrante da História», a «confusão do belo e do feio», o «individualismo extremo» e o «liberalismo burguês» que esta narrativa conterá. O diário de Xangai, «Wenhui Bao», sob o título «Uma obra que polui os espíritos», vilipendiou esta «literatura de alcova» e o modo como Yu Luojin descreveu os factos reais, como se descrevesse «o monco que cai do nariz». Quanto ao «Jornal da Juventude», considera que a autora de «Conto da Primavera» teria «revelado a sua alma egoísta», escrevendo-se:

«A busca sentimental da

heroína desta obra representa tudo o que deve ser rejeitado com desprezo pelas pessoas».

A primeira grande falta cometida por Yu Luojin, aos olhos do Poder, é esta: o amor, tema do seu livro, pelo facto de ter sido a carne da sua vida, foi colocado no centro das paixões da heroína, não tendo sido subordinado ao espírito do partido, nem às normas da colectividade. Logo, não pode deixar de ser vil e condenável. Há mais de seis meses que uma campanha de propaganda incide sobre o problema do lugar do amor na literatura chinesa contemporânea. Assunto que tem inquietado as altas instâncias, pela circunstância de se ter tornado «obsessivo» nos romances, no cinema e na televisão. Um crítico chegou ao ponto de lamentar que este sentimento apenas seja evocado com «Beethoven em fundo».

Segundo o postulado oficial, escreveria convenientemente sobre o amor todo o autor que oferecesse aos seus leitores, quaisquer que sejam os tormentos dos seus heróis, uma conclusão edificante, «louvando o amor ao partido, à pátria ou ao povo». Estaria igualmente nesta linha aquele que nas suas obras não atribuisse um «destaque excessivo» ao amor, porque este sentimento apenas «representa uma parte da vida real». Por fim, o bom escritor deveria evitar «reflectir os comportamentos ocidentais» face ao amor e ao casamento. Sendo o amor na China «introvertido», porque se deveria procurar «descrever abraços e complexos que não correspondem em nada aos costumes chineses»? Tudo isto dá vontade de rir, se pensarmos na tradição chinesa do romance erótico.

As mulheres escritoras parecem ser as mais rebeldes a estes princípios. Para além de Yu Luojin, várias outras autoras foram criticadas nos últimos meses na Imprensa. É o caso, nomeadamente, de uma argumentista conhecida, Bai Fengxi, pela sua peça de teatro «Luar», que relata os tormentos de uma mãe, perante o desejo de uma das filhas, que pretende

casar com um homem que fora o seu primeiro amor antes da revolução. Trata-se de «bizarrias» que «não reflectem especificamente a sociedade» e que «não oferecem um modelo para a juventude», decretaram os censores. Zhang Jie, outra escritora que já esteve no centro de controversas opiniões, foi particularmente criticada pela sua novela «Um amor inesquecível», cujo conteúdo, segundo as críti-

Segundo eles, o autor ignora «o grandioso significado da libertação intelectual» que teria surgido após essa data. Pior ainda, daria ao leitor a impressão de que «este movimento, em si mesmo, não foi, afinal, mais do que uma comédia».

Eis assim, seguramente, uma falta ainda mais imperdoável do que os erros sentimentais censurados em Yu Luojin. O seu primeiro livro, «Novo Conto de



Astor Piazzolla

Um concerto a «três dedos» memorável

«**N**ÓS tocamos a música popular de Buenos Aires; as nossas composições não têm nada a ver com o tango apesar de respeitarmos essa expressão musical; queríamos era que toda a juventude argentina fosse fiel às origens da nossa música popular». As poucas palavras de Astor Piazzolla foram estas e aconteceram em pleno palco do Teatro da Trindade no concerto único que deu em Lisboa. Mal conhecido entre nós, Piazzolla, e o seu quarteto, deu a lição musical mais maravilhosa que temos escutado neste país. Em estilos completamente diferentes, a actuação do músico e compositor argentino só foi comparável, este ano, ao espectáculo de Leo Ferré no Coliseu, e por um simples, mas decisivo, motivo: é de facto impossível não vibrar face ao nível do som escutado, à mensagem, à carga cultural colada às notas que saem do instrumento — bandónion — de Piazzolla, que saem do violino de Fernando Suarez Paz ou do piano de Pablo Ziegler.

Tecnicamente «pouco» há a dizer do grupo de Piazzolla: é difícil escutar um som mais perfeito, a que não é alheia a entrega indiscreta dos seus executantes. E não é por acaso que «mestre» Piazzolla adverte para a facilidade com que se designa o «seu som» como parente directo do tango. Isto porque querendo rotular o trabalho de Piazzolla, se é lícito falar na influência do tango, é preciso focar também o jazz, o próprio rock. A grande capacidade de Piazzolla e dos seus excelentes acompanhantes reside precisamente em dar a noção da universalidade da música retratando, muito embora, as raízes de algo que faz questão em designar como «música popular de Buenos Aires». O popular é algo que transparece ao nível de sentirmos o som falar, principalmente quando o bandónion ecoa.

Piazzolla marcou na sala do Trindade um dos momentos mais importantes do espectáculo neste país, de tal modo que é indispensável que volte a Portugal. Não para nos dar o seu som numa sala pequena como a do Trindade. O seu espectáculo, a sonoridade escaldante da sua música, têm de ser escutados por mais gente e é imperdoável, que os seus discos não estejam divulgados cá. E Piazzolla é, no entanto, um dos maiores monstros vivos da música contemporânea, a sua produção artística atinge um padrão de qualidade invulgar: depois de escutar Piazzolla, especialmente ao vivo, é impossível deixar de ser exigente com o som que nos chega aos ouvidos, seja ele qual for, tenha ele a etiqueta que tiver. Piazzolla, mesmo assim, actuou em Lisboa com grande dificuldade devido a um ferimento que fez na mão esquerda a necessitar de ser cosido com vinte e três pontos. Como disse, depois de ser aplaudido de pé para o primeiro «encore», só tenho, composições para mais três dedos. Estou a tocar a setenta e cinco por cento. Isto porque tocou sempre sem o auxílio do dedo maior. Como seria Piazzolla a tocar a cem por cento? Melhor do que aquilo que evidenciou no Teatro da Trindade para meia dúzia de privilegiados? Custa a crer que isso fosse possível tal a grandeza da exibição. Das suas obras ouviram-se os temas: Invierno Porteno, Otoño Porteno, Concierto para Quinteto, Viyuya, Muerte del Angel, Tristezas de un doble A, Escualo, Adios Nonino, Verano del '79, Tangata e Chin Chin.

Anita Rind

(1) Ver o primeiro número de 1982 da revista cantonesa trimestral, bimestral «Huacheng».

E. Miragaia

Cinema

● **Silvestre**
de João César Monteiro
(Portugal-1980/81)

Um filme que, se não tem o condão de desmascarar os imbecis, tem, pelo menos, a virtude de mostrar que certos papas da crítica cinematográfica não só não são infalíveis como têm uma corte cada vez menos veneradora e obrigada. Os mesmos que, na Figueira, procuraram lançar **Silvestre** às feras, não ousam agora, depois do entusiástico acolhimento lisboeta, mais do que breves resmungos. O que é sinistro é que já se levantam como denunciantes ideológicos, ríspidos inquisidores. Sinal da mudança dos tempos! O filme, esse lá vai, bem obrigado!

Cinema CineBloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **A amante do tenente francês**
de Karel Reisz
(G.B.-1981)

Um sucesso que se prolonga pelo Verão. Com Meryl Streep, enfim a provar a grande atriz que é.

Cinema S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h)
Não acons. men. 13 anos)

● **Célebres e ricos**
de George Cukor
(USA-1981)

Cineasta de mulheres, George Cukor continua a falar delas com amor e ironia. **Célebres e ricos** é o mais recente dos seus filmes.

Cinema Tivoli
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)



Warren Beatty, actor e realizador de **Reds**.

● **A última valsa**
de Martin Scorsese
(USA-1978)

A música dos **sixties** quando os tempos estavam a mudar. O fecho melancólico de uma época: provar que não somos «forever young». Um filme notável de um dos grandes realizadores americanos destes dias.

Cinema City Cine
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **Reds**
de Warren Beatty
(USA-1981)

O mais célebre comunista americano (John Reed), tema de um dos sucessos do ano. **Reds** é um filme desigual mas onde a franqueza é desarmante.

Cinema S. Jorge 1
(13.45, 17.30 e 21.15 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **Os salteadores da arca perdida**
de Steven Spielberg
(USA-1981)

A aventura da memória adolescente, imparável. Um filme que se vê de um jacto.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **Um lobisomem americano em Londres**
de John Landis
(USA-1981)

Uma comédia terrífica ou um filme de terror divertidíssimo? Nem uma coisa nem outra. Um **lobisomem americano em Londres** é apenas um filme que

aposta na deriva dos códigos, na transformação.

Cidade Berna
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

● **Os malditos**
de Luchino Visconti
(Itália-RFA-1969)

A decadência filmada por Visconti que alguns tomaram como Visconti decadente. Uma retórica asfixiante para um olhar de puro horror. A besta nazi sai das entranhas do económico, do social, do psicológico.

Cinema Estúdio
(15.30, 18.30 e 21.30; aos sábados e domingos: 15, 17, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

● **Jerry, enfermeiro sem diploma**

AS ESTRELAS

Silvestre	★★★★★
A amante do tenente francês	★★★★★
Célebres e ricos	★★★★★
A última valsa	★★★★★
Reds	★★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★★
Um lobisomem americano em Londres	★★★★★
Os malditos	★★★★★
Jerry enfermeiro sem diploma	★★★★★
All that jazz	★★★★★
Assalto à 13.ª esquadra	★★★★★
Goldfinger	★★★★★
Morte no Nilo	★★★★★
O senhor dos anéis	★★★★★
Arthur, o alegre conquistador	★★★★★
A Rosa	★★★★★

A «chave»

★★★★★	— Excepcional
★★★★	— Bom
★★★	— Interessante
★★	— Desinteressante
●	— A evitar

de Frank Tashlin
(USA-1964)

Jerry Lewis sob a direcção do seu mestre Frank Tashlin. Um humor sempre subvertor, sempre cinematográfico.

Cinema Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **All that jazz**
de Bob Fosse
(USA-1979)

A vertigem do espectáculo num filme a meio caminho entre o musical e a metafísica. Por vezes exaltante, por vezes apenas pretensioso.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)

(interdito a men. 13 anos)

● **Goldfinger**
de Guy Hamilton
(G.B.-1964)

James Bond em reposição e, pelos vistos, com algum sucesso. **Goldfinger** é, de resto, um dos melhores filmes da série 007.

Cinema 7.ª Arte
(14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24 h)

(não acons. men. 13 anos)



Gene Hackman e Susan Clark em «**Um lance no escuro**», um dos filmes a apresentar na Mostra de Cinema Policial e de Suspense, em curso no Porto.

Cinema policial no Porto

ORGANIZADA pela revista **Cinema Novo**, que o mesmo é dizer, por Mário Dorminsky e Beatriz Pacheco Pereira, está em curso, no Porto, a 1.ª Mostra de Cinema Policial e de Suspense. Com três sessões diárias (15.30, 18 e 21.30 h) no Auditório Nacional de Carlos Alberto, esta mostra apresenta onze filmes de vária tendência e valor, todos em distribuição comercial em Portugal.

Pelo que esta iniciativa revela de dinamização cultural cinematográfica na cidade do Porto, deve ser saudada. Isto independentemente de endereçar iguais saudações à selecção de filmes, onde obras francamente desinteressantes, ombreiam com trabalhos de relevo. Ou seja, boa ideia e menos boa concretização, mas só quem nunca andou pelas lides do cinema é que não sabe os problemas que defronta quem quer que queira organizar algo deste género. Apesar disso, cumpre chamar a atenção dos cinéfilos leitores portuenses para algumas das obras exibidas. Para além do óbvio **Pedro, o louco** que muitos consideram o melhor dos filmes de Godard, para além do conhecidíssimo **Bonnie e Clyde** de Penn e do fascinante **O amigo americano**

de Wim Wenders, gostaria de alertar para um filme pouco visto e mal armado e que, pessoalmente, considero um exemplo acabado da revisão desencantada do filme negro: **Um lance no escuro**. Assina-o Arthur Penn e é importante ver como ele trata códigos e mitos: amargamente. Também amargo, mas com um toque de comédia, é o filme de Robert Benton. **A última investigação**, outra das possíveis revelações, para o público do Porto, que esta Mostra traz.

E passemos ao calendário que falta cumprir:

Dia 2: **O homem que matou o passado** de Stuart Cooper.

Dia 5: **Pedro, o louco** de Jean-Luc Godard.

Dia 6: **O juiz Fayard** de Yves Boisset.

Dia 7: **Um lance no escuro** de Arthur Penn.

Dia 8: **O mistério de Agatha** de Michael Apted.

Dia 9: **Um assassino no telhado** de Bo Widerberg.

Dia 10: **Seis mulheres para um detective** de Robert Moore.

Dia 11: **A última investigação** de Robert Benton.

Dia 12: **Bonnie e Clyde** de Arthur Penn.

Dia 13: **O amigo americano** de Wim Wenders.

SEXTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1982

Sete Ponto Sete **Cinema**

DICCIONÁRIO

de cinema português



Imagem de «O mal amado»

MOTA, JOÃO
— actor

João Manuel da Mota Rodrigues nasceu em Tomar, a 22 de Outubro de 1942.

Ainda criança (1950) começa a trabalhar como actor na Emissora Nacional. Em 1957 é dos primeiros rostos a surgir na recém-criada RTP, ao mesmo tempo que ingressa na Companhia Amélia Rey Colaço-Kabiles Monteiro no Teatro Nacional D. Maria II. Aí se profissionaliza, aí permanece dez anos. Estreia-se com «O lugre» de Bernardo Santareno (enc. Pedro Lemos) e faz inúmeras peças.

Transita depois para o Teatro da Trindade, sob a direcção de Ribeirinho e, em 1968, integrado numa companhia estrelada por Laura Al-

ves, faz uma *tournee* por África. «A flor do cacto» (enc. Santos Carvalho) e «A casa das cabras» (enc. Armando Cortez) são as duas peças em que intervém.

Em 1969 frequenta o curso de actores ministrado por Adolfo Gutkin na Fundação Gulbenkian e, em 1970/71, está em Paris onde frequenta o Centro Internacional de Pesquisa Teatral, sob a direcção de Peter Brook.

Em 1971 é assistente na Escola de Teatro do Conservatório Nacional de Lisboa, iniciando uma carreira de professor que não mais abandonaria. Paralelamente à sua actividade de actor e encenador, é professor da Escola de Teatro até 1974, professor de Expressão Dramática e Improvisação na Escola de Educação pela Arte do Conservatório (desde 1973 até à data), professor de Drama na Escola Francisco Arruda (de 1972 a 1974), organiza (na Casa da Criança da Co-

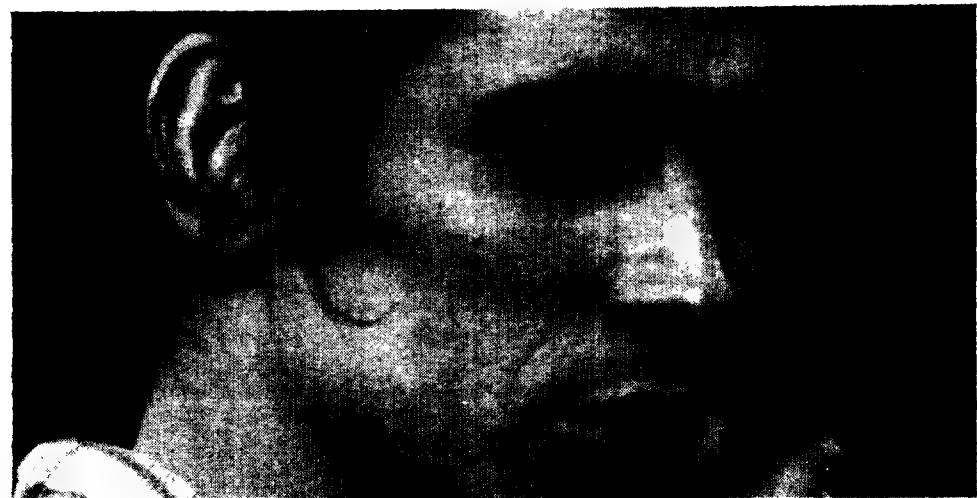
Comuna; 1982 — «A viagem» de Helder Costa; «Não fui eu... foram eles» de Carlos Paulo, Fernando Gomes e Abel Neves.

Fora da Comuna, João Mota ainda assina a encenação de dois espectáculos do grupo Roda Viva: «Hoje começa o circo» de João Loio (1979) e «Contos tradicionais portugueses» (1981).

No cinema, João Mota inicia-se em 1960.

FILMOGRAFIA: *Raça* de Augusto Fraga (1960); *Um dia de vida* de Augusto Fraga (1962); *9 rapazes e 1 cão* de Constantino Esteves (1963); *Fado corrido* de Jorge Brum do Canto (1964); *29 irmãos* de Augusto Fraga (1965); *A promessa* de António de Macedo (1972); *O mal amado* de Fernando Matos Silva (1972); *O ladrão do pão* CM de Noémia Delgado (1979); *Uma cidade como a nossa*, série TV de Luís Filipe Costa (1981).

Nota: No filme *O mal amado*, as cenas do «Auto da alma» de Gil Vicente são rodadas sobre encenação de João Mota.



Em «A promessa», de António Macedo

Encenador teatral decisivo na última década, o actor João Mota não tem no cinema carreira que se assemelhe à do teatro. Começou mal, pela porta comercial e degradada. Foi notado, e bem, nos dois filmes que protagonizou. Em *A promessa* não lhe é imputável qualquer dos deméritos do filme: o pescador toldado pela superstição religiosa que aí representa é rigorosamente escoreito. Em *O mal amado*, o seu trabalho é mesmo pedra angular das várias virtudes do filme. O jovem corrompido pelos poderes que a vida lhe impõe é um personagem traçado com subtilidade e exactidão.

Mas dois filmes assinaláveis e diversas «pontas» são demasiado pouco para este grande actor.

João Mota em *A promessa* de António de Macedo

João Mota, com Zita Duarte e António Beringela em *O mal amado* de Fernando Matos Silva

João Mota, actor de teatro: «Em frente da porta do lado de fora» de W. Borchert.

uma vez, a sua actividade principal pedagógica, as experiências artísticas com crianças, ditadas pela sua própria experiência que dura desde 1978, com o apoio da Fundação Gulbenkian através da sua psicóloga dra. Natália Pais), para além de colaborar em inúmeros cursos ministra dos quer a professores quer a crianças.

Mas, para além desta intensa actividade como professor, 1971 marca ainda uma funda viragem na carreira de João Mota. Abandona o teatro «estabelecido» e está na fundação de Os Bonecreiros, onde encena e interpreta «O circo imaginário de Super Basílio» de Beatrice Tanaka. Em 1972 acontece a cisão nos Bonecreiros de onde nasce a Comuna. Desde então, a carreira teatral de João Mota é a deste grupo. Aí encena e interpreta: 1972 — «Para onde is?», adaptação de textos de Gil Vicente; «Feliciano e as batatas» de Catherine Dasté; 1973 — «Brincadeiras», colectivo; «Vamos para Maljukipi», colectivo; 1974 — «A Ceia», colectivo; «Cegada», colectivo; «A Ceia II», colectivo; 1975 — «Era uma vez», adaptação de «A fábula» de Alfredo Nery Paiva; «Bão de J. Mota»; 1976 — «Fogo», colectivo; «O muro», adaptação de «As aventuras de João Sem Medo» de José Gomes Ferreira; 1977 — «Em Maio», colectivo.

A partir desta peça e até 1980, João Mota não interpretará as peças que encena. São elas: 1977 — «A mãe» de B. Brecht; 1978 — «Homem morto, homem posto» de B. Brecht; 1979 — «Sissurica», colectivo inspirado num poema de Jorge de Sena; «As guerras de alecrim e mangarona» de António José da Silva, o Judeu; 1980 — «O dragão» de Evguéni Schwartz; «As despedidas da Grã-Duquesa» de Bernard da Costa.

Em 1980 regresso ao palco. Desde então encena e interpreta: 1980 — «Em frente da porta do lado de fora» de Wolfgang Borchert; 1981 — «Deixós poisar» de Carlos Paulo, Francisco Pestana, Abel Neves, Gil Vicente e Fernanda Pessoa; «Serena guerrilha» de Abel Neves e



«Em frente da porta do lado de fora», de Wolfgang Borchert

**BELARMINO**

— longametragem
— 35mm/p.b.

Realização: Fernando Lopes. **Colaboração artística:** Baptista-Bastos, Manuel Ruas. **Fotografia:** Augusto Cabrita. **Música:** Manuel Jorge Veloso e um tema de Justiniano Canelhas. **Som:** Heliodoro Pires (**som directo**) e Alexandre Gonçalves (**efeitos sonoros**). **Interpretação:** Belarmino Frago, Albano Martins, Jean-Pierre Gebler, Bernardo Moreira, Maria Teresa Noronha Bastos, Maria Júlia Buizel e a mulher e filha (Maria Amélia e Ana) de Belarmino Frago. **Produção:** António da Cunha Telles. **Distribuição em Portugal:** Doperfilme. **Duração:** 80 minutos. **Rodagem:** 1964. **Estreia:** 18 de Novembro de 1964 («Avis», Lisboa).

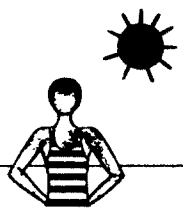
No início dos anos 60, quando o movimento do «cinema novo» português tomava forma e

iniciativa, muitas eram as vias delineadas pela geração de cineastas em ascensão. Apenas um ousou não fazer ficção e abordar cinema-directo: Fernando Lopes com *Belarmino*. E quase vinte anos depois, pode afirmar-se sem receio de desmentido, que *Belarmino* é o mais sólido filme desses anos. O tempo não o amareleceu, ao invés, tornou-o mais inteiro.

Traçando (via entrevista conduzida pelo jornalista Baptista-Bastos) o perfil do pugilista Belarmino Frago, é de Lisboa — cidade e da respiração acossada do país que este filme fala.

Imagens secas, palavras rudes, ao diabo a verdade-mentira desse homem sozinho. A ambiência empapada e cinzenta dos lisboetas anos 60 está lá, engravatada e dispersa, anónima num destino emigrante «p'ra levar porrada». Grades e música de jazz, em estilhaços gritados. Nem sonhos, nem ilusões, cansaço. E uma montagem que quer levantar voo e a realidade que não deixa.

Nem condoído nem exaltante: *Belarmino* é apenas um murro no estômago.



SE
não sabe nadar
entre na água
apenas até à cintura

Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.

**2 RODAS**

2 vezes
mais atenção!



Purgatórios



Renascença da Arménia

Na semana passada levantámos o véu que enconbria um facto pouco conhecido no nosso país: o genocídio dos arménios perpetrado pelo governo turco de 1915.

Hoje vamos ver onde estão os sobreviventes desse massacre e como se coloca, agora, a questão arménia.

A PÓS uma independência de dois anos (1918-1920) sob um governo de maioria Dashnak-FRA (Federação Revolucionária Arménia), de tendência socialista, antibolchevique e nacionalista, a Arménia, enfraquecida e sem apoios, é soviétizada (em Novembro de 1920). Os sobreviventes dos massacres fugiram ora para a Arménia russa, ora para outras terras de asilo no Oriente e no Ocidente, constituindo assim uma **Diáspora**. O conjunto dos arménios, em 1980, estava avaliado em cerca de seis milhões de pessoas, repartidas como segue:

URSS

R.S.S. da Arménia, 3 000 000 em 1979 (93 por cento de arménios); Geórgia e Azerbeidjão, 1 000 000; no resto da URSS, principalmente na R.F.S.S. da Rússia, 400 000.

Ocidente

Europa, 275 000, 220 000 dos quais em França; Américas, 600 000 dos quais 500 000 nos EUA e no Canadá.

Oriente

Líbano, 200 000; Síria, 100 000; Irão, 200 000; Turquia, 50 000. Não mencionamos senão os países onde a comunidade arménia é significativa. Os números relativos ao Irão e ao Líbano têm vindo e virão a sofrer alterações devido aos acontecimentos recentes ou actuais que aí se desenrolam. No total, a diáspora arménia atinge milhão e meio de pessoas.

A Arménia soviética

A Arménia sofreu novas e grandes perdas durante as purgas do tempo de Estaline, mas é, actualmente, uma República em plena expansão. São aí preservadas a língua, a cultura e a religião. Desde 1920, consideráveis progressos foram ali realizados, a todos os níveis: a nível **cultural**, encontra-se ali instalado um importante instituto de astronomia, um Instituto de Investigação de manuscritos antigos (Maténadaran), uma Universidade, agrupamentos de escritores e de cientistas, etc. Uma grande importância é atribuída à restauração dos monumentos antigos. A nível **nacional**, um imenso monumento foi erguido à memória das vítimas do genocídio de 1915. A nível **religioso**, a Arménia soviética conhece qualquer problema. A sede da Igreja é em Echmiadzine, residência do Catholicos (chefe da Igreja Arménia, Cristã, Ortodoxa, Autocefala). Globalmente falando, a

experiência da Arménia soviética é positiva.

Encontram-se ali, evidentemente, problemas característicos de todas as Repúblicas soviéticas, especialmente a repressão de toda e qualquer luta de tendência nacionalista. Citemos a título de exemplo o «caso do metro de Moscovo» — por causa do qual Sartre e Glucksmann se manifestaram em Paris — na sequência do qual três nacionalistas arménios foram executados em 1978, depois de julgamento à porta fechada. Motivo: terrorismo. Provas: nenhuma. Citemos igualmente os desaparecimentos crónicos do cineasta dissidente Paradjanov.

A diáspora

Depois do genocídio, os sobreviventes foram-se instalando em diferentes países de asilo. Desclassificados socialmente, desterritorializados, muitos deles órfãos em todos os sentidos da palavra. Esta primeira geração de exilados trabalhou tenazmente, transportando o seu trauma e silenciando as suas recordações atrozes. Refugiados, foram-se integrando pouco a pouco na vida das suas novas pátrias, que por vezes lhes ofereceram grandes possibilidades. A França, por exemplo, acolheu um importante número de arménios por razões filantrópicas. Jaurès, Clemenceau e outros defenderam ardentemente a causa arménia. Mas a França acolheu-os também por razões económicas — o país carecia seriamente de mão-de-obra no termo da Primeira Guerra Mundial. Por seu turno, os arménios sentiam-se afectiva e culturalmente ligados à França desde o tempo das Cruzadas...

No fim da Segunda Guerra Mundial, o arménio está geralmente integrado no país onde vive. Porém não esquece a sua cultura, nem a sua língua, nem as suas tradições. Um pouco por toda a parte erguem-se igrejas, escolas, centros culturais que

permitem manter os valores ancestrais.

Paralelamente ao seu desenvolvimento socioeconómico em diáspora, os arménios da segunda e terceira gerações começam a recusar o silêncio doloroso de seus pais e avós. Partidos políticos começam a desempenhar, neste domínio, um papel importante. Manifestações reunindo arménios de todo o mundo foram organizadas no 50.º e 60.º aniversários do genocídio de 1915.

Num primeiro tempo, três **grandes partidos** dividem a diáspora: O Dashnak-FRA, social-nacionalista, antibolchevique, que luta por uma Arménia independente; o Hintchak, pró-soviético; e o Ramgavar-Azadagan, liberal.

Porém, estes partidos tradicionais deixaram de conseguir ganhar o interesse da juventude, e novos agrupamentos surgiram, com o objectivo de levar as instâncias internacionais a reconhecerem a existência do genocídio.

O CDCA (Comité de Defesa da Causa Arménia), constituído há uma dezena de anos, propôs-se divulgar a questão arménia e lutar no quadro legal e democrático.

Dado o fracasso das vias legais (supressão definitiva, em 1979, do parágrafo 30 de um documento apresentado pela Comissão dos Direitos do Homem da ONU que menciona o genocídio arménio), alguns grupos preferiram utilizar os meios do terrorismo. Eles praticam a violência como meio de informação. O seu objectivo é o de recuperar parte dos territórios da Arménia. Para eles, um diplomata turco representa o governo turco e a sua política de negação do genocídio. Por isso, os diplomatas turcos são, para eles, o alvo ideal da luta armada arménia.

Dois grupos terroristas, sobretudo, se destacam nesta luta: O ASALA (Exército Secreto de Libertação da Arménia), da tendência marxista; os seus membros autodesignam-se por «fedayi», em memória dos grupos de autodefesa que lutavam nas aldeias arménias em 1915.

E o «Justiceiros do Genocídio Arménio», grupúsculo composto em geral por jovens desiludidos pelo partido Dashnak; eles lutam por uma Arménia «livre e independente».

Os actos terroristas não são, sem dúvida, uma política válida a longo prazo. Mas, e a denegação encarniçada do genocídio apoiada no jogo dos interesses económicos de certas potências? Pode, ela, por seu turno, ser admitida como «válida a longo prazo»?

Inês da Costa Ferreira

Infernos

Crónica de Beirute

Um Estado em decomposição

Lucien George e Dominique Pouchin, enviados especiais do «Le Monde» a Beirute, enviaram da capital libanesa uma crónica dilacerante sobre a decomposição do Estado ocupado, sobre a incapacidade do Comité de Salvação Nacional em sobreviver ao caos e às contradições provocadas pelo invasor israelita. Esta crónica, um dos inúmeros documentos que testemunham a brutalidade da questão palestina e das suas consequências no Líbano, publicamo-la como expressão do conflito que opõe o eixo Washington-Jerusalém a um mundo árabe dividido e aparentemente incapaz de fazer recuar um invasor exultante e arrogante.

ELE sorria, ao mesmo tempo esgotado e aliviado, ainda sem acreditar que a história, num derradeiro lance de dados, tinha acabado por esconjurarmos uma praga já tida por inevitável: «Haig is out. Demitiu-se.» Walid Jumblatt voltou a pôr o seu «colt» à cinta e abandonou o salão do Cavalier, o hotel druzo de Beirute, seguido pelos homens da sua escolta.

Na noite negra, o canhão calou-se. A rádio anunciava um cessar-fogo «total e definitivo». A poucos segundos da meia-noite, nesta sexta-feira 25 de Junho, Beirute parecia ter sido perdoada... E o perdão parecia decretado em Washington, assinado em Jerusalém e transmitido, no coração da cidade invadida, ao «homem dos saudistas», Saeb Salam, o velho líder do Líbano sunita.

Imiteis os desvios explicativos: Beirute é um mero campo de batalha. As guerras que a destroem são decididas algures. E as pazes também. Hamra, no meio dos seus destroços e os seus montes de lixo, não tenta compreender. A guerra entregou-a, deserta e muda, nas mãos dos milicianos. A paz entrega-a aos traficantes. De um minuto para o outro, por simples hábito.

Desta vez, porém, os dados pareciam lançados: ao longo de todo o dia, tinha-se criado espaço para o último «round», fatal e necessário, de uma batalha excessivamente desigual. E a cidade, nervos à flor da pele, esgotada pela espera, parecia aspirar pelo desenlace.

Na sexta-feira de madrugada, o céu, no horizonte das colinas, ainda está avermelhado pelo inferno que se abateu, durante a noite inteira, sobre as últimas forças sírias, entre Aley e Bhamdun.

A batalha durou três dias e três noites. Os israelitas não pararam de bombardear um só instante. Os sírios, vencidos, fogem agora desordenadamente para leste. Mas, mal a retaguarda está «limpa», os «Phantom» voltam-se para Beirute, que vai conhecer um dia de fogo sem interrupção.

Nos bairros do sul, já laborados por vinte dias de destruições até Basta, que é o populoso bairro do centro, bombas e obuses farão dezenas de mortos e feridos.

Durante toda a manhã, o massacre intensifica-se e, às 13 horas, Rádio Líbano anuncia que «começou a batalha de Beirute».

Nesse momento, no gabinete do ministro do Turismo invadido por uma centena de jornalistas, Walid Jumblatt, grave e solene, explica que «tudo está consumado» e que, pessoalmente, renuncia a caucionar

uma «conjura urdida em Washington». Ele sai, portanto, e batendo com a porta, de um Comité de Salvação Nacional que, assegura, «não passa de uma empresa funerária encarregada de enterrar os povos libaneses e palestinos».

A partir desse momento, num canto do escritório, e no meio de uma agitação febril, enquanto vão e vêm os líderes do Movimento Nacional (progressista), o chefe druzo resvala para as confidências amargas. Ele deixou o exército israelita penetrar no seu feudo de Chuf sem um tiro, quer agora assumir todas as responsabilidades por essa decisão.

«Pelo meu lado, fiz o que era possível. Mas não havia mais nada a fazer. Ficarei em Beirute para partilhar o destino dos seus habitantes. Este não é o momento próprio para fazer o processo dos palestinos, mas em contrapartida a História julgará em breve a cobardia dos regimes árabes. Uma OLP morreu, mas outra vai nascer, mais extre-

mista, mais terrorista. Uma onda de choque terrível vai abater-se sobre o mundo árabe. Nenhum reizinho, nenhum presidente está protegido contra ela».

Jumblatt acusa cruamente — já passou a hora das «nuances» — o presidente Elias Sarkis «e os seus acólitos» (o primeiro-ministro Chafic Wazzan e o ministro dos Negócios Estrangeiros Fuad Butros) de serem «cúmplices deste 'complot' infame».

«Deixo-os entregues ao seu trabalho sujo» — diz ele antes de prever uma «destruição lenta e selectiva de Beirute». De repente, no limiar da porta, tudo se precipita outra vez. Um emissário sem fôlego vem informar que Wazzan apresentou a sua demissão ao chefe do Estado, argumentando que «não pode continuar a trabalhar sob a ameaça». «Até que enfim, algo de positivo!», exclama o líder do Movimento Nacional.

Depois de algumas horas cruciais, o Líbano acaba de explodir de novo. O Estado acaba de se decompor e, lá fora, a cidade transpira de angústia. Israel ganhou a sua aposta: massacrando sistematicamente Beirute oeste, recusando toda e qualquer solução honrosa para os «fedayin», força o Islão libanês a solidarizar-se com os palestinos, apesar deste Islão libanês também desejar a partida da OLP. A chegada triunfal das tropas israelitas às imediações do palácio presidencial de Baabda já tinha, há dez dias, acabado de desacreditar um Estado moribundo. Ao mesmo tempo, as paradas militares no sector cristão marcavam para sempre os falangistas com o selo da «colaboração». A batalha do Oeste soldava à força o campo muçulmano; a União Nacional e a sua Salvação Pública não chegaram a durar uma semana. Israel mergulhava o Líbano nas suas antigas divisões e lenti-dões.

Num escritório vizinho, uma mão-cheia de militantes ouvem



Jovem palestiano em Beirute, na escola de música da Universidade Árabe

Michel Serres

“Genesis” ou o elogio da turbulência

A mão estendida de Miguel Ângelo na capa, o pé da «Belle Noiseuse» na origem do delírio, fragmentos de corpos, necessários à elaboração ou à urdidura deste livro Genesis (1), e do seu objectivo o múltiplo.

GÉNESIS, não apenas no sentido do grande começo ou da origem do mundo, mas Génesis como parto, como gravidez, como aborto, como infinitas possibilidades. Génesis, um pouco como esse dia que, da miscelânea das vagas e dos órgãos sexuais de Urano, viu nascer Afrodite.

Foi nestas mesmas vagas, junto à passagem de Nordeste, entre os «icebergs», que nos foi dado ouvir e escutar a «Noise».

«Noise» significava no francês arcaico o barulho e a fúria, o tumulto e a raiva. Deste ensurdecimento, o inglês conservou «noise». Desta raiva e desta fúria, o francês moderno apenas quer traduzir por «noise», a que-
rela.

«Génesis», de Michel Serres, toma como pretexto a «Belle Noiseuse», isto é, a «Obra-prima desconhecida» de Balzac (2). Eis a sua história em poucas palavras:

Estamos no século XVII. Poussin, ainda jovem pintor, dirige-se a Paris para visitar Porbus (pintor flamengo). No atelier de Porbus, Poussin conhece Fernhofer (pintor fictício), velho demónio (no sentido socrático), super-homem, que só fala da sua obra-prima oculta, «la Belle Noiseuse». Assim, um dia, desejando comparar a «Belle Noiseuse» a uma beleza de carne e osso, Fernhofer estabelece um pacto: Poussin cederá Gillette, a sua amante, para que ele próprio e Porbus possam aceder à visão da «Belle Noiseuse». Esta revela-se um amontoado de camadas de tinta apenas aparecendo, de um determinado ângulo, um soberbo e perfeito pé. Gillette, nua e abandonada, chora, por entre o desinteresse geral; nessa mesma noite, Fernhofer suicida-se com a sua «Belle Noiseuse», violada e devassada.

Estamos no século XX. Deste pé e desta mão, retenhamos que apenas o fragmentário é possível, e que a busca do Uno e do global, está já perdida para sempre. Aventuramo-nos na multiplicidade, sob as camadas de pintura e as vagas do mar. Com Serre e Fernhofer, assistimos à elaboração, à construção em camadas, em texto, do caos. No decorrer deste périplo, falar-se-á do barulho, da fúria, da multidão e do mar. Descobriremos também o questionar das ciências, da dança e do corpo. Tratar-se-á de um livro de filosofia, de um livro de metafísica, que todavia se recusa a utilizar a linguagem técnica. Tratar-se-á de um livro múltiplo, um regresso ao eterno, à «poiésis» do pré-socratismo, um livro dos trabalhos e dos dias, um livro de filosofia, na encruzilhada do nietzshismo.

Do múltiplo, não sabemos quase nada; qualquer informação que lhe diga respeito, encontra-se à primeira vista fragmentada; assim, é «o comum das situações... o nosso objecto comum» (pág. 20). É necessário que acabemos com o medo do múltiplo, e de preferência regozijarmo-nos com todas as possibilidades que nos oferece, com tudo o que nos será dado reencontrar e viver. Abandonar o arquipélago da Ordem, com o objectivo de navegar no

múltiplo, à descoberta dos «universos-ilhas» (pág. 181) das Ilhas Afortunadas de Zaratustra.

Existe o mar e os núcleos sólidos, que são as ilhas. Deste novo espaço, desta ausência de bloco, decorre uma outra temporalidade. Já não a linha recta do Tempo, mas o tempo como uma carta geográfica com as fossas, as passagens, os meandros, as repetições, os recantos malféficos, e as grandes planícies; a floresta de Macbeth em movimento, multiplicidade, multidão na «Noise», querela encenada. A «Noise» nas camadas de cores da «Belle Noiseuse»; que nos seja permitido recordar um pormenor do Zaratustra, o do diabo sarapintado que ao derrubar o dançarino, provoca o conflito: «O lugar e a multidão assemelhavam-se ao mar quando a tempestade se ergue» (3).

Navegamos, como Ulisses, encontrando a todo o momento o silêncio do mar ou o seu formidável som profundo. Assim é a turbulência. Ela é este mundo, isto é, simultaneamente ordem e desordem. Nem a desordem pura, nem o global, tal como nos foi mostrado por Lucrécia e Kant (teoria do Céu). O estado turbulento é um intermediário que «mistura ou associa o uno e o múltiplo, a reunião sistemática e a distribuição» (pág. 177).

Como Ulisses, cumpriremos o nosso caminho errante e ser-nos-á necessário escolher em cada encruzilhada entre Caribde e Cila. Em cada encruzilhada, o duro combate entre Afrodite e Atena. Afrodite conflituosa, sedutora e terrível, no seu império oceânico; Atena protegendo Ulisses, ajudando-o a tecer o seu percurso, a fiar a sua Odisseia. Atena, deusa protectora dos tecelões e fiandeiras. Era necessário que Ulisses se juntasse em qualquer lugar a Penélope.

Regressando à «Belle Noiseuse», não abandonaremos, por esse motivo, Ulisses. Não há cortes, há fluências. Em suma, trata-se de dar lugar, de dar o passo. É o que faz o pé da «Belle Noiseuse», e também Ulisses, pois «ele é sempre afastado dos lugares e cede o passo» (pág. 131). Somos todos Ulisses-Ninguém, cedendo o passo no seio de um êxodo interminável.

Nesta encruzilhada, Ulisses e o pé formam corpo com a dança. Nesta encruzilhada, por um lado, a fúria e o tumulto e o barulho, ou do outro, a grande superfície lisa, a música e a dança, «a dança é um passo que cede o lugar» (pág. 132). Nietzsche, ausente do texto de Serres, tece um fio da trama que este urde. Como não nos recor-

darmos do filósofo do múltiplo e da sua lição de dança: «Dance-mos, pois, de mil maneira, e que a nossa arte seja dita livre, alegre o nosso saber» (4). O corpo do dançarino (o branco corpo de Gillette), como o rio Albula, corre, polissémico («O que é que os gregos admiravam em Ulisses?... o poder de ser o que se quer» (5). Desde logo, desobrigar-nos-emos em cada encruzilhada, das duas origens: «as multiplicidades complexas e caóticas» e «as grandes multiplicidades brancas. A planície rasa e o ruído do mar cinzento» (pág. 68).

A dança imiscui-se nas ramificações lucrecianas, marítimas e múltiplas, no que ela manifesta de fracasso de densidade, e desvenda da existência de fluido. Apoiamo-nos sobre o sólido, afastando o fluido que nos aterroriza: «Tínhamos medo dos gases e dos líquidos, não compreendíamos nada de Lucrécia, e o nosso saber não era feito para as grandes multiplicidades» (pág. 175). Este mesmo espírito de gravidade que Nietzsche comparava ao diabo (Zaratustra), encontramos na metafísica, nas ciências e na política. Quisemos o Uno, a ordem, as classificações, as classes; escutámos Dumézil e aceitámos as suas três classes como fundamentos da cultura indoeuropeia: Marte (os guerreiros), Júpiter (os sacerdotes), Quirino (os cultivadores). Cada classe indica pela sua própria presença a existência da fúria e da querela que não quer reconhecer e que se empenha em eliminar. Nisso, Serres está com Girard: «a divisão em classes é feita sob pressão de um perigo maior e este perigo chama-se furor» (pág. 143). A gravidade que a economia reivindica hoje, vacila perigosamente, e

afigura-se-nos que o seu discurso não vale mais do que os discursos teológico e patriótico. A economia, no fim de contas, não é mais do que uma «solução paralela». O conceito de classe funciona, por seu turno, como princípio de tranquilidade e de segurança. Estamos sempre defendidos por uma classe, e a Odisseia manifesta-se arriscada a quem tente o exílio, como ser de excepção. Nietzsche não se enganava quando apontava como ponto de partida e de chegada da vontade de verdade, o princípio da moral (6).

De resto, Serres afirma-nos que não soubemos ouvir a lição platónica até ao fim. Este «pas de deux» do método platónico não é outra coisa que uma dialéctica da turbulência. Esquecemos que o filósofo se quer Demiurgo, e que se a ciência se satisfaz com a delimitação do outro a fim de ocupar o mesmo, cabe ao filósofo tomar por objecto o outro e o mesmo, tal como Platão fez «do pensável e do impensável uma terceira substância difícil de pensar» (pág. 183). Confiámos durante demasiado tempo na estrutura e no poder deste conceito que Serres define como «uma multiplicidade ordenada de multiplicidades ordenadas», fazendo-nos enfrentar agora o «fundo desta forma: uma multiplicidade caótica de multiplicidades ordenadas ou unitárias e de multiplicidades caóticas» (pág. 187).

Tantas coisas a aprender e a descobrir, de múltiplos modos, em Platão: não apenas esta terceira necessidade e este pensamento limite, mas também o «diálogo». Limitámo-nos ao visível e repudiámos a orelha e o ruído. Serres aponta-nos o ouvido como modelo de conhecimento. Reservámos sempre o espaço para a cor, mas teremos

agora de ouvir o espaço, o seu ruído e fúria: «Não há espaço sem ruído, nem ruído sem espaço» (pág. 105). Teria sido necessário compreender a mensagem dos filósofos; era suposto ouvirmos Sócrates, «o conhecimento é subtracção do ruído recebido do ruído que o sujeito faz» (p. g. 106); Heidegger mostrou-nos, de resto, que a tagarelice do Se nos afastava da pesquisa do ser, da sua audição; que dizer ainda do grito magistral e questionador que um Nietzsche pôde lançar: «Será necessário que eu lhes fure os tímpanos para que eles aprendam a compreender com os seus próprios olhos?» (7).

A toupeira cega cria nos seus túneis uma infinidade de espaços. Ao espaço colorido, Serres prefere o espaço ruído, porque o «ruído não tem contraditório» (pág. 107). Do mesmo modo que acabámos com o Uno e a estrutura, teremos que acabar com a lógica do terceiro excluído. Serres abre a via da distribuição. Escavar e minar nos túneis subterrâneos, os duros pilares da unicidade. Estar à escuta de Kant quando enche o seu céu de ruído e de fúria, quando «procura reconciliar Demócrito e Newton, o saber do caos e a ordem do diamante» (pág. 219). Na origem, o corpo branco da pomba de Afrodite e os túneis da toupeira.

No termo da Odisseia, «Génesis» deixa-nos na encruzilhada. De bifurcação em bifurcação, percorremos com num sonho ou numa lenda, este livro de filosofia. No fim de contas, produziu-se algo que parece relevar do «Efeito Hermes»: «a causa passa, o efeito permanece» (pág. 100).

Chaké Matossian



(1) Michel Serres, «Génesis», Paris, Grasset, 1982.

(2) Balzac, H., «Le Chef-d'oeuvre inconnu», Garnier Flammarion, 1981.

(3) Nietzsche, «Assim Falava Zaratustra», Paris, Aubier — Flammarion, 1969, pág. 71.

(4) Nietzsche, «A Gaia Ciência», Paris, Gallimard (Idées), pág. 378

cf. também G. Deleuze, «Nietzsche e a filosofia», Paris, PUF, 1962, pág. 222: «Referenciados a Zaratustra, o rir, o jogo e a dança são as

potências afirmativas de transmuta-

ção: a dança transmuta o pesado em leve...

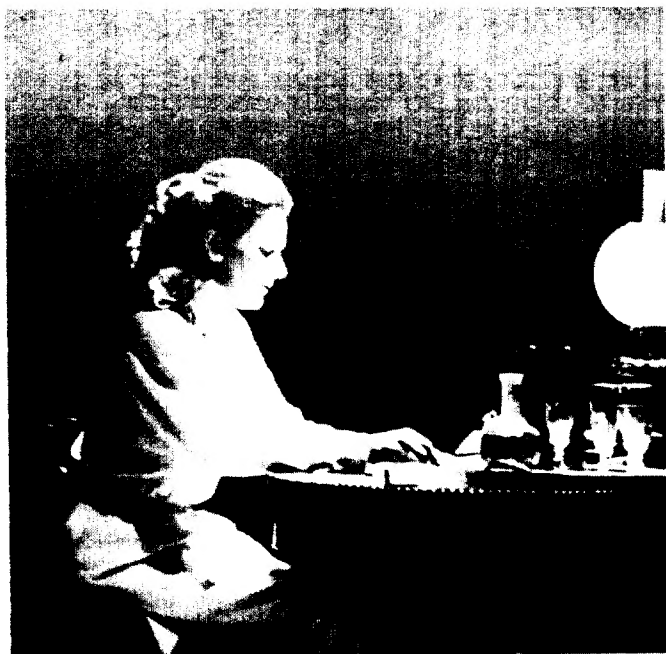
(5) Nietzsche, «Aurora», Paris, Gallimard (Idées), pág. 263.

(6) Nietzsche, «A Gaia Ciência», pág. 288.

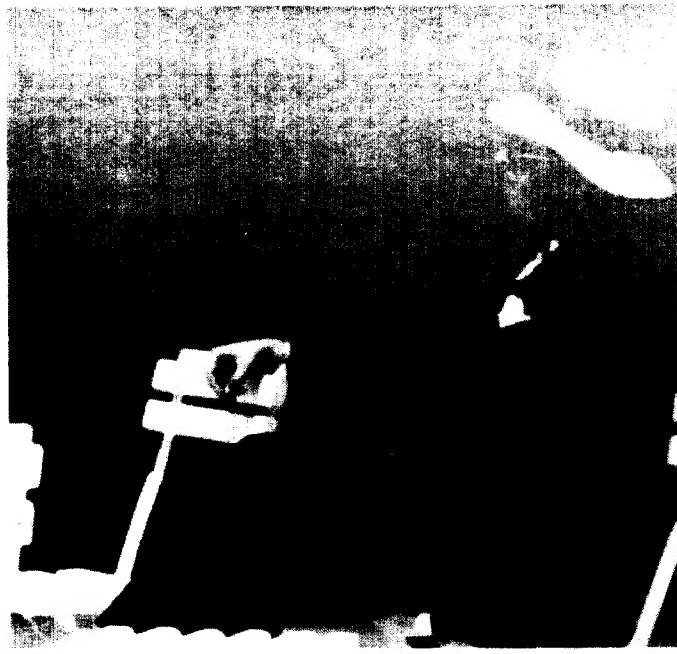
(7) Nietzsche, «Zaratustra», pág. 65.

Lucien George
Dominique Pouchin
Exclusivo «Le Monde»...
/ «Diário de Lisboa»





António Branco, José Mário Branco, Manuela de Freitas e Carlos Medeiros



José Mário Branco sobre o Teatro do Mundo

Por favor, quando calha ou alugado

Zé Mário Branco debruçado na mesa dentro de blusa azul, risquinha avelhentada. Trabalhador no fim de um dia duro, o desconforto, cabelo sujo e transparência, esse olhar fundo a respirar a cada nova frase: dizer é desgastante. Assim o encontramos, elemento do Teatro do Mundo, companhia que a partir desta noite representa «A Gaivota», peça de Anton Tchekov, no Teatro da Graça.

«O Teatro do Mundo chegou a «A Gaivota», de Tchekov, por um processo longo e complicado, (diz-nos José Mário Branco). No fim do ano passado foi-nos retirado o palco da Estufa Fria onde representávamos «O Teramoto do Chile». Deparamo-nos assim com a completa impossibilidade da sua reposição por não encontrarmos outro local da cidade passível de adaptação ou com as dimensões necessárias ou cujas condições financeiras propostas estivessem ao nosso alcance. Tudo isto apesar do espectáculo ter merecido vários prémios da crítica.

Começámos de imediato a «atacar» novo trabalho. O António Branco apareceu com a ideia de uma criação colectiva a partir duma lenda citada por Dickens num dos seus livros. Iniciámos o projecto assente nesse escrito cujo tema genérico se poderia resumir como «o teatro e o problema da relação entre o criador do texto literário e o actor e o seu corpo». Isto desenvolveu uma série de revelações do estado das pessoas uma vez que funcionamos numa forma muito orgânica. De cada vez que nasce um espectáculo temos aquilo a que se chama um índice, sabemos o que o grupo sente, o que tem e pode dizer: uma espécie de crise que levanta problemas. Desta feita alguns que não conseguíamos debelar, algo nos ultrapassava. As coisas complicavam-se. Um dia, no fim de uma improvisação, olhámos uns para os outros e alguém disse: mas o que está a passar-se aqui é exactamente a problemática da Gaivota, ou seja, a grande dificuldade de todo aquele que tem um sonho de criação inovador, daquele que quer vencer a barreira que parece intransponível do que está preestabelecido cultural e artisticamente — coisas espartilhadas numa determinada sociedade e numa determinada época.

Portanto «a nossa chegada a esta peça foi uma evidência colocada ao grupo a partir de certa fase do seu processo. Lemos então o texto, confirmámos a

ideia e pusemo-nos o problema: como é que vamos trabalhar um clássico?».

Interrogação primeira de um grupo cujo discurso foi consignado a mecanismos de imaginação, liberdade, análise, ajuste, sincretismo e vivências. É que o trabalho de um artista é um processo consciente e apaixonado, purificante e máximo, no fim do qual resulta a obra de arte como realidade dominada.

«Foi natural termos pensado no Rogério de Carvalho para a encenação desta peça e isto por várias razões: primeiro porque ele é um companheiro de estrada de há muitos anos de alguns dos principais elementos do Teatro do Mundo, sobretudo da Manuela de Freitas, pois o Rogério era amigo da Comuna desde os primórdios deste grupo. Houve sempre uma ligação recíproca (seja no aspecto estético, seja no aspecto ético) entre as suas ideias praticadas e aquilo que queremos defender. Uma espécie de junção entre as suas preocupações e as que queríamos exprimir. Outro factor foi termos visto muito recentemente «O Tio Vânia», montado pelo «Teatro na Caixa» sob a sua direcção e ficarmos enamorados por esse espectáculo. Propusemos-lhe então este trabalho, quase à queima-roupa: queríamos que viesse para junto de nós como encenador convidado, com toda a liberdade de concepção, atinal o que fizemos

com o Gutkin, o Listopad, o Michel Mathieu...»

Mas o Teatro do Mundo funcionou como elemento passivo, executante apenas?

«Começámos a organizar o encontro entre as três possíveis leituras do texto ou sejam: a do original do Tchekov, a do Teatro do Mundo naquilo em que a temática da peça se ajustava ou não ao nosso «estado de alma» e ainda a inventiva do Rogério, homem que tem trabalhado este autor, que está por dentro da sua estranhíssima atmosfera, tanto mais que encenou igualmente «As Três Irmãs», com invulgar sucesso.»

Um fio condutor: o investimento pessoal

«A Gaivota», é sabido, constituiu um verdadeiro desastre na sua primeira apresentação em 1899, em S. Petersburgo, e anos mais tarde tornou-se o emblema do Teatro de Arte de Moscovo, a que ficou ligado o nome de sua mulher a actriz Olga Kníper, e o de Stanislavsky. Constituiu o primeiro grande drama em que Tchekov rompe com a construção dramática tradicional substituindo a preocupação do enredo pela caracterização da atmosfera cénica. Uma espécie de ruptura, ou abrir de caminho, que parece ter-se alargado à vossa companhia.

O Teatro do Mundo não se preocupa com a diversidade que possa transparecer do seu repertório. As suas sucessivas experiências são muito diferentes umas das outras, é um facto. Mas é óbvio que seja diferente fazer um espectáculo com o Rogério, ou com o Gutkin ou com o Mathieu...

Claro que a lógica dos encenadores convidados é a lógica do resultado final. Mas há um fio condutor que é o tipo de envolvimento que o grupo produz nos espectáculos, tanto ao nível da sua temática, como ao do modo de trabalhar, isto é, o que se exige dos elementos. Ou seja, um voltarmos para um teatro de investimento pessoal muito profundo. Isto é um episódio na evolução do grupo embora o consideremos de grande importância. Julgamos ser um

avanço no caminho percorrido. Depois de várias criações colectivas viemos agora ao encontro do aprofundamento de valores num texto de grande nível em que esses mesmos valores estavam já profundamente tratados.

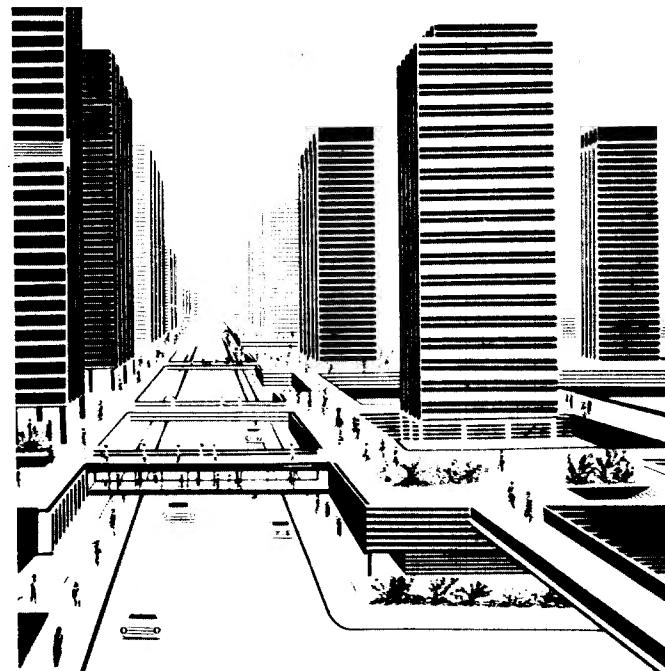
A experiência e o compromisso

A Gaivota, de Tchekov, inclui, segundo Brustein, uma reflexão sobre a função do artista. Na figura de TREPLEV, um dramaturgo simbolista, este autor pode estar a satirizar o experimentalismo de vanguarda maeterlinckiana que «descreve a vida não como ela é, ou deveria ser, mas como a vemos em sonhos». Peça em que o conflito central de despojamento é simbolizado por uma imagem dominante que representa o que está a ser vilado, roubado ou destruído.

«Estamos a trabalhar um texto já escrito, comprovado, feito e refeito por muita gente, um clássico, como costuma dizer-se. Por isso mesmo é exigido um tipo de trabalho profissional, entre outras, muito mais agudo no que respeita à criação dos personagens, das situações, dos relacionamentos, ao longo da peça. Nisso é diferente do que fizemos até aqui, mas julgamo-lo mais um contributo conducente à definição vocacional do grupo.

O esforço relativamente novo a que a maior parte dos actores foram sujeitos (esforço de combate com um texto já existente) foi totalmente diverso daquele que lhes foi exigido nas criações colectivas. Uma experiência de dureza prepara os actores e fortalece a capacidade do grupo para enfrentar situações de dificuldade e renovação. Fazemos tentativas sucessivas sob o lema do compromisso em cada uma delas. De resto o mais significativo foi o encontro oportuno entre um determinado texto que existia, um determinado encenador confrontado com a personalidade dum dramaturgo como Tchekov e um determinado estado em que o Teatro do Mundo se encontrava, ou encontra, para ter de dizer estas coisas.»

EXPO
LISBOA
DESAFIO
AO
FUTURO



PARQUE EDUARDO VII

De segunda a sexta-feira, da 17.30 às 22 horas
Sábados e domingos, das 15 às 22 horas

«No próximo dia 6, das 18 às 20 horas o Presidente da Câmara e os vareadores responsáveis pelas áreas da cultura, turismo e desporto, estarão presentes no Pavilhão da Exposição, para responder às perguntas dos munícipes sobre a política da Câmara no âmbito daquelas áreas».

SEXTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1982

Sete Ponto Sete

Televisão

Coisa esquisita esta «mania»

Um grupo que se traduz a si mesmo, que remove conflitos, reservado de razões que de-cantam sofrimentos?

«Há um factor que se mistura com tudo isto. O Teatro do Mundo é um agrupamento em permanente estado de sobrevivência. Nasceu, como é sabido, em condições adversas da cisão de um grupo que deixou um certo número de profissionais sem quaisquer possibilidades de trabalho imediato, sem identidade cultural, para além de uma ou duas cabeças que serão individualmente conhecidas. Desde há três anos e meio que não temos condições materiais para apresentar o nosso trabalho e gostaríamos de estar todos os dias em cena a mostrar o que sabemos fazer. Corremos já trezentas vezes, para tentar resolver o problema da obtenção, cedência, ou o que seja, dum espaço de criação que seja nosso, uma sede, um local de produção. O caso está por resolver. Eu disse trezentos e não foi por acaso. Temos uma lista de trezentas e tal individualidades e instituições que, de há três anos a esta parte, vimos contactando sem resultado positivo. Temos estado aqui e ali uns dias, a fazer espectáculos quando calha, quando nos deixam, por empréstimo, por favor, como foi o caso do Teatro Nacional. Isto cria uma grande insegurança nas pessoas, certa fragilidade, apenas contrabalançada por uma coisa esquisita que é esta mania que a gente ganhou de continuar a querer mostrar o estado em que estamos e aquilo que de universal aí possa haver.»

A teimosia na evidência

Censurado pela demasiada linearidade dos seus personagens e por não criar heróis positivos e revolucionários, Tchekov interroga: e onde quereis que os encontrem? Seria o primeiro a sentir-me feliz... A nossa vida é provinciana, as aldeias são pobres, as pessoas andam consumidas. Não, não somos heróis.

«A não desagregação do grupo deve-se, por um lado, ao facto de, apesar de tudo, irem aparecendo pessoas que reconhecem minimamente algum valor no trabalho que vamos apresentando. Por outro lado seria mentira afirmar que muitas vezes não nos apetece desistir. Isto é realmente cansativo. Gastamos noventa por cento das nossas energias em tarefas impensáveis para quem está de fora. Ciclicamente um ou outro de nós, aparece com vontade de acabar. Só que somos vários e há sempre alguém a servir de locomotiva a dizer que é preciso continuar. O grupo funciona numa forma bastante unida, com implicações profundas de trabalho e a vontade de desistência de um, acaba sempre por ser compensada por impulsos que chegam dos outros. Esta teimosia na evidência terá que acabar por dar algum resultado. O suicídio não, isso com toda a certeza, e uma das razões pela qual não o cometeremos é por nos lembrarmos de que alguém disse que não se suicidava apenas por pensar no prazer que tal gesto daria aos seus inimigos.

A representação representada

Claro que a despeito de meios sociais diferenciados existe alguma coisa no teatro que pode expressar uma verdade permanente, algo que exerce o seu fascínio e estimula a avidez da inteligência. A que verdade se refere a vocês?

«Essa palavra tem a ver com uma maneira de encarar o teatro. De certo modo eu sou um elemento um pouco à parte no Teatro do Mundo uma vez que tenho uma vida paralela, como músico. O que aprendi, primeiro na Comuna e depois no Teatro do Mundo, referencia-se àquilo que alguns actores portugueses terão há alguns anos recebido de Adolfo Gútin, formação que no fundo foi desenvolvida durante longo tempo, (sete anos) na Comuna.

Um teatro de verdade é aquele que se assume como um acto perfeitamente gratuito, como de resto todos os actos de criação. Este especialmente absurdo, no sentido camusiano da palavra, porque nada mais acontece em cima do palco do que aquilo que o actor lá põe. O resto pode servir como acessório, uma espécie de pequenos impulsos laterais para levantar esse acto de criação (a do actor) à sua máxima expressão. Nada acontecerá de importante no palco se o actor não investir no acto de presença toda a sua vida, uma capacidade que pode ser trazida de diferentes zonas: a afectiva, a intelectual, a puramente emocional, etc. Utiliza-se a matéria, ou seja, o corpo do actor, o mais orgânica e profundamente possível para que o acto da representação seja tão representado que passe a ser verdade, como dizia Pessoa.»

Um grupo de teatro independente no teatro nacional

Como é que o Teatro do Mundo surgiu no palco do D. Maria II?

«Nós tínhamos pedido há bastante tempo a sala do Teatro Nacional. Isto por várias razões: pareceu-nos reciprocamente interessante realizar uma experiência destas no espaço de que aquele teatro dispõe, tanto mais tratando-se de um texto extremamente prestigiado e de um grupo e de um encenador que, pelo menos no ano passado, foram reconhecidos e valorizados pela crítica.

Só há semanas obtivemos a necessária anuência da respectiva direcção. Foram-nos concedidos alguns dias do mês de Junho.»

Houve condições ajustadas?

«Permitiram-nos montar no palco o espectáculo. Toda a despesa de montagem foi por conta do Teatro do Mundo. Pudemos utilizar os serviços do pessoal técnico, ou o seu apoio, para os espectáculos e a sua montagem. Isto espantosamente apresentou-se-nos problemático porque naquela casa não se conseguia muito bem saber quais eram os dias de folga e quais os dias de trabalho. Havia umas regras escritas e outras não escritas. Um funcionamento histórico da casa através do qual

Continua na pag. 8

Isabel Mota, a Lina de «Vila Faia»

Mostramos a idiotice que está na cabeça dos burgueses

Isabel Mota, actriz, antes do 25 de Abril no Grupo de Teatro de Campolide e no «Yes Nós Temos Bananas», fez circo. Depois o teatro revisteiro, primeiro no ABC, seguindo-se o Ádoque, finalmente no Variedades. Um ano e tal sem trabalhar, depois da experiência do Ádoque, por motivos políticos. O Teatro de revista fechava-lhe as portas, até que Vasco Morgado Júnior, decidiu pôr fim ao «bloqueio da Isabel» que hoje se encontra a pagar o preço da popularidade resultante da sua participação em «Vila Faia», mas também, fundamentalmente, porque se está em presença de uma actriz com muitos recursos, uma actriz que percebe do ofício que sabe fazer rir, fazer chorar.



FENSO
que a
imagem
que o
público
tem de
mim é a

de uma miúda. Mas quero dizer que amadureci profissionalmente e também como mulher o que é muito importante. A miúda é só no ar, remata.

Profissionalmente, o seu grande passo em frente diz ficar a dever-se em muito à possibilidade que teve de conviver com pessoas boas, cultas, que me abriram caminhos. Entre o montão de coisas que defende passíveis de mais ou menos controvérsia, Isabel Mota argumenta que o teatro é a mão a ajuda que muitos artistas têm para se mostrar, para trabalhar, porque depois há outros caminhos e o caminho futuramente é o cinema, não o teatro. A experiência dos palcos sobretudo dos de revista diz mostrou-me a necessidade, a exigência, de uma grande força interior (parêntesis para referir que a Isabel ganhou o prémio revelação em 1980), só que hoje verifico que me sinto mais à vontade com as câmaras. Neste aspecto teve já uma experiência importante resultante da sua participação no «Lugar do Mundo», um filme de António Pedro Vasconcelos que apesar de acabado, e como é habitual neste País, com as produções portuguesas, só deverá entrar no circuito comercial, daqui a um ano. Para além disso, frente às câmaras, neste caso televisivas, a Isabel desempenhou um papel no «Show Nico». A telenovela contou é como diz o grande arruado da minha vida profissional apesar de fazer o papel mais pequeno mas que é também o mais cómico, o da criada Lina.

Explicando melhor o desempenho da sua personagem telenovelsca comenta: é uma fase importante e maravilhosa por ser a descoberta da minha capacidade de trabalhar. Apesar de ser um pequeno papel tenho de me empenhar permanentemente de modo a encontrar as fórmulas que evitem que me repita.

Telenovela portuguesa não é alienatória

Da parte de uma actriz como a Isabel de quem se houve dizer que depois do 25 de Abril pensei na abertura de outros caminhos profissionais e egoisticamente deixei as minhas lutas ideológicas, pode parecer menos clara a participação no «folhetim televisivo», só que ela vê-a assim: Pode dizer-se

desta telenovela que é alienatória, sem pés nem cabeça, mas vista de um prisma mais racional, atente-se que se estão a mostrar as classes, as coisas idiotas que estão nas cabeças dos burgueses.

Aquilo que é visto diariamente na telenovela existe mesmo e é desmistificado. Por outro lado os problemas daquela malta nova que aparece nos ecrãs acontecem hoje na realidade: ali ficam registados os padrões de alienação dos rapazes que desconhecem, por exemplo, o que se passa nas Malvinas. Considero que a telenovela é um grande arranque a nível profissional em todos os aspectos. É mesmo uma vitória.

O aparecimento de uma telenovela portuguesa, totalmente baseada na «mão-de-obra» nacional, levantou de imediato a curiosidade de estabelecer termos de comparação com o produto enlatado que nos tem chegado do Brasil. Isabel Mota dá a sua opinião sobre a questão assim:

...A nossa é melhor que as brasileiras onde um beijo dura 8 minutos

Para já a telenovela tem ocupado um índice de oitenta e seis por cento de audiência, ou seja o mais alto actualmente da televisão ombreado com as transmissões dos jogos do Mundial de Futebol. Mas a grande diferença que existe entre a Vila Faia e as novelas brasileiras é que, invariavelmente, estas últimas se perdem no beijo que demora oito minutos ou noutras cenas extremamente arrastadas como um «tipo» a andar e se ver mais nada, enquanto a nossa em suma não tem esses pontos mortos.

Indo mais ao fundo do «folhetim nacional-televisivo», Isabel Mota refere os actores de Vila Faia para considerar desde logo, acho que nos Grupos Independentes, nas companhias de teatro, há muito bons actores que podiam estar a fazer o trabalho dos jovens que se encontram na telenovela. Penso que se a utilização de actores sem experiência tem estado a dar resultados é devido à boa direcção de Nicolau Breyner. Com a participação de actores profissionais a novela ainda subiu mais de qualidade, isto porque os actores de teatro podem ter muitos vícios mas em todo o mundo os artistas de televisão e de cinema vêm do teatro. Agora, é que se diz que têm muitos vícios.



Da «Vila Faia» à vida real



Actores por anúncio

O «recurso» ao anúncio no jornal para contratar um actor, como aconteceu no caso de Vila Faia, leva a Isabel a desferir ainda uma outra observação que se prende afinal com a «cena» teatral neste País. Diz ela: mesmo as pessoas que tenham a escola do conservatório chegam ao palco e faltam-lhes uma técnica. Só se pode ser bom depois de se ter trabalhado muito e, claro, não se encontram nunca actores por anúncio; é uma profissão que exige mais do que um dia de trabalho, físico e mental. Como verdadeiramente não existem cá escolas de teatro só com o tal muito trabalho é que se pode conseguir fazer coisas com qualidade. Por isso não posso acreditar em pessoas que pouco tempo depois de aparecerem sobem logo à ribalta, com o nome escrito em grande nos cartazes.

Partir, ou não, para actor por anúncio, certo é que há os que fazem carreira (pelo menos habituam-nos a vê-los anos seguidos) e os que nunca sabem onde está a esquina do desemprego. Isabel Mota, já passou por isso, como disse, por razões políticas, analisando a carreira de um actor aqui, neste «sítio», como costuma dizer parafraseando o Eça:

O teatro deste «sítio»

Em Portugal ou se é muito bom ou entra-se num esquema não muito louvável e as pessoas sobem na mesma. Mas, ser artista de teatro em Portugal, não pode deixar de ter a ver com o teatro que cá se faz. Sobre isso Isabel Mota vê assim o panorama:

O Teatro Nacional está no Rossio e os actores, por sinal bons, estão a fazer peças de autores que a maior parte não conhece. Quem é que em Portugal conhece Shakespeare ou outro grande dramaturgo? Quanto aos grupos independentes funcionam de forma mais didáctica vão mostrando às pessoas a sociedade de forma mais acessível e verdadeira, se bem que a sua linguagem seja mais intelectualizada, não vai logo directamente às coisas. Finalmente o teatro de revista está decadente, praticamente acabado, a não ser que alguém agarre a sua linguagem que é muito especial, podendo não alienar. Neste momento, aliena.

Depois, o público da revista é física e mentalmente velho, desconhecendo outras formas de rir e chorar. Regresso aos grupos independentes para apontar ainda:

Poderia trilhar outros caminhos implantando-se com outro vigor se determinados governos não o rotulassem de comunista não percebendo o seu carácter de pesquisa, a sua procura de novas linguagens e da própria mimica. O teatro é arte, não tem partido. No âmbito do ensino do teatro a Isabel liga a posição do Governo presente e dos seus gémeos anteriores à que seguem face aos grupos independentes e que se resume nisto: não há escola de teatro em Portugal. Põe-se a falar.

A última vez que o Peter Brooke esteve cá disse que éramos um País de génios, porque não há escola, não há nada. No caso de considerarmos que o conservatório é a escola pergunta-se para onde vão os alunos que de lá saem, se não há incentivo para o teatro, para a dança, para a realização? É fácil arranjar pessoas com características para um papel mas outra coisa é ter um actor que trabalhe esse papel. Isso é que é a verdadeira arte.

Pago 18\$00 por dia para viver

A Isabel Mota capaz de dizer o que fica para trás, como se define a si própria? Habilmente, socorre-se do papel que interpreta na telenovela:

O meu papel é de uma rapariga rebelde de 19, 20 anos, cheia de humor, tudo para ela tem graça. É uma personagem que tem um bocadinho a ver comigo na graça, no humor, na rebeldia. E, em suma, uma rapariga muito humana, como se verá melhor daqui para a frente. Sente os problemas das mulheres.

Talvez um tanto por rebeldia, porque «curte» também a situação, mas muito acima de tudo porque não arranja casa, é que a Isabel vive agora num parque de campismo, ali para a Costa de Caparica, numa tenda de babel, recheada de plumas, almofadas, quadros, e estampas porreiras: não há casas não tenho muito dinheiro — um artista do meu nível em qualquer parte do mundo ganha muito acima — e no campismo pago só 18\$00 escudos por dia.

Eduardo Miragaia

Notícias da BD



«Os primos Dalton»

De Lucky Luke, o cavaleiro solitário, que pode ainda dizer-se de novo? O sucesso do herói, é o que todos sabem, novos e velhos. Filão inesgotável, por conseguinte, que a Meribérica, depois da Bertrand, explora por seu turno.

«Os Primos Dalton» surgiu inicialmente na revista «Spirou», entre 18 de Abril e 12 de Setembro de 1957, reeditado um ano depois em álbum pela mesma editora.

Pertence a aventura ao período em que Goscinny dá a sua colaboração nos argumentos da série. Pormenor que conviria destacar, e que esperamos venha a ser corrigido pela editora.

Os Dalton morreram, mas ficaram os primos siameses. Objectivo número um: vingarem-se do «infame que provocou as suas mortes», Lucky Luke. Depois, é uma sucessão de azares e atribulações, que só lidos («Os primos Dalton», de Morris — desenho, e Goscinny — texto, Edição Meribérica).



«Não ao sonho!»

Um horrível horizonte «francesista», um universo pequeno-burguês saturadamente suburbano, uma comunidade tribal: eis «Achille Talon», espécie de cancro que acaba por absorver os próprios corpos estranhos, a começar pelo pobre Lefuneste.

Mais ainda: uma espécie de «Enciclopédia Mundial da Tolice Humana», perfeitamente conseguida e altamente hilariante.

Um dia, a série evoluiu para narrativas clássicas, abandonando a estrutura de uma situação amena ou em duas páginas. Poderia pensar-se que era um «segundo fôlego» que a criação de Greg visava. Mas não. Sob a pressão dos acontecimentos, a família Talon diluiu-se e os personagens secundários perderam piada. Ficou apenas o próprio Achille Talon. É pouco? É muito? Os leitores julgarão por si mesmos («Não ao sonho», de Greg, Edição da Meribérica).

«Voyage dans la lune»

Com chancela da Casterman, surge uma nova colecção de banda desenhada dedicada especialmente aos mais novos. «Viagem na Lua» narra as aventuras do capitão Ketchup, acompanhado pelos seguintes heróis: Cocktail, o gato, Pastis, o papagaio e o professor Tabatier.

Desenhos simples e «redondos» ilustram as peripécias amenas, com um «cheirinho» de Júlio Verne, da subida de um barco espacial e da luta dos simpáticos habitantes lunares contra os vorazes ratos extralunares.

Saldo da odisseia: um herói nacional, «Cocktail, gato do espaço» e um fartote de queijo... («Voyage dans la Lune», de Simon Stern, edição Casterman).



Eduardo Teixeira Coelho: o segundo fôlego, como Martin Sièvre

De Eduardo Teixeira Coelho a Martin Sièvre: as atribulações de um autor português

A «História do Mundo» em banda desenhada, editada originalmente em França pela «Larousse», e em Portugal pelas Publicações Dom Quixote, trouxeram de novo ao nosso convívio Eduardo Teixeira Coelho.

De quem se trata?

As gerações mais novas terão dele, porventura, uma visão difusa. Não admira, pois as suas criações fizeram «lei» nos anos 40, através nomeadamente da revista «O Mosquito», onde colaborou intensamente com algumas das bandas desenhadas mais representativas da incipiente BD portuguesa.

Nasceu nos Açores (Angra do Heroísmo) em 4 de Janeiro de 1919.

Aos 11 anos, está em Lisboa. É no «Sempre Fixe» que os seus primeiros trabalhos — anedotas ilustradas — conhecem a es-

tampa.

As «Engenhocas», trabalhos manuais propostos aos leitores em página especializada de «O Mosquito», revelaram outra faceta do autor. É assim que ele entrará na revista, como responsável pelos desenhos das construções publicadas.

Com o desaparecimento do «Engenhocas», Eduardo Teixeira Coelho começa a ilustrar novelas na mesma publicação.

O passo seguinte, seria a BD, onde Teixeira Coelho pôde dar expressão às suas capacidades artísticas.

Desenvolvendo temas originais («Os guerreiros do Lago Verde» ou «Falcão Negro»), adaptando obras literárias conhecidas («A Torre de D. Ramires» ou «O Tesouro») ou explorando temas da história de Portugal («Os Doze de Inglaterra» ou «A Caminho do Oriente»), Eduardo Teixeira Coelho preen-

che no espaço da BD nacional uma posição que bem se poderá considerar próxima do regime corporativo.

As afinidades ideológicas do artista com o ideário do Estado Novo estão bem patentes no modo como se debruçou sobre a história dos Descobrimentos, por exemplo.

No entanto, está fora de questão a imensa qualidade da BD criada por Teixeira Coelho, que só não terá tido possibilidades de atingir outros expoentes, devido às más condições de trabalho que então lhe eram oferecidas.

Tão más, de resto, que acabaria por ter de sair do país e fixar-se no estrangeiro.

O itinerário do artista português é, a partir desta altura, bastante mais difícil de seguir.

Passaria por Londres, onde desenhou histórias curtas para a «Amalgamated Press».

Depois, deixa sinais da sua

presença em França e na Bélgica. Instala-se em Florença, onde a par do seu trabalho no domínio dos quadrinhos, desenvolve intensa actividade artística.

Em termos de criações, o destaque vai para o seu trabalho na revista «Vaillant», depois transformada em «Pif-Gadget», onde assina grandes criações como «Ragnar», com o pseudónimo de Martin Sièvre.

Em 1973, o Festival de Lucca consagra uma carreira de desenhador, ao atribuir-lhe o prémio para o melhor desenhador estrangeiro.

E entre nós?

A consagração do criador tarda. As suas mais recentes criações ainda esperam editor. Correm alguns rumores nesse sentido. Mas terão algum fundamento?

Carlos Pessoa

Por favor, quando calha ou alugado

Continuação da pág. 7

nos apreçebamos de que não se sabia muito bem quem tinha obrigação de trabalhar e quem a não tinha e a que horas. Ora nós não estávamos habituados àquilo, ficámos um pouco perplexos perante tais dificuldades. Trabalhamos duramente para ganhar a nossa vida e ainda mais duramente para conseguir chegar até ao público...

Dá uma para a outra

Pressupõe-se, no entanto, ter havido regalias ou vantagens de outra ordem...

«Como nos foi dito, o Teatro Nacional tem uma despesa de vinte e oito mil escudos diários só para abrir a porta ao público. Ora bem, esta quantia é imputada ao Teatro do Mundo, o que de resto dá uma para a outra porque nós estamos a receber dinheiro do Estado sob a forma de subsídio e a devolvê-lo sob a forma que acabámos de mencionar. Resumindo: à cabeça da bilheteira, vinte e oito mil escudos diários, MÍNIMO. A pu-

blicidade paga foi à custa do Teatro do Mundo, a que houve, a que pudemos fazer. A capa do programa foi à custa do Teatro do Mundo (o resto era 3 folhas de stencil).

A promoção do espectáculo, baseada na publicidade não paga, entrevistas, notícias, artigos, serviços de divulgação da imprensa ou da rádio foi quase toda a cargo do Teatro do Mundo.

Se, para além disto, o espectáculo tivesse constituído um enorme êxito de afluência de público, fenómeno que com todos estes condicionamentos seria difícil (de resto «A Gai-vota» nesta encenação não possibilitava a presença muito numerosa de pessoas, de cada vez), dizia, se se conseguisse o chamado «boom» de bilheteira, então o dinheiro que restasse ficaria para o Teatro Nacional na proporção de setenta por cento, retirados os trinta para o Teatro do Mundo.

Valeu a pena

Opção, descuido, interesse

ou desespero de causa?

«Não tínhamos qualquer velocidade de sermos pagos pelo nosso trabalho, pelo contrário, pagámos para estar lá, enquanto nos tenham sido gentilmente emprestados alguns móveis e adereços.

Compreende-se que uma casa como esta, com dezenas e dezenas de trabalhadores — actores, técnicos e administrativos — consiga viver mal com os setenta mil contos que recebe por ano... Aceitámos portanto as regras da jogada, achámos que valeu a pena. De resto se o não fizéssemos qual poderia ser a alternativa?»

Entre o teatro velho e o teatro novo

As peças de Tchekov foram, para o teatro russo, transgressoras de todas as regras do seu tempo: introduzem no palco a vida quotidiana, as pessoas vulgares, a linguagem corrente.

A vasta obra deste autor

resiste ao tempo e aos gostos porque não critica. Mostra-nos num espelho, conduz-nos ao confronto e à reflexão e não obstante escrever sobre a angústia, a tristeza, o sofrimento físico e moral, não é um pessimista.

«A nossa opção teve por fundamento a utilização dum espaço devoluto conjuntamente com a urgência de aparecermos com este novo espectáculo; o tratar-se de uma peça que qualquer grupo de actores minimamente conhecedores da História do Teatro, em geral, ou da História do Teatro em Portugal, até pagaria, como o fizemos, para a representar no palco do Teatro Nacional D. Maria II. É que é uma peça sobre o conflito entre o teatro velho e o teatro novo, entre o impulso criador voltado para o que é pesquisa e as barreiras institucionais postas a estes estímulos por uma sociedade caduca e retrógrada. Foi uma aposta de alto preço mas que pagámos com toda a boa vontade.»

Maria Emília Correia